



UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DOCENTE
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - MESTRADO PROFISSIONAL

**DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE PAULO FREIRE E AUGUSTO BOAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA.**

Fátima Adrienne de Macedo Soares

Uberlândia- MG

2023



**UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DOCENTE
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - MESTRADO PROFISSIONAL**

**DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE PAULO FREIRE E AUGUSTO BOAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA.**

Fátima Adrienne de Macedo Soares

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Práticas Docentes para Educação Básica

Orientadora: Professora Doutora Gercina Santana Novais.

Uberlândia- MG

2023

FÁTIMA ADRIENNE DE MACEDO SOARES

**DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE PAULO FREIRE E AUGUSTO BOAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 31/10/2023

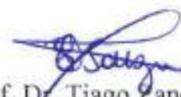
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dr.ª. Gercina Santana Novais
(Orientadora).
Universidade de Uberaba UNIUBE



Prof.ª. Dr.ª. Fernanda Nogueira Campos
Rizzi.
Universidade Federal de Uberlândia -
UFU



Prof. Dr. Tiago Zanquêta de Souza.
Universidade de Uberaba -UNIUBE

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

- S11d Soares, Fátima Adrienne de Macedo.
Diálogos possíveis entre Paulo Freire e Augusto Boal: contribuições para a educação de jovens e adultos - EJA / Fátima Adrienne de Macedo Soares. – Uberlândia (MG), 2023.
115 f. : il., color.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação: Formação Docente para a Educação Básica. Linha de pesquisa: Práticas Docentes para Educação Básica.
Orientadora: Profa. Dra. Gercina Santana Novais.
1. Educação de adultos. 2. Educação do adolescente. 3. Alfabetização de adultos. 4. Educação. I. Novais, Gercina Santana. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação. III. Título.
- CDD 374.012

Dedico esta pesquisa aos estudantes jovens, adultos e idosos, encontrados ao longo do caminho na Educação de Jovens e Adultos – EJA.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de realizar um sonho quase esquecido.

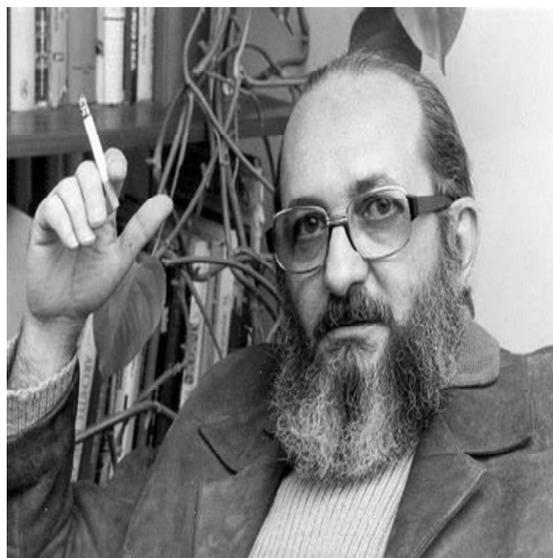
Àquelas que são presenças constante, estímulo seguro e apoio incondicional em minha trajetória: minha filha Maria Cecília e minha mãe D. Laurinda.

Aos professores da Banca Examinadora, Prof.^a Dr.^a Fernanda Nogueira Campos Rizzi e Prof.^o Dr. Tiago Zanguêta, de Souza, pela análise, sugestões e orientações enriquecedoras.

A UNIUBE e a todos os professores do curso.

A Dr.^a Irley Machado, que me ensinou sobre a grandiosidade do Teatro e o quanto o mesmo contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional do ser humano.

Dirijo um agradecimento especial a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Gercina Santana Novais, que em momento algum soltou a minha mão, me mostrou caminhos, abrindo-me portas para eu me tornar pesquisadora.



A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca.
E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.
(Freire, 1996, p. 160)



O teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos
a conhecermos melhor a nós mesmos e ao nosso tempo.
(Boal, 1999, p. xi)

RESUMO

O presente trabalho está vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação: Formação Docente para a Educação Básica, por meio da linha de pesquisa **Práticas Docentes para Educação Básica**, e ao Grupo de Pesquisa em Formação Docente, Direito de Aprender e Práticas Pedagógicas/Projeto Guarda-chuva, intitulado “Pesquisa, Formação e Intervenção na Educação: estudos em contextos educativos escolares e não escolares”, ao projeto Educação na Diversidade para a Cidadania: um estudo de processos educativos e formativos escolares e não escolares e à Rede Cooperativa de Ensino, Pesquisa e Extensão em Escolas de Educação Básica - RECEPE. Sua temática centra-se no estudo das elaborações de Paulo Freire e Augusto Boal e sua contribuição para a Educação de Jovens e Adultos. Elege como objetivo geral, analisar as contribuições de Augusto Boal (1975) encontradas em seu *O teatro do oprimido e outras poéticas políticas* e de Paulo Freire com a obra *Pedagogia do oprimido*” (Freire, 1967), para a Educação de jovens e Adultos, na criação de uma EJA formadora de um pensamento emancipador, crítico e autônomo, e diálogos possíveis entre esses autores. Adotou-se o enfoque qualitativo com o intuito de melhor compreender o Método e a possibilidade de aplicação das formas e técnicas do TEATRO DO OPRIMIDO e outras poéticas políticas e formulações contidas no livro PEDAGOGIA DO OPRIMIDO. O referencial teórico está centrado na obra dos dois autores e na pesquisa bibliográfica que aborda estudos e considerações sobre a aplicação dos processos pedagógicos de Freire e Boal. Os resultados da pesquisa permitem afirmar que os diálogos entre Freire e Boal contribuíram de forma efetiva para a EJA nas escolas que inseriram metodologias inspiradas nas formulações de Freire e Boal. Essas contribuições são ancoradas, especialmente, na relação entre educador-educando, educando-educador; ator-expectador, expectador-ator, marcada pela ausência de hierarquias e pela constituição do sujeito democrático e livre. Além disso, ofereceu elementos para elaboração da proposta de Diálogos com Professores da EJA, um processo formativo sobre as contribuições de Freire e Boal.

Palavras-chave: Pedagogia do Oprimido. Teatro do Oprimido. EJA.

ABSTRACT

This work is linked to the Professional Master's Program in Education: Teacher Training for Basic Education, through the research line Teaching Practices for Basic Education, and to the Research Group on Teacher Training, Right to Learn and Pedagogical Practices/Projeto Guarda -chuva, entitled "Research, Training and Intervention in Education: studies in school and non-school educational contexts", and to the project Education in Diversity for the Citizenship: a study of the educational and formative school and non-school processes, and to the Cooperative Network of Teaching, Research and Extension in Basic Education Schools - RECEPE. Its theme focuses on the study of the works of Paulo Freire and Augusto Boal and their contribution to Youth and Adult Education. Its general objective is to analyze the contributions of Augusto Boal (1975) found in his *The theater of the oppressed and other political poetics* and of Paulo Freire with the work *Pedagogy of the oppressed* (FREIRE, 1967), for Youth and Adult Education, in creation of an EJA that forms emancipatory, critical and autonomous thinking, and possible dialogues between these authors. A qualitative approach was adopted with the aim of better understanding the Method and the possibility of applying the ways and techniques of THEATER OF THE OPPRESSED and other political poetics and formulations contained in the book PEDAGOGY OF THE OPPRESSED. The theoretical framework is centered on the work of the two authors and on bibliographical research that addresses studies and considerations on the application of Freire and Boal's pedagogical processes. The research results allow us to affirm that the dialogues between Freire and Boal contributed effectively to EJA in schools that adopted the methodologies inspired by Freire and Boal's formulations. Those contributions are anchored, specially, in the teacher-student, student-teacher; actor-spectator, spectator-actor relationship, marked by the lack of hierarchies and the democratic and free subject's constitution. Furthermore, it offered elements for preparing the proposal for Dialogues with EJA Teachers, a training process on the contributions of Freire and Boal.

Keywords: Pedagogy of the oppressed. Theater of the oppressed. EJA.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –

Levantamento de teses, dissertações e artigos, no período de 2017 a 2021 em todas as áreas do conhecimento, utilizando os descritores: “Pedagogia do Oprimido, Teatro do Oprimido e EJA” 37

Quadro 2 - Inventário organizado a partir do levantamento bibliográfico 39

Quadro 3 - Prováveis diálogos entre Freire e Boal 63

ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Ceale	Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, órgão complementar da Faculdade de Educação da UFMG
CED	Centro Educacional Irmã Maria Regina Velanes Regis
DIVEP	Divisão pedagógica da S R E
EJA	Educação de Jovens e adultos
FE-UnB	Faculdade de Educação da Universidade de Brasília
FICB	Faculdades Integradas da Católica de Brasília
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PDPI	Plano de desenvolvimento pedagógico institucional
PROETI	Projeto Escola de Tempo Integral
SRE	Superintendência Regional de Ensino
sciELO	Biblioteca Eletrônica Científica Online
SEE	Secretaria de Estado de Educação
UEMG	Universidade Estadual de Minas Gerais
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UEMONTES	Universidade-Estadual de Montes Claros

SUMÁRIO

PRÓLOGO – Vivências minhas	14
INTRODUÇÃO	28
Objetivo geral -	34
Objetivos específicos -	34
Metodologia -	35
Pesquisa bibliográfica -	35
Análise de Freire e Boal -	42
SEÇÃO 1 - A Pedagogia do Oprimido e O Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas	43
1.1 Paulo Freire, por uma <i>Pedagogia do Oprimido</i> , contexto, estudo e aplicação.	43
1.2 Augusto Boal – <i>O teatro do Oprimido e outras poéticas políticas</i> , contexto e Concepção.	52
1.3 Diálogo entre Paulo Freire e Augusto Boal: De educador social a educador criador.	62
SEÇÃO 2 - PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: Resultados e Reflexões	67
2.1 Em busca de diálogos e contribuições de Freire e Boal para a EJA.	67
2.2 O Teatro jornal como recurso pedagógico na Educação de Jovens e Adultos	73
2.3 Entrecruzando resultados	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSIÇÕES - Eliminando fronteiras – encurtando distâncias	80
REFERÊNCIAS -	85
ALBUM DE IMAGENS -	88
APÊNDICE 1 - Eixos de análise estabelecidas pelo método indutivo.	102

APÊNDICE 2 – Instrumento para a leitura da obra selecionada.	104
APÊNDICE 3 - PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	107

PRÓLOGO: Vivências Minhas

O princípio

Por ser de lá
Do sertão, lá do cerrado
Lá do interior do mato
Da caatinga do roçado...
Eu quase não sei de nada...
(Dominguinhos e Gilberto Gil, 1975).

Nasci na cidade de Montalvânia no extremo norte de Minas Gerais em 23 de maio de 1967, onde vivi até os meus 34 anos.

Meu pai era dono do cartório da cidade, leitor e grande apreciador de Machado de Assis, Malba Tahan, Jorge Amado... a livrinhos de bolso do Velho Oeste. Minha mãe foi professora primária, mas atuou pouco tempo na docência, dedicando-se mais a parte administrativa, permanecendo como diretora por 20 anos na mesma escola. Na época a direção das escolas da Rede Estadual mineira era feita por indicação política.

Formação Escolar

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer,
reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje,
as experiências do passado.
A memória não é sonho, é trabalho.
(Bosi, 1994, p. 17).

Ao repensar as memórias que constituíram minha experiência, reconstruo meu processo de formação a partir de vivências adquiridas no espaço escolar. Fiz Jardim de Infância, e o diploma que guardo até hoje, feito de forma artesanal revela os sonhos e o afeto de uma infância feliz. Daquele período lembro com muita clareza de uma atividade feita com a técnica do alinhavo. Com uma agulha grossa, com pontos de alinhavo, fazíamos o contorno de um desenho sobre um papel firme. Eu amei fazer o contorno de um morango que achei lindo! Na escola comemorávamos as datas festivas e nos Dia das Mães eu declamei a poesia “Batatinha quando nasce”, eu estava me achando linda, bem arrumadinha, mas tinha esquecido de colocar o cadarço na congá¹. A infância é algo mágico e não esquecemos muitas das sensações vividas: lembro do cheiro delicioso da maçã, a fruta mais sofisticada que conhecíamos em nossa cidade, ela vinha embrulhada em um papel de seda roxo e só

¹ Pequeno sapato de lona azul com ponta de borracha branca. Uma espécie de tênis.

ganhá-vamos quando minha mãe viajava para participar de alguma reunião ou algum curso na Delegacia de Ensino de Januária. Naquela época aprendi a escrever o meu nome completo, um orgulho! Detalhe: saí de férias e quando voltei não sabia mais como escrever o meu nome. Havia esquecido! Foi quando descobri contrariada que meu nome era Fátima Adrienne de Macedo Soares, e do qual não gostei nem um pouco, queria me chamar Adrienne Maria, semelhante ao da minha irmã, Anayra Maria, já que o nome de meus irmãos era Geraldo Fábio e Geraldo Flávio.

Estudei na Escola Pública do 1º ao 8º ano. Tenho boas lembranças da minha professora da primeira série, D. Cidinha. Nas sextas-feiras ela nos contava lindas histórias retiradas do livro “*As mais belas histórias*”. A história da Cinderela me agradava muito pois era acompanhada de um cartaz cheio de imagens com ricos detalhes que me faziam viajar.

Sempre gostei muito de histórias, em casa tínhamos vários livros, quando passavam vendendo livros na escola minha mãe os comprava, e eu lia todos, tendo lido toda coleção de Monteiro Lobato. Também escutávamos histórias em uma radiola, em discos de vinil coloridos e pretos, a que eu mais gostava era a de Pé-de-vento, sei cantar a música até hoje. A história dos três porquinhos era lida na escola, onde decorávamos o texto, recortando frases, palavras, sílabas e por últimos as letras.

Meu pai era muito afável e engraçado. Quando ele estava em casa brincávamos na rua no final da tarde. A criançada gostava porque além dos jogos infantis ele geralmente dava ideias para aprontarmos com nossas mães. As brincadeiras de rua tinham uma pequena trégua quando a cidade recebia parques de diversões, eu só tinha coragem para andar no carrossel.

Quando o circo chegava na cidade era uma alegria só. Os espetáculos com palhaços de todo tamanho, pernas-de-pau, dançarinas, tudo muito colorido, nos encantava. Após a partida do circo, Tacinha uma vizinha e atriz nata, organizava outro circo com releituras dos números apresentados nos espetáculos vistos anteriormente. Nos encantávamos ainda com o desfile do único bloco de carnaval da cidade, que passava na avenida em que morávamos, já que para nós o carnaval era algo proibido. De alguma forma o ritual do carnaval nos remete ao que deveria ter sido o início do teatro na antiga Grécia. É Augusto Boal quem afirma: “No princípio, o teatro era o canto ditirâmico: o povo livre cantando ao ar livre. O carnaval, A festa. (Boal, 1975, p. 127). Entre outros divertimentos experimentados em minha infância, além desse espetáculo genuíno representado pelo carnaval, conheci o cinema no salão paroquial com histórias bíblicas, e o cinema da cidade.

Em noites de lua cheia, deitávamo-nos em uma esteira na calçada inclinada, entre o portão e a porta da minha casa para cantarmos para lua. O repertório era de seresta, de músicas

folclóricas como o *Facção Guarani, São Francisco...* finalizando sempre com o *Hino de Minas Gerais*.

Na cidade todos os anos havia dois desfiles: Comemorava-se o aniversário da cidade em 22 de abril e a independência do Brasil em 7 de setembro. Os desfiles eram muito esperados por nós estudantes. Os ensaios me atraíam mais pois me permitiam sair de casa duas vezes no dia, era uma festa, eu me divertia com colegas de outras turmas que aprontavam nos ensaios. Eu só não entendia os slogans que usávamos no uniforme durante o mês de setembro: “Este é um país que vai pra frente”, acredito que originado do “Pra frente Brasil”, refrão da música que embalou a copa de 1970 no México. Marchando sob a poeira e o sol quente, não víamos possibilidade de ‘ir para frente’. Estávamos em 1976, o Presidente era o militar Ernesto Geisel Beckmann e vivíamos uma ditadura das mais sérias que o Brasil já enfrentou. Penso em Freire quando ele diz, “não se pode sloganizar (sic) as massas, mas dialogar com elas para que o conhecimento experiencial em torno da realidade, fecundado pelo conhecimento crítico da liderança, se vá transformando em razão da realidade.” (Freire, 1967, p.181). Será que hoje ainda lembramos da verdade dessa afirmação de Freire?

Quando estava com 10 anos perdi meu pai e não sei se como consequência do trauma vivido pela perda, minha mãe passou a desenvolver a doença do vitiligo. Tendo que acompanhar esse momento de dificuldade familiar e minha irmã estudando em Montes Claros passei a ocupar o lugar de irmã mais velha.

Na época, eu estava na quarta série e comecei a tirar notas baixas. Minha mãe acreditava necessário que eu passasse por uma recuperação. Minha professora, D. Marilene, me deu outra oportunidade, auxiliando-me a estudar e aplicando-me uma outra prova o que me ajudou a superar as dificuldades momentâneas pois eu era considerada boa aluna.

Quando criança, na clássica pergunta de: O que você quer ser quando crescer? Sempre respondia que queria ser professora. Lembro que um dia falei a minha avó: “Vovó, vou ser professora e venho morar com a senhora”! Ela apenas riu, mas sempre que eu falava, minha mãe apoiava. O tempo passou e nunca mudei de ideia.

Não sabia em que matéria iria me especializar. Minha predileção recaía sobre as aulas da segunda-feira que eram de literatura ministradas pela professora D. Maria Elena. Líamos de tudo, desde Cecília Meireles até a Série Vagalume. Gostava de fazer as fichas literárias, mas não gostava muito de gramática e ficava incomodada com as arguições sobre os verbos.

Na época, adolescente, eu me mostrava bastante tímida e falar em público sempre me causava uma grande aflição. Lembro da apresentação de um trabalho de ciência em grupo, quando devia explicar o fenômeno da fotossíntese. Um colega começou a fazer perguntas e

embora o professor se mostrasse indiferente eu fiquei nervosa e me atrapalhei muito. Após o que passei a não opinar mais, mesmo assim continuei desejando ser professora.

Conseguí me libertar de minha timidez apenas no trabalho final de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Superior.

Eu tinha 14 anos quando fui morar em Montes Claros com tia Helena, para fazer o 2º grau. Minha tia, me matriculou no científico, argumentando que eu era muito jovem para escolher uma profissão, e que no científico eu teria 3 anos para decidir. Então eu fui até a secretaria e mudei para o Curso Normal, o que não agradou muito a tia Helena.

O Curso Normal foi extremamente gratificante, fiz um curso bem-feito pois gostava de todas as disciplinas! Me deixei seduzir pela Metodologia do ensino da Linguagem, onde reconheci o processo pelo qual fora alfabetizada: Processo Global de contos, do Método Analítico. Trata-se de um processo que vai do todo para as partes. Naquele momento relembrei dos recortes e colagens de textos e da confusão que fazia confundindo o “i” com o “j” por conta do acento.

A influência que recebera de meu pai e o conhecimento adquirido por meio do método muito contribuíram para que eu me tornasse uma boa leitora. Foi quando decidi que queria ser uma pedagoga.

Talvez por ser do sertão, talvez pelo contexto... Quando fiz vestibular não sabia a diferença entre uma Universidade Pública ou Privada, queria estudar em Brasília. Eu conhecera a cidade aos 6 anos e me apaixonara por ela. Pedi a uma prima, por carta, para fazer minha inscrição para o vestibular. Ela fez para a FICB², fui aprovada e estudei nela até minha formatura.

Em uma das semanas pedagógicas promovida pela Faculdade tive o privilégio de ouvir Paulo Freire. O encantamento que seu método e sua pedagogia operaram em mim foi instantâneo. O educador relatou brevemente sua experiência de alfabetização em 1963, no interior do Rio Grande do Norte na cidade de Angicos. Naquele momento nasceu meu desejo de alfabetizar jovens e adultos. A experiência de Freire com a alfabetização foi o Projeto-Piloto do programa Nacional de Alfabetização do governo João Goulart. A ditadura que se instalou com o Golpe Militar de março de 1964 fez com que o programa ficasse em suspenso e Freire viu-se na contingência de exilar-se em outubro de 1964.

De 1986 a 1990, vivi uma época feliz, foram os anos de Brasília, em que meu processo de conscientização política começou a se desenvolver. Recentemente o documentário

² FICB- Faculdades Integradas da Católica de Brasília

“Democracia em Vertigem”³, realizado pela cineasta Petra Costa, lançado pela Netflix em 2019, me fez reviver o momento de meu primeiro voto, portando o boton Lula-la, o que ainda hoje me emociona.

No final de meu curso superior tinha a sensação de não ter aprendido muito. Para fazer o estágio escolhi o Centro Educacional de Brasília, queria que a Faculdade soubesse o pedagogo que estava formando. Não apresentei o projeto de estágio, só a carta e falei do meu descontentamento com o curso. Mesmo assim, fui bem recebida. Minha primeira habilitação foi Orientação Educacional então passei a acompanhar as atividades realizadas pela Orientadora Educacional do centro em que estagiava. Ao acompanhar as atividades, comecei a sugerir e logo iniciei fazendo estudo de casos, aplicando diferentes dinâmicas com alunos. As professoras começaram a notar o quanto os alunos atendidos evoluíam na aprendizagem e mesmo no comportamento. Me senti feliz por não ter desistido do Curso! Fui a única estagiária a ser convidada para fazer parte, como funcionária da escola, e a ganhar uma bolsa para fazer Pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior na Faculdade.

Experiência Profissional

Procuro-me no passado e outrem me vejo, não encontro a que fui, encontro alguém que a que sou vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminando pelo aqui e agora. (Soares, 2001, p.37).

Meu primeiro trabalho foi em 1990, numa turma de alfabetização, ensinando estudantes de classe alta de Brasília. Na época Emília Ferreiro era referência com o Construtivismo. Apesar de certa confusão em relação à teoria construtivista, e ao fato de que os níveis de escrita e leitura não terem sido bem compreendidos, o trabalho de Ferreiro e Teberosky, foi incorporado como metodologia de ensino. O estudo da psicogênese da leitura e escrita, desenvolvido por Emília Ferreiro⁴ e Ana Teberosky, ancora-se na teoria de Jean Piaget.

O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito o qual espera que

³ Democracia em Vertigem – Documentário longa-metragem que narra o processo de crise política vivido durante o período final do governo PT e o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff.

⁴ Emília Beatriz Maria Ferreiro Schavi, psicóloga e pedagoga argentina, radicada no México, doutora pela Universidade de Genebra, sob a orientação de Jean Piaget. Considerada uma das maiores psicólogas e pedagogas da história, é uma das principais teóricas do campo da psicopedagogia na América do Sul e no mundo. Em 2001, recebeu a Ordem Nacional do Mérito Educativo do governo brasileiro. Faleceu no dia 26 de agosto de 2023, na Cidade do México, aos 87 anos, deixando um enorme legado para a área.

alguém que possui um conhecimento o transmita a ele por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo. (Ferreiro e Teberosky, 1999, p. 27).

Dentro de uma postura eclética e de forma um tanto tímida, comecei a identificar o nível de leitura e escrita dos meus alunos, e a organizar atividades de alfabetização. Me servia do processo silábico, da contação de histórias, e da produção coletiva de texto. Pela minha natural dificuldade com a matemática, todos os conteúdos apresentados e trabalhados eram feitos com material concreto, material dourado, flanelo-gravuras, ábaco, QVL⁵. Tinha receio de passar para os meus alunos minha insegurança em relação à matemática. Precisei ver a matemática com outros olhos, aprendi ao ensinar, nos finais de semana me dedicava a corrigir, analisar e planejar.

Trabalhei no Centro Educacional de Brasília, de dezembro de 1989 a janeiro de 1991, onde desejava permanecer, mas o salário que recebia não era suficiente para me manter, fiz o concurso para a Fundação Educacional, sem sucesso. Passei a refletir que embora amasse Brasília, lá não deveria ser o meu lugar. Voltei para Montalvânia em fevereiro de 1991, e fui designada para trabalhar como professora no Curso Normal noturno e com orientação educacional no turno diurno.

Como professora do Curso Normal, ministrei as disciplinas: Metodologia da Linguagem e Literatura Infantil, orientando e apresentando formas de trabalhar os processos de alfabetização, suas vantagens e limitações, e a importância de investir e explorar a literatura infantil. Por meio das diversas formas de contação de história, salientei o quanto a literatura favorece o processo de alfabetização, argumento defendido por inúmeros alfabetizadores.

Na Orientação Educacional, atuei nos anos iniciais e na pré-escola, enquanto o Estado de Minas Gerais ofereceu essa modalidade. O Estado achou por bem eliminar a questão da orientação nos anos iniciais e passou a adotar apenas a supervisão escolar, mas o trabalho desenvolvido era o mesmo. Ao iniciar meu trabalho como pedagoga, o desafio encontrado foi a resistência das professoras para receber orientações e sugestões. Elas não tinham o menor pudor em pedir para xerocar material o que fiz algumas vezes. Normalmente eu me negava pois estava elaborando projetos e estudando as propostas da SEE. A política pública para a

⁵ QVL – Quadro valores de lugar.

alfabetização era o CBA⁶, que coloquei em prática, avaliando os estudantes por meio de atividades diversas, ouvindo-os ler, agrupando-os por níveis, conforme a orientação estabelecida no documento. Durante esse processo percebi que muitos estudantes, estavam na escola há muito tempo, no CBA I, e lá ficavam retidos. Comentei com uma amiga psicóloga, e ela ofereceu e aplicou um teste para verificar “o atraso cognitivo dos alunos repetentes”: eram 09 crianças, todas tinham amadurecimento psíquico incompatível com a idade cronológica. De posse desses dados, sugeri atividades diversificadas para os professores trabalharem em sala de aula e, paralelo a isso, elaboramos um projeto com jogos voltados para alfabetização: eu trabalhava na biblioteca com alguns estudantes enquanto a professora trabalhava com a atividade de leitura em sala. Para os 09 estudantes, solicitamos ao diretor uma alfabetizadora eventual, mas ficou combinado que ela alfabetizaria os 09 estudantes. Em reunião com as professoras informei o que seria feito, propondo-me para assumir a sala de aula, na falta de alguma delas. No final daquele ano os estudantes que lá haviam permanecido durante anos sem evoluírem, foram alfabetizados. Iniciamos uma parceria! Hoje percebo que, mesmo tendo funcionado naquele momento e cumprido com as propostas e orientações, aqueles agrupamentos eram excludentes. A ideia de atraso cognitivo escondia processos de desigualdades na escolarização das classes populares. Embora dentro de um processo contraditório, elaboramos e fizemos inúmeros projetos pedagógicos. Nos servimos do teatro, da música e das artes visuais e trabalhávamos com alegria. Um dos inspetores de ensino acabou por conhecer o trabalho que realizei com o CBA. Ele solicitou que fosse socializado com toda jurisdição, o que fiz. Graças a esse trabalho fui convidada para participar de todos os eventos oferecidos pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais -SEE.

Estudei e apliquei todas as políticas estabelecidas e propostas pela SEE nos 11 anos que atuei como supervisora. Naquele momento, embora consciente de que nem todas as políticas poderiam ser adotadas e resultariam de forma positiva, eu apenas queria fazer o meu trabalho da melhor forma possível, o que me preparou para o concurso de Analista Educacional em que fui aprovada.

Em 1998, o Curso Normal deixou de ser oferecido nas escolas da Rede Estadual. Passei a trabalhar na supervisão e em 1999 fui convidada para prestar serviço na Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, como professora supervisora para as turmas do Curso Normal Superior, no núcleo da cidade de Manga, e para as cidades de Montalvânia e

⁶ CBA – Ciclo Básico de Alfabetização é compreendido como um tempo sequencial de três anos, ou seja, sem interrupções, por se considerar, pela complexidade da alfabetização, que raramente as crianças conseguem construir todos os saberes fundamentais para o domínio da leitura e escrita.

Juvenília. O projeto era uma parceria das prefeituras de cidades distantes, com o objetivo de oferecer uma formação em licenciatura no curso Normal Superior aos professores dos anos iniciais que não tinham tido a oportunidade de cursar uma universidade. O trabalho consistia em orientar, corrigir as atividades propostas pelas disciplinas trabalhadas durante o curso nas férias, e acompanhar o estágio que acontecia durante o trabalho. As orientações eram realizadas em plantões de 15 em 15 dias na Secretaria Municipal de Educação das cidades participadoras. Os plantões funcionavam da seguinte forma: em um primeiro momento eram analisados os registros das aulas elaboradas e aplicadas pelas professoras cursantes; num segundo momento ministrávamos aulas com temas e material definidos pela Universidade.

Durante 11 anos atuei nas escolas da rede estadual de Minas Gerais. O Estado ficou 16 anos sem concurso para efetivos na área da educação. Em agosto de 2001 foi publicado um Edital de concurso para todos os cargos da rede estadual, inclusive para as SREs que até então nunca tinha acontecido. Inscrevi-me para o concurso de Supervisor Pedagógico e de Analista de Administração-Pedagoga, tendo sido bem classificada nos dois. Por questões familiares, optei pelo cargo de Analista com as inúmeras e diferentes atribuições. Cargo que tomei posse no ano seguinte, em 23 de maio de 2002.

Embora concursada senti uma grande dificuldade em ser aceita pelos meus pares, o que também aconteceu com outros concursados, fazendo com que alguns até desistissem do cargo. Fui colocada no núcleo de informática mesmo sem conhecer grande coisa do assunto. Naquele ínterim saí de licença maternidade. Em meu retorno fui locada na Divisão pedagógica da S R E -DIVEP, onde estou até hoje.

Em 2004 houve o início da implantação do Ensino Fundamental com duração de 9 anos na Rede Estadual Mineira. As capacitações tratavam da legislação e adequação da mesma, e em 2005 as orientações para a organização do Ciclo Inicial e Alfabetização tinham como documento orientador a coleção de seis cadernos: Caderno 1 - Ciclo Inicial de Alfabetização; Caderno 2 - Alfabetização; Caderno 3 - Preparando a escola e a sala de aula; Caderno 4 - Acompanhando e avaliando, 5 - Avaliação Diagnóstica: Alfabetização no Ciclo Inicial e 6 - Planejamento da alfabetização. Estes cadernos foram elaborados por pesquisadores e doutores da UFMG - Ceale Centro de Alfabetização, leitura e escrita FaE/UFMG. Todos os cadernos foram elaborados tendo como referência a Psicogênese da Língua Escrita seguindo a indicação do trabalho de Ferreiro e Teberosky, de 1999.

Em 2006, a SEE em parceria com o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - Ceale, órgão complementar da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais -

UFMG, realiza a primeira Edição do Proalfa⁷, introduzindo uma avaliação para verificar os níveis de alfabetização alcançados pelos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o resultado foi alarmante.

Os primeiros resultados do Proalfa em 2006, revelaram que 48,6% dos alunos do 3º ano do Ciclo da Alfabetização (1º, 2º e 3º anos dos anos do ensino fundamental) da rede estadual de ensino encontravam-se no nível recomendável de leitura, indicando a gravidade do problema e a necessidade de criação de uma política pública com foco nos três anos iniciais do ensino fundamental. (Programa de Intervenção Pedagógica nas Redes Municipais de Ensino, 2012).

O Plano de Intervenção Pedagógica (PIP) foi gestado em parceria com o próprio Ceale. Designaram-se alfabetizadores de diversos lugares de Minas para o órgão Central com o fim de elaborar, capacitar e monitorar os analistas das SREs, e professores e pedagogos foram convidados para atuarem como analistas. No primeiro momento a capacitação ficou a cargo da SEE em Belo Horizonte, quando se teve o privilégio de ouvir Magda Soares⁸, e aprender seus ensinamentos. Após identificar e avaliar os níveis de leitura, letramento e aprendizagem, dos estudantes dos anos iniciais, os professores eram capacitados e as atividades orientadas, por meio de sequências didáticas e projetos, objetivando a evolução da leitura e letramento.

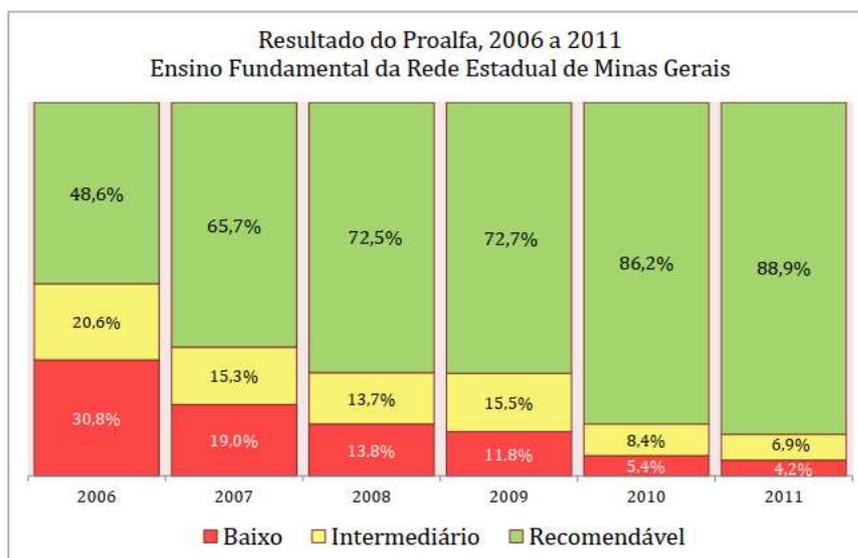
O PIP iniciou pelos anos iniciais, estendendo-se nos anos complementares ao Ensino Fundamental II. Para desenvolver esse programa, convidaram-se professores e especialistas de todas as disciplinas. No quadro da SRE de Uberlândia 30 professores e especialistas atuaram como analistas. Foi um momento ímpar para as escolas da rede pública estadual mineira. Pela primeira vez ocorreu uma parceria efetiva entre escolas, especialistas, professores e estudantes.

Naquele momento, aconteceu o Pacto Nacional para alfabetização, programa do MEC, elaborado pela Universidade Federal do Ceará, com uma estrutura de uma riqueza nunca presenciada no país. Por meio do Pacto elaborado pelo MEC fomos capacitadas inicialmente pela Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG e posteriormente pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Atuei como professora coordenadora na formação de professores que, além do riquíssimo material, recebiam ajuda de custo para alimentação e

⁷ Proalfa - O Programa de Avaliação da Alfabetização da Rede Pública Mineira. Os resultados dessa avaliação são usados para embasar as intervenções necessárias no processo de alfabetização/letramentos dos alunos dos três primeiros anos de escolaridade do Ensino Fundamental.

⁸ Magda Soares - Linguista, pesquisadora da psicogênese da língua escrita. Referência em alfabetização e letramento no Brasil.

transporte. Foi um momento importante na história da Educação Mineira e Brasileira. Os gráficos abaixo revelam a efetividade desses dois Programas Estadual e Federal de Intervenção na alfabetização.



Fonte: Revista Programa de Intervenção Pedagógica nas Redes Municipais de Ensino, 2012; programa-de-intervencao-pedagogica PDF (acervodenoticias.educacao.mg.gov.br)

De 2004 a 2012 participei de um forte projeto. Tratava-se do Projeto Escolas-Referência, na coordenação da construção e elaboração do Plano de Desenvolvimento Pedagógico Institucional – PDPI - das maiores escolas da jurisdição de Uberlândia, trabalho realizado em parceria com a UFMG.

Um dos programas mais prazerosos e no qual atuei por 10 anos, foi o Projeto Escola de Tempo Integral, criado em 2005, no Governo Aécio Neves e Secretária de Educação Vanessa Guimarães Pinto. O trabalho era desenvolvido com duas turmas piloto, na E. E. Tancredo Martins em Monte Alegre de Minas e na E.E. São Judas Tadeu em Araguari. Ele evoluiu e chegamos a ter 40 Escolas na jurisdição que ofereciam turmas de Tempo Integral. A SEE estabelecia critérios para convidar a escola para participar do projeto como: ser de área de vulnerabilidade social, ter baixo desempenho e ser aceito pela comunidade escolar. Antes de iniciar o trabalho, aconteciam encontros de sensibilização com todos os segmentos da escola, corpo docente e funcionários, apresentando a estrutura do projeto: Um turno seria dedicado ao ensino regular, no contraturno, seriam oferecidas oficinas de música, xadrez, artes e horário para tarefas de casa. O primeiro passo era a escola entender e aceitar o projeto em si, designando mais professores alfabetizadores, educação física ou artes, assistentes de serviços gerais, cantineira etc. pois o projeto só aconteceria bem se a comunidade o acolhesse.

Em relação às oficinas, a escola escolhia de acordo com a comunidade a ser atendida e o perfil do professor encontrado; enquanto os coordenadores do projeto criavam parcerias com clubes, professores de capoeira, e ofereciam capacitações na área de contação de história. Todas as atividades oferecidas aos estudantes deveriam ser aplicadas por meio de projetos e insistia-se na postura em relação à elaboração das atividades para que fossem permeadas com criatividade e alegria, envolvendo o estudante.

Na E.E. Clertan Moreira do Vale, foi designada uma professora de música, que fez um trabalho maravilhoso e montou um coral belíssimo. Na época sugeriu-se realizar um trabalho, com os compositores clássicos. Em uma de nossas visitas, almoçamos com 6 turmas ouvindo Mozart e os estudantes contaram a história do referido compositor. Na mesma escola aconteceram aulas de xadrez ministrada pelo professor de Educação Física. Em Uberlândia, nas Escolas E.E. 7 de setembro, o professor de Educação Física elaborou um projeto de reciclagem com pneus, mudando o jardim da escola enquanto a E.E. José Zacharias fez uma parceria com a Escola de dança Vórtice. Foi uma experiência altamente positiva e, no final do ano, realizava-se uma mostra pedagógica dos trabalhos elaborados com as turmas de tempo integral.

Nesse mesmo período, juntamente com Olíria Guedes Junqueira, elaborou-se uma oficina “Trabalhando Poemas e Contação de histórias nas turmas de Tempo integral”, A oficina iniciou-se com a encenação da história da “Bonequinha Preta”. Dentre os professores estava Lenora Accioly, professora de teatro do Conservatório de Araguari, que amou a oficina e cismou que eu era atriz. Assim nasceu uma parceria em prol do- PROETI - Projeto Escola de Tempo Integral da SEE de Minas Gerais.

Algum tempo depois Lenora Accioly apresentou-me a sua orientadora profa. Dra. Irley Machado⁹ que me convidou a participar do grupo DRAPO – Dramaturgia poética de Federico Garcia Lorca e outras dramaturgias”. A Dra. Irley Machado me proporcionou uma aprendizagem riquíssima da obra do grande poeta espanhol Federico García Lorca. A partir daí, nasceu uma amizade que perdura no tempo e na distância. Desse primeiro encontro ficou em mim a certeza de que trilhava o caminho certo, nas falas do poeta de Granada encontrei a confirmação, veja-se o que diz o poeta:

⁹ Irley Machado foi professora de teatro e literatura dramática, diretora de pesquisa, orientadora nos cursos de Mestrado e Doutorado do ILEEL da Universidade Federal de Uberlândia. Realizou seu doutorado na Universidade de Paris II – Sorbonne Nouvelle, e seu pós-doutorado na Université de Nantes – França. À sua atividade de professora ela associa seu trabalho de dramaturgia, diretora de espetáculo e mais recentemente de tradutora. Estudiosa da literatura e dramaturgia de Federico García Lorca, tendo publicado várias obras sobre o poeta. Em 2022 publicou pela Harmattan *Le Public – Au coeur des mots de Federico García Lorca* sua última obra.

Não só de pão vive o homem, e eu se tivesse fome e estivesse desvalido na rua, não pediria um pão; mas pediria meio pão e um livro. E eu ataco desde aqui, violentamente aos que só falam de reivindicações econômicas, sem nomear jamais as reivindicações culturais, que é o que os povos pedem a gritos, bem está que todos os povos comam, mas que todos os homens saibam. Que gozem de todos os frutos do espírito humano, porque o contrário é transformá-los em máquinas a serviço do Estado, é convertê-los em escravos de uma terrível organização social. Eu tenho muito mais pena de um homem que quer saber e não pode, do que de um faminto. Um faminto pode acalmar a sua fome facilmente... mas um homem que tem ânsia de saber e não tem meios, sofre uma terrível agonia...

Quando o célebre escritor russo Fiodor Dostoievsky, estava prisioneiro na Sibéria, isolado do mundo [...] pedia socorro em carta a sua distante família, apenas dizia: “Enviem-me livros, livros, muitos livros para que a minha alma não morra”. (García Lorca, 1957, p.761).

Em 2010 o projeto expande para os anos finais recebendo “oficineiros” do Projeto Mais Educação, do Governo Federal. O Programa Mais Educação¹⁰ foi criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 do então Ministro da Educação Fernando Haddad e regulamentado pelo Decreto 7.083/10 do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. Ele foi criado como projeto estratégico para construção, implementação e ampliação das horas diárias, de no mínimo 7 horas diárias para a Educação Integral nas redes Estaduais e Municipais de ensino. Como já tínhamos o Projeto Escola de Tempo Integral - PROETI¹¹ o Mais Educação chegou proporcionando oficinas optativas estabelecidas nos macrocampos do projeto que eram: “acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica”. (BRASIL Saiba Mais - Programa Mais Educação; Introdução, 01 /06/ 2011)

Por motivos internos, depois de 15 anos neste setor, solicitei transferência para um trabalho totalmente burocrático, embora reconhecendo que não corresponde ao meu perfil.

Nesse período volto a atuar como professora no Curso Normal pós-médio para formar professores da Educação Infantil, e recebo o privilégio de voltar a ministrar aulas nas disciplinas Literatura Infantil e Aprendizagem a partir de experiências concretas. Com isso fui convidada e aceitei coordenar o Curso, cujas atribuições, entre outras, me permitem organizar palestras e oficinas para as futuras professoras da Educação Infantil. Conhecendo o

¹⁰ O Programa Mais Educação - Criado como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas

trabalho de contadora de histórias de Lenora Accioly eu a convidei para ministrar um minicurso às futuras professoras da educação infantil.

Em 2021 a professora Irley Machado volta da França, retomamos os estudos sobre García Lorca e ela nos proporcionou oficinas de teatro no espaço de sua residência. Após uma oficina de teatro Stanislavskiano, quando nos preparávamos para a montagem do *Manifesto Brecht*, estreado no Teatro Municipal de Uberlândia em setembro de 2022, apreciando alguns livros de sua biblioteca, aconteceu meu primeiro encontro com Augusto Boal, com o livro *Jogos para atores e não atores*. Na contracapa do referido livro, dentre os livros do Boal, me chamou a atenção o título “*O Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*”. Busquei conhecê-lo. Na obra ele relata sua experiência com o Programa de Alfabetização Integral (ALFIN) realizado em 1973, no Peru.

“O método de alfabetização utilizado pelo ALFIN era, naturalmente, inspirado em Paulo Freire”. – (Boal, 1975, p.128). No projeto de alfabetização, pela variedade de dialetos existentes no país foram usados vários recursos, dentre eles, o da metodologia de Boal.

Após quatro anos afastada da Divisão Pedagógica, em uma nova gestão, sou convidada para voltar e sou inserida na equipe responsável pela Educação de Jovens e Adultos e o Novo Ensino Médio.

A primeira ação com as outras superintendências do Polo Regional Norte, foi organizar o seminário de práticas exitosas na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Foi um trabalho gratificante, mesmo não tendo uma política exclusiva para a EJA muitas escolas têm realizado boas atividades dedicadas a este nível de ensino. As Escolas que atendem a EJA servem-se, frequentemente, da metodologia de Projetos e temas diversos. Um dos projetos socializados e impactante é o Projeto Semeando a Leitura, poesia sobre o olhar de pessoas em situação de prisão, realizado pela E.E. Mário Quintana, escola prisional da Penitenciária Professor João Pimenta da Veiga - Presídio. Foram apresentados poemas de vários poetas, Fernando Pessoa, Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade etc., a partir da apresentação e da apreciação dos poemas, os estudantes criaram e ilustraram poemas significativos! Em reuniões promovidas pela SEE e SRE orientamos como trabalhar com Projetos e registrá-los, objetivando ensinamentos dinâmicos e a participação no Seminário Regional, bem como na possibilidade de frequentar o Seminário Estadual. Durante o primeiro Seminário Lusófono Digital para Educação de Jovens e Adultos, conheci um pouco do universo e o quanto ainda temos a oferecer para este público.

O sonho de Alfabetizar Jovens e Adultos, nunca me abandonou. De forma muito empírica, sempre que possível, inseri leigamente artes em minhas ações pedagógicas. O Teatro

do Oprimido e A pedagogia do Oprimido de Augusto Boal e de Paulo Freire sempre funcionaram como “portais” que me convidavam para entrar. Assim tomei a decisão de desenvolver um projeto de pesquisa que privilegiasse as contribuições de Augusto Boal e Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos – EJA, foi quando minha colega Cleonice num encontro inusitado me parou na escada do trabalho me convidou e convenceu a fazer o mestrado na UNIUBE.

Aqui estou. A sensação de quase nada saber não me abandona, mas também não me assusta. Estou aprendendo, e tenho uma vida inteira para descobrir do que sou capaz.

INTRODUÇÃO

De acordo com dados estatísticos publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, a sociedade brasileira tem um índice alarmante de jovens e adultos não alfabetizados. Veja-se a publicação:

[...] segundo a Pesquisa Nacional e por amostra de Domicílio Contínua (PNAD) **2019**, a taxa de **analfabetismo** das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos) [...] No Brasil, a proporção de pessoas de 25 anos ou mais de idade que não **finalizaram** a **educação básica obrigatória**, ou seja, concluíram, no mínimo, o ensino médio, passou de 47,4% em **2018**, para 48,8%, em 2019. (Brasil, IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios contínua 2012-2019).

A EJA (Educação de Jovens e Adultos) é uma modalidade de ensino que tem como uma das suas características o atendimento de pessoas, cujo direito à educação escolar não foi materializado. São pessoas que em sua maioria pertencem às classes populares. Devido ao complexo histórico e social dos estudantes dessa modalidade de ensino, torna-se imprescindível a valorização de outros modos de produção de saberes, capaz de incluir as demandas próprias e as necessidades educativas enquanto eixos estruturantes de tais projetos. Faz-se urgente uma ação emancipadora ancorada no campo da educação popular.

A EJA sofre um processo de invisibilidade por ser considerada uma modalidade educativa menos importante, como lembram Rummert e Ventura (2007). Sua vinculação às frações empobrecidas da classe trabalhadora explica uma tradição histórica secundarizada dentro da política pública educacional.

Poderíamos afirmar que tal modalidade pertence a um conjunto de ações paralelas ao sistema regular de ensino, sendo alvo de políticas descontínuas e de iniciativas aligeiradas, quase sempre circunscritas à precariedade e à provisoriedade, relacionadas à preparação para o mercado e a ocupação de postos de trabalho de menor remuneração.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional –LDB, de nº. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, em conformidade com a Constituição Federal de 1988, expressa em seu artigo 37, delimita quem serão os sujeitos que compõem os discentes da EJA. Cito:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio

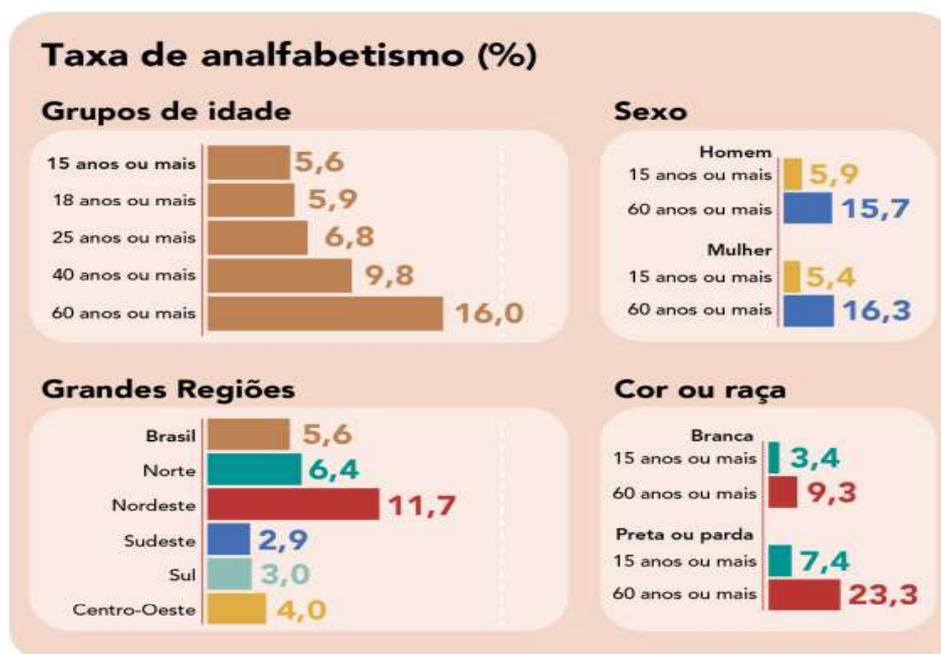
na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018)

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008).

Embora houvesse garantias constitucionais em relação ao direito à escolarização, o gráfico sobre analfabetismo no Brasil, elaborado a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua-PNAD, realizada no 2º trimestre de 2022 pelo IBGE, nos permite visualizar e avaliar o índice de pessoas a quem foi negado o direito à educação escolar. A PNAD realizada em 2019 informa que o **analfabetismo** das pessoas de 15 anos ou mais foi estimado em 6,6%, tendo, em 2022, diminuído para 5,6 %. Quando consideramos as categorias: mulheres/ homens, cor ou raça: branca, preta e parda, é nítida a discrepância quantitativa entre mulheres pretas e pardas e homens pretos e pardos analfabetos, sendo o triplo em relação às mulheres brancas e aos homens brancos. A mesma situação se apresenta em relação as regiões brasileiras, o que se torna significativo, se considerarmos o modelo socioeconômico da população dessas regiões. A região nordeste e norte possui o maior número de pessoas não alfabetizadas. Embora a região Sudeste apresente a menor porcentagem de analfabetos a quantidade ainda é alarmante. Vejamos o gráfico, elaborado pelo IBGE sobre as taxas de analfabetismo no Brasil:



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostras de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022.

Partindo da realidade a que tenho acesso, por exercer a função de analista na Superintendência Regional de Ensino e por lidar com bancos de dados da Rede Pública Estadual Mineira de Ensino na jurisdição de Uberlândia-MG, constato que esses dados são preocupantes. A EJA é oferecida em 42 Escolas¹² da jurisdição para estudantes que não concluíram o Ensino Médio e para a Escola 13 de Maio que atende o Ensino Fundamental. No entanto, verificamos a falta de prioridade do Estado em relação à EJA. Ao longo dos meus 21 anos, trabalhando na SRE observo, que as ações para capacitar educandos a este nível de ensino acontecem por meio de programas esporádicos.

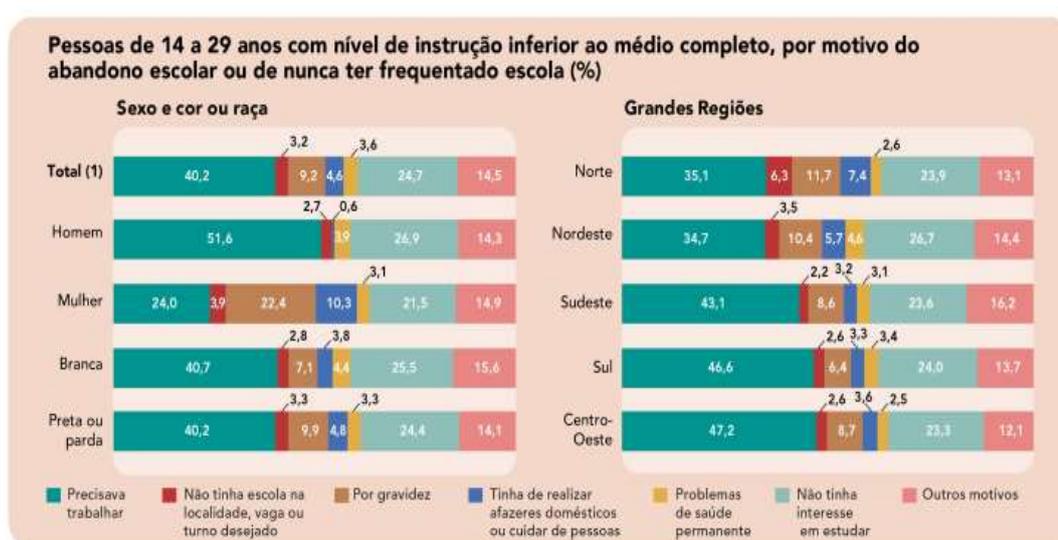
Para atuarmos como educandos, precisamos identificar e analisar as diversas exclusões vivenciadas pelas pessoas e as ações do Estado em relação a essa problemática. É necessário recusar a centralidade conferida ao discurso sobre distorção entre idade e série e as denominadas turmas regulares da EJA. É um discurso que torna invisível e nega os saberes produzidos por sujeitos fora da instituição escolar e, por conseguinte, alimenta projetos de educação crivados de elementos pertencentes a processos de colonialismo. Nesse aspecto, a reflexão feita por Zanquêta e Novais esclarece:

O colonialismo configura condição ideal à “Totalidade”, como compreende Dussel (1986), o que inclui a língua inglesa como idioma de fluência e escrita, família monogâmica e heteropatriarcal, religião cristã monoteísta e

¹² Relatório estatístico da equipe responsável pela EJA da SEE/ Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia.

domínio de propriedade privada. Às pessoas nessas condições, está reservado o direito de “ser”. Às pessoas que possuem língua escrita e falada que lhes são próprias, que constituem núcleos familiares diferentes e poligâmicos, que fazem adesão às religiões politeístas e animistas e que primam pelo uso coletivo da terra ou que ainda são dela desprovidas, configura a “Exterioridade” e, como consequência, o “não ser”. Trata-se da negação da vocação ontológica do “ser mais”. (Zanquêta, Novais, 2021, p. 534).

Um outro gráfico elaborado pelo IBGE reforça a desigualdade na escolarização no Brasil e revela as diferenças entre as regiões. Vejamos:



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostras de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022.

(1) Inclui pessoas que se declararam de cor ou raça indígena, amarela ou ignorada.

Para melhor compreender a produção desses dados, faz-se necessário uma análise histórica deste programa de ensino, e das políticas públicas implementadas, ao longo da trajetória da EJA. Ao lado dessa análise é fundamental a elaboração de proposições com a finalidade de fomentar outras metodologias que promovam aulas comunicativas, provocadoras de autorias, por meio de uma educação criativa, acolhedora e, conseqüentemente, emancipadora.

Nessa perspectiva, em oposição a “educação bancária”, majoritariamente desenvolvida e oferecida para jovens e adultos, Paulo Freire menciona outra postura e outra metodologia. Para Freire “Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever sua vida como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se”. (Freire, 1967, p.12). O trabalho de Paulo Freire com Jovens e Adultos sempre esteve alicerçado em respeitar, conhecer o educando e o contexto no qual ele

está inserido. Augusto Boal, homem de teatro e um educador, por meio de sua arte, se coloca, igualmente, nesse movimento de fomento à expressão do sujeito e transformação da realidade opressora. Se no centro da sua obra encontramos o **teatro**, também encontramos aquele que se pode considerar, o **oprimido** pela sociedade e pelo contexto histórico em que vive.

Toda atividade do homem é política e histórica. E o teatro é necessariamente político, conseqüentemente, histórico, ter consciência da realidade vivida, sobreviver e ser agente de mudança é fazer história. Na Educação de Jovens e Adultos, dentre tantos desafios encontrados, identificamos a limitação de uma metodologia que não considera o contexto, a história e o fato de ignorar que o método é responsável por “depositar nos alunos apassivados a descrição do perfil dos conteúdos, em lugar de desafiar-los a aprender a substantividade dos mesmos, enquanto objetos gnosiológicos, somente como os aprendem”. (Freire, 1996, p.110).

Quando pensamos em uma nova metodologia para a EJA não podemos nos furtar a refletir sobre a possibilidade de recorrer e incorporar as formulações de Boal como contribuição para elaborar um aparato teórico-metodológico funcional e aprazível que pudesse servir-se da arte como elemento estruturante. Para Boal:

[...] o teatro deve trazer a felicidade, deve ajudar-nos a conhecermos melhor a nós mesmos e ao nosso tempo. O nosso desejo é o de melhor conhecer o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira. O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele. (Boal, 1975, p. XI)

A obra de Boal *O Teatro do Oprimido* descreve e apresenta uma metodologia teatral que pode fomentar uma Educação de Jovens e Adultos emancipatória. Acreditamos que proposta de Boal em sua metodologia do TO pode ser incluída na Educação de Jovens e Adultos, potencializando o diálogo acrescentado com as formulações registradas na obra de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*.

Com base no exposto, a intenção do presente projeto de pesquisa, de caráter bibliográfico, em sua abordagem qualitativa, é o de identificar possíveis contribuições de Boal e Freire para a alfabetização de jovens e Adultos. Observar-se uma intertextualidade nos diálogos entre as elaborações de Augusto Boal, em seu “*Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas* (1975)”, e a obra de Paulo Freire, em sua *Pedagogia do Oprimido* (1967).

Analisando o cenário da EJA percebe-se claramente que o desafio atual ou desde sempre, consiste na escolha de fundamentos teóricos e metodológicos, e na condução de atividades diárias cuja realidade nos faz buscar e argumentar a favor de teorias e metodologias,

que proporcionem ao estudante experienciar e vivenciar atividades de alfabetização, permeadas por diálogos vinculados à uma educação emancipadora. Alertamos para o fato de que a educação básica praticada majoritariamente, no Brasil, adota o modelo tradicional de ensino, o uso de métodos e procedimentos que não fomentam a crítica e a comunicação entre educador - educando, educando - educador e, sobretudo, que os currículos do Ensino Médio e Fundamental não são adequados à EJA que propõe uma metodologia emancipatória.

Nessa perspectiva, recorreremos às elaborações de Viana, para sustentar o processo investigativo, que propõe um estudo teórico amplo, [...] “sustentado na ruptura e avanços históricos implementados por Augusto Boal que observa os efeitos dessa ruptura estética com jovens e adultos que participam da EJA”. (Viana, 2011, p.17). Com o propósito de compreender como o sistema teatral e a metodologia sugerida por Boal pode contribuir enquanto elemento de função pedagógica, decidimos tentar analisar sua metodologia. Boal afirma:

Se a educação é dever do cidadão-artista, usando os mesmos canais de opressão, mas com sinal trocado - palavra, imagem e som - destruir os dogmas das artes e da cultura mostrando que todos os seres humanos são artistas de todas as artes, cada um do seu jeito. São produtores de cultura e não apenas boquiabertos consumidores da cultura alheia. (Boal, 2009, p. 76).

No entanto, diante do panorama histórico vivenciado, marcado por políticas autoritárias e compensatórias, essas concepções críticas encontram resistências para adentrar na EJA. De acordo com Arroyo (2005, p. 221), este é um território cuja história é muito mais tensa do que a história da educação básica. Na EJA cruzam-se até hoje, interesses menos consensuais do que aqueles da educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, oprimidos, excluídos...

Paulo Freire introduz um paradigma na educação de jovens e adultos. Ele propôs um processo de alfabetização calcado na criatividade e na participação ativa e dialógica entre educadores-educandos e educandos-educadores. Sua metodologia, de timbre crítico e transformador, é baseada na realidade da vida do povo. A reflexão de Libâneo, colabora com essa discussão.

[...] a escola é uma das mais importantes instâncias de democratização da sociedade e de promoção de inclusão, cabendo-lhe propiciar os meios da apropriação dos saberes sistematizados constituídos socialmente, como base para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e a formação da

personalidade, por meio do processo de ensino-aprendizagem. (Libâneo, 2016, p. 42).

Segundo a afirmação, há a necessidade de desenvolver o pensamento crítico dos estudantes em relação à aprendizagem. Verificando a potencialidade das técnicas do Projeto do Teatro do Oprimido no processo educativo observamos que as mesmas, que fazem parte da metodologia teatral, podem fomentar a formação estética, crítica e política na EJA. O trabalho com o método Boal permite reflexões acerca de procedimentos que envolvem o lugar: o espaço escolar; os “sujeitos”: o educador e os educandos, homens e mulheres jovens e adultos.

Para situar a metodologia escolhida, é importante conhecer a história da proposta de Boal descrita em sua obra, onde ele demonstra a importância do teatro em sua função pedagógica e examinar o pensamento do autor relacionando-o ao de Paulo Freire. Há, sem dúvida, uma proximidade entre os pensadores em prol do ‘**oprimido**’ que justifica tal estudo. O caminho a ser trilhado pelo aprendizado do teatro de Boal leva à formação de cunho crítico, tal qual nos descreve Freire: "Assumirmo-nos como sujeitos e objetos da História nos torna seres da decisão, da ruptura. Seres éticos" (Freire, 1967, p.40).

O presente projeto de pesquisa sobre as contribuições e os prováveis diálogos entre Augusto Boal e Paulo Freire para uma EJA emancipatória, tem como objetivos:

OBJETIVO GERAL

Analisar as contribuições de Augusto Boal (1975) encontradas em seu *O teatro do oprimido e outras poéticas políticas* e de Paulo Freire com a obra *Pedagogia do oprimido*” (FREIRE, 1967), para a Educação de jovens e Adultos na criação de uma EJA formadora de um pensamento emancipador, crítico e autônomo, e os diálogos possíveis entre esses autores.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar e analisar valores éticos, solidários, na dialogicidade de Freire com a arte teatral de Boal, ao promover intervenção na realidade do estudante e na formação do cidadão.
- Verificar a possibilidade da adoção da metodologia do Teatro do Oprimido e das formulações de Freire no desenvolvimento da EJA.

- Analisar as obras: *O Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*, *Pedagogia do Oprimido* verificando concepções e proposições que podem ser incorporadas a EJA.
- Elaborar diretrizes para a criação de um curso para professores da EJA, que possam servir-se dos jogos do teatro e das reflexões de Freire.

A questão central de nosso trabalho situava-se nas seguintes indagações: Quais as contribuições de Freire e Boal para a EJA, formadora de um pensamento emancipador, crítico e autônomo, e os diálogos possíveis entre esses autores? Estabelecemos ainda questões complementares: Como utilizar as técnicas do Teatro do Oprimido e as formulações de Freire? Quais concepções e proposições para a educação de jovens e adultos estão presentes nas obras dos dois autores escolhidos? Quais são os valores éticos, solidários, encontrados na dialogicidade entre Freire e Boal, capazes de intervir na realidade do estudante da EJA e na formação do cidadão?

METODOLOGIA DA PESQUISA

A partir da definição dos objetivos e questões orientadoras, o corpus de presente trabalho debruçou-se em uma pesquisa que contemplava os estudos bibliográficos e as análises das obras já citadas de Boal e Freire. Adotou-se o enfoque qualitativo com o intuito de melhor compreender o Método e a possibilidade de aplicação das formas e técnicas teatrais formuladas por Boal, bem como da reflexão de Paulo Freire.

Os dados produzidos foram analisados, absorvendo as experiências que complementam o entendimento do objeto de estudo e identificando as contradições resultantes na busca de soluções. Entender o que esconde o pensamento sensível e simbólico da teoria de Boal e a forma de aplicar as atividades dialogadas de Freire para a alfabetização é nosso desafio.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica aponta soluções e mostra caminhos inusitados por meio de uma prática teórica constante. Segundo Lima e Miotto

[...] trabalhar com a pesquisa bibliográfica significa realizar um movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico, e que isso exige vigilância epistemológica. (Lima; Miotto, 2007, p. 37).

A imersão bibliográfica proporciona o conhecimento da história e a reflexão sobre posicionamentos diversos diante da realidade. Nessa perspectiva, sem poder ser aleatória, a pesquisa bibliográfica qualitativa utiliza, como ação prioritária, a leitura e o estudo de relatos de rigor científico relacionados aos procedimentos definidos na busca de soluções, e atrelados ao objeto de estudo.

Servindo-nos das palavras chaves: Freire e Boal iniciamos o levantamento das obras, teses, dissertações e artigos, escritos no período de 2017 a 2021. Os bancos de dissertações, teses e artigos pesquisados foram:

Banco de Teses da Capes - Plataforma Sucupira
BDTD
Periódicos – Portal periódicos. CAPES
Banco da Scielo

Para sistematizar e inserir os dados de cada obra pesquisada, elaboramos um instrumental com oito colunas:

Título	Resumo	Palavra- chaves	Idioma	Universidade/ Área	Autor	Data da defesa	Tipo de produção
--------	--------	-----------------	--------	-----------------------	-------	-------------------	---------------------

Identificamos 42 produções sobre os autores pesquisados. Para nossa surpresa, não identificamos nenhuma produção de Freire e Boal, no período citado, em que a EJA estava ancorada. Localizamos obras na área da arquitetura à saúde, pesquisas no México e na Espanha. Mas nada que ligasse as obras de Freire e Boal a Educação de Jovens e Adultos.

Em continuidade ao levantamento das obras, refinamos a busca com as seguintes palavras-chaves: Pedagogia do oprimido, Teatro do oprimido e Educação de Jovens e Adultos. Foram realizadas leituras sucessivas das 12 obras identificadas a partir do uso dos parâmetros, palavras-chave.

Uma pesquisa se configura como um processo de constante busca. Assim, além dos dados citados, diretamente, procuramos nas referências das obras selecionadas indicações sobre o uso dos livros que são nosso instrumental.

É importante destacar que em todas as obras pesquisadas a *Pedagogia do Oprimido* era citada, mas em relação ao livro *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*,

encontramos referências em apenas duas obras. Embora as obras pesquisadas incluíssem igualmente outras obras de Augusto Boal. Os resultados do levantamento das obras estão expostos no Quadro 1. As obras, teses, dissertações e artigos foram selecionados considerando os parâmetros mencionados anteriormente na busca de soluções e respostas às minhas indagações.

Quadro 1 - Levantamento de Teses, dissertações e artigos no período de 2017 a 2021.

Nº	Autor/a	Título	Ano de publicação/ palavras-chaves	Tipo de produção
01	PARDIM, Renata Pereira	Contribuições do Teatro do Oprimido para a Formação Permanente de Professoras da Infância: Atos de uma Experiência Vivida	2018 Boal; Formação Permanente; Freire; Infância; Teatro do Oprimido.	Dissertação TO e PO
02	FAGUNDES, Júlia Brito	Do oprimido ao controle ambiental: o ensino-aprendizagem de arte no Curso Técnico em Controle Ambiental integrado à EJA do CED Irmã Regina.	2018 Teatro do Oprimido; Educação Profissional; Educação de Jovens e Adultos.	Dissertação PO e TO
03	TROMBINI, Igor Federici	O Teatro do Oprimido e os possíveis diálogos e transbordamentos entre espaços educacionais – uma etnografia junto ao grupo MareMoTO	2018 Teatro do Oprimido; Opressão; Etnografia; Dialógico; Conhecimento.	Dissertação TO e PO
04	SILVA, Anita Cione Tavares Ferreira da	Por uma extensão universitária transformadora: caminhos para uma abordagem crítica e dialógica na mediação da ação teatral.	2019 Extensão Universitária; Teatro na Educação; Teatro em comunidades; Teatro do Oprimido; Mediação.	Tese TO e PO
05	RUAS, Elaine Antunes	Práticas pedagógicas das artes na escola de circo de meninas	2020 Escola de Circo de Meninas e Meninos de Rua do Gran' Circo	Dissertação

		e meninos de rua do Gran` Circo Lar	Lar; Pedagogia Cultural; Teatro do Oprimido; Pedagogia do Oprimido.	PO e TO
06	BARBOSA, Visleine Reis	Contribuições do teatro do oprimido na construção de uma cultura de paz na escola da UNIRE (Unidade de internação do Recanto das Emas)	2020 Escola da Unire; Teatro do Oprimido; Arte-educação; Socioeducação; Cultura de Paz.	Dissertação PO e TO
07	DOS SANTOS, Márcio Silveira	Ensino de teatro na educação de jovens e adultos: o Teatro-Jornal como recurso pedagógico	2020 Educação de Jovens e Adultos; Teatro do Oprimido; Teatro-Jornal.	Artigo PO e TO
08	CASTRO, Ana Carolina de Sousa	A Estética do Oprimido como práxis pedagógica: um estudo com professores de artes do DF em tempos pandêmicos	2021 Teatro do Oprimido; Estética do Oprimido; Augusto Boal; Paulo Freire; Pedagogia do Teatro.	Dissertação PO e TO
09	BOSQUET DEL MORAL, Lúcia; DE OLIVEIRA, Carlos César; et <i>alii</i>	Pedagogia do oprimido, de Paulo Freire: suscitando diálogos e reflexões a partir de experiências em/com Educação	2021 Paulo Freire; Pedagogia do oprimido; Pensamento crítico.	Artigo PO e TO
10	CIONE TAVARES FERREIRA DA SILVA, Anita	Mediação da ação teatral via extensão universitária: posturas e procedimentos do artista educador	2021 Teatro em Comunidades; Teatro na Educação; Teatro do Oprimido; Pedagogia do Oprimido; Extensão Universitária.	Artigo PO e outros livros de Boal
11	CAMELO GÓMEZ, Michael Steven; JIMÉNEZ QUENGUAN, Myriam	Teatro para la memoria: danzantes de pensamientos/Theater for Memoirs: Dancing and Beliefs	2021 Los Pastos, Teatro indígena, Memoria de Cumbal, Mingas de pensamiento, Pedagogía del oprimido, Teatro, Danza.	Artigo PO e TO

12	LIMA, Hélio Júnior Rocha de; NASCIMENTO, Hostina Ferreira SOARES, Maria Cleonice	Educação libertadora e teatro político em tempos de denúncia e anúncio	2021 Círculo de cultura; Lefreire; Teatro do Oprimido; teatro imagem.	Artigo PO e outro livro de Boal
----	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Quadro 2 - Inventário das produções encontradas e selecionadas nas bases de dados pesquisadas

Base de dados pesquisadas	Nº de produções encontradas	Nº de produções selecionadas para análise
Banco de Teses da Capes – Plataforma Sucupira	02	00
BDTD	05	01
Periódicos- Portal.periódicos.CAPES	03	01
Banco da Scielo	02	00
TOTAL	12	02

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Afirmo que minha expectativa se viu frustrada. Esperava encontrar mais obras no período estudado. Não encontrei nenhuma obra com as três palavras-chaves na mesma pesquisa.

Para tentar compreender as possíveis razões pela reduzida quantidade de obras encontradas, é fundamental retomarmos os elementos da conjuntura política do período, marcada por implementação de políticas públicas de controle e regulação da educação; aprovação de contrarreforma como a denominada reforma do ensino médio e a Base Nacional Comum Curricular- BNCC, além da difusão da ideia de criação do “Projeto Escola sem Partido”.

Foi um período marcado pelas tentativas de impedir o direito de cátedra dos professores e pela destituição do Patrono da Educação Brasileira, consolidado no último debate presidencial, no qual¹³ o candidato ao cargo da Presidência do Brasil, de forma

¹³ De 1º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022, tivemos como presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro.

irrespeitosa, mostra seu menosprezo e ignorância, dirigindo as seguintes palavras ao candidato concorrente: “Seu Paulo Freire não deu certo!” ... Quanto descaso!

Infelizmente, muitos brasileiros levantaram e disseminaram a bandeira das inverdades como verdades absolutas, defendendo uma ideologia caótica e retrógrada. Observe-se o que Fernandes e Ferreira esclarecem:

O conceito de ideologia se apresenta, teoricamente, como um termo polissêmico e, no caso, refere-se a um conjunto de ideias características compartilhadas por um grupo. (Fernandes; Ferreira, 2021, p.198).

Por pertencer a um conceito polissêmico, a palavra ideologia, ganhou notoriedade e força política. O Movimento ESP - Escola Sem Partido, criado em 2004, após entrar como projeto de lei federal, se expande em 2014. Os defensores do movimento atuaram, utilizando as redes sociais e compartilhando a preocupação com a “contaminação” político-ideológica nas escolas.

O Projeto de Lei 7180/2014 propõe uma alteração no artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB- Lei nº 9.394/1996) ao incluir, no tocante aos princípios do ensino, um dispositivo que se refere ao respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando precedência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa. Em 2016, no Senado Federal, foi apresentado o projeto de lei 193/2016, de autoria do senador Magno Pereira, que busca incluir na LDB o Programa Escola sem Partido (ESP). (Fernandes, Ferreira, 2021, p.195).

A lei resguardaria a família e a sociedade, cabendo a escola exercer os princípios do ensino, os valores relacionados à educação moral, sexual e religiosa caberiam aos pais e responsáveis... Contrapondo a constituição Federal de 1988, no artigo 205 “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988, p.160).

Os princípios da democracia e diretrizes da educação foram traídos por uma doutrinação que denuncia uma insanidade vivenciada a partir “a Proposta de Emenda Constitucional Nº95, de 15 de dezembro de 2016, também conhecida como PEC do teto dos gastos públicos; a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, a Reforma do Ensino Médio” (Zanquêta; Novais, 2021, p.532). São momentos históricos calamitosos e perversos, não só por reacenderem marcas terríveis do colonialismo, mas pelo retrocesso e postura de verdade absoluta que incute em nossa sociedade a indiferença à educação das classes populares. Infelizmente esta onda circula

pela América Latina, veja-se a recente oposição de extrema direita no México¹⁴ com queima de livros, e contra as alterações realizadas nos livros didáticos para incluir na educação uma dimensão social, humanística e científica, feita no atual governo do presidente Andrés Manuel Lopez Obrador.

Esse parêntese me pareceu esclarecedor para situar um momento conflituoso do pensamento brasileiro sobre a educação.

Um fato que merece ser destacado, para melhor compreender os resultados do levantamento bibliográfico, refere-se à existência dos movimentos de resistência a essa situação opressora, expressa, por exemplo, na continuidade de produção de conhecimento sobre educação popular e na tomada de decisão de não submeter o escrito a critérios de publicação da maioria das Revistas Acadêmicas. Isso porque, as modificações necessárias para cumprir esses critérios, frequentemente, eliminariam jeitos de produzir e comunicar conhecimentos, linguagens e epistemologias, dificultando a constituição de educação emancipadora com pessoas das classes populares. Assim, essas produções, frequentemente, não são publicadas nos bancos contendo os denominados trabalhos acadêmicos; bancos estes utilizados para selecionar as obras analisadas.

Selecionei para análise a Dissertação: *Do oprimido ao controle ambiental: o ensino-aprendizagem de arte no Curso Técnico em Controle Ambiental integrado à EJA do CED Irmã Regina*, da autora Júlia Brito Fagundes (2018) e o Artigo: “Ensino de teatro na educação de jovens e adultos: o teatro-jornal como recurso pedagógico” do autor Márcio Silveira dos Santos, (2020). Para analisar as obras selecionadas, o procedimento privilegiado foi a leitura, de acordo com as formulações de Salvador (1986), citadas por Lima e Miotto:

- a) leitura de reconhecimento do material bibliográfico com a finalidade de localização das obras relacionadas ao tema investigado;
- b) leitura exploratória visando a pertinência das informações contidas na obra para o estudo;
- c) leitura seletiva com o propósito de selecionar o material que possuía vinculação direta com objetivos da nossa Pesquisa;
- d) leitura reflexiva com vistas a apreender o ponto de vista do autor da obra e o porquê das afirmações feitas, acompanhada da atenção aos objetivos da nossa investigação;
- e) leitura interpretativa, orientada pelos objetivos da pesquisa, buscando relacionar o registrado na obra com o problema por nós investigado. Interpretação das formulações do autor da obra e inter-relação com os objetivos estabelecidos para a pesquisa, desse modo contemplou associação, comparação, busca de lacunas e elaboração. Esse processo possibilitou a

¹⁴ Governo de Lopez Obrador, que tenta fazer sucessor em 2024, revisou livros didáticos para retirar conteúdo 'neoliberal' da educação pública. Agora, é acusado pela oposição de tentar doutrinar politicamente estudantes mexicanos. G1 Educação, 06/09/2023 11h07.

elaboração de síntese integradora, produto final do processo de investigação, resultante da análise e reflexão dos documentos. Compreende as atividades relacionadas à apreensão do problema, investigação rigorosa, visualização do problema e síntese. (Lima; Miotto, 2007, p. 41)

Análise de obras de Freire (1967) e Boal (1975)

A escolha das obras de Freire (1967) e de Boal (1975) foi feita considerando a centralidade da discussão sobre o oprimido, os processos de resistência à situação de submissão e exploração do outro e indicações de possibilidades de emancipação. Além disso, são obras que contém fundamentos das formulações dos referidos autores por meio de metodologias que pressupõem emancipação e transformação dos participantes, respeitando e proporcionando aos Jovens e Adultos da EJA uma aprendizagem libertadora.

Para examinar as referidas obras, considerando os objetivos e questões de estudo, elegemos os seguintes eixos de análise:

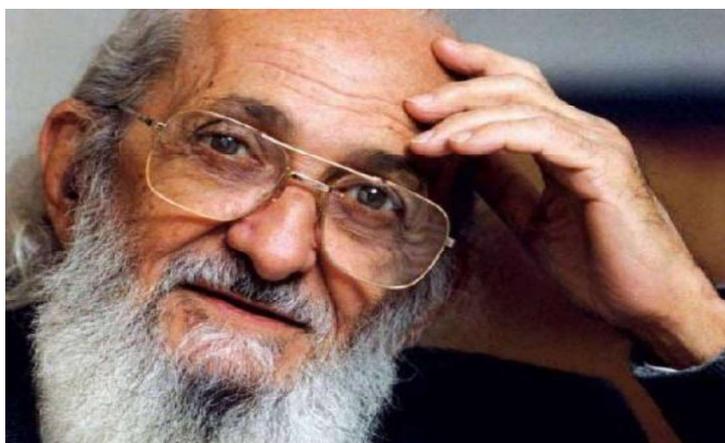
1. Contexto de produção das obras.
2. Contribuições para uma EJA emancipatória.
3. Os jogos e os valores éticos propostos por Augusto Boal como metodologia pedagógica na alfabetização e politização dos Jovens e Adultos.
4. Diálogos entre Freire e Boal - Dialogicidade, conscientização, intervenção na realidade dos estudantes.

Os resultados obtidos foram entrecruzados e são apresentados na Seção 2.

SEÇÃO 1 – PEDAGOGIA DO OPRIMIDO (FREIRE, 1967) E TEATRO DO OPRIMIDO E OUTRAS POÉTICAS POLÍTICAS (1975).

O propósito desta seção é apresentar resultados das análises das obras, mostrando as elaborações dos dois autores supracitados, especialmente, as possíveis ações, os diálogos em comum e as contribuições humanistas favorecedoras de uma Educação Emancipatória para a EJA, alicerçada nos valores éticos e solidários encontrados nas propostas de Freire e Boal.

1.1 Paulo Freire, por uma Pedagogia do Oprimido, contexto, estudo e aplicação



Paulo Freire¹⁵

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife-PE, em 19 de setembro de 1921, filho de Joaquim Themístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire, o pai era oficial de carreira da Polícia Militar de Pernambuco e a mãe dona de casa. Ele iniciou sua alfabetização aos 4 anos, na sombra da mangueira da casa onde nasceu. Segundo Paulo suas primeiras leituras foram “palavras escritas com gravetos desta mangueira” (Freire, 2006, p.62).

Devido à crise de 1929 a família mudou-se para a cidade de Jaboatão, onde o menino completou os primeiros anos de estudos. “Mais tarde frequentou, através de uma bolsa de estudos o conceituado Colégio Oswaldo Cruz, em Recife, onde também lecionou português.” (Viana, 2011, p.62).

¹⁵ *Série relembra grandes personagens brasileiros que contribuíram (e seguem contribuindo) para a educação*
<https://www.fundacred.org.br/site/2020/11/09/paulo-freire-e-sua-contribuicao-para-a-educacao/>

Em 1947, formou-se pela Faculdade de Direito do Recife, mas não atuou como advogado. Neste mesmo ano começou a trabalhar no Serviço Social da Indústria- SESI, chegando ao cargo de diretor da Divisão, Educação e Cultura.

Em 1963, junto ao Movimento de Cultura Popular - MCP do Recife, como Professor da Universidade Federal do Recife, Freire desenvolveu uma proposta de alfabetização no município de Angicos, coordenando uma equipe que alfabetizou, trezentos trabalhadores rurais em 40 horas. Como conta Viana

[...] sabe-se que foi precisamente a partir das experiências no pequeno município de Angicos, Rio Grande do Norte, que o trabalho do educador pernambucano despertou a atenção do restante do país, atraindo inclusive o interesse do presidente João Goulart. (Viana, 2011, p.62).

Assim nasceu o Programa Nacional de Alfabetização, liderado por Freire. Em 1964, os militares tomam o poder, e, infelizmente, o programa que deveria ter sido implantado no país, ficou restrito a Angicos. O presidente João Goulart foi deposto em 1964 e a ditadura cívico militar instalou-se no Brasil.

Paulo Freire permaneceu no Chile até 1969 e escreveu as obras: ***Pedagogia do Oprimido e Educação como prática da liberdade.***

Trabalhou no INDAP – *Instituto de Desarrollo Agropecuario com Educación popular*, junto ao Ministério da Educação e atuou em processos de alfabetização e pós-alfabetização de adultos no meio rural. Contratado pela UNESCO também atuou como consultor do ICRA – *Instituto de Capacitación y Investigación en Reforma Agraria*. (Viana, 2011, p. 63).

Em 1969, deixa o Chile e passa a viver em vários países, sempre atuando na Educação, e defendendo os valores e princípios contidos em sua obra. Atuou nos Estados Unidos, na Universidade de Harvard, como professor visitante; na Suíça, fez parte do CMI – Conselho Mundial de Igrejas. Com um grupo de brasileiros, criou o IDAC – Instituto de Ação Cultural, e em 1973 participou de projetos para educação de Jovens e Adultos com operários na Itália.



Paulo Freire concede entrevista a jornalistas na Guiné-Bissau, 1974- Acervo Oficial - Paulo Freire

Em 1975, inicia trabalhos no continente africano: em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Retorna ao Brasil em agosto de 1979, e atua como professor na PUC e UNICAMP, de 1989 a 1991. De 1989 a 1992 ocupa o cargo de Secretário Municipal da Educação na gestão da prefeita Luiza Erundina.

Em 1993, concorreu ao Prêmio Nobel da Paz. Recebeu prêmios e homenagens em vários países e foi convidado para lecionar em importantes universidades americanas e europeias, evidenciando o quanto seu trabalho para com a educação de jovens e adultos é reconhecido. Paulo Freire faleceu, no dia 2 de maio de 1997, na capital Paulista, aos 75 anos.

A perseguição desencadeada pela ditadura militar aos intelectuais brasileiros fez com que Paulo Freire se exilasse no Chile onde escreveu a obra *“Pedagogia do Oprimido”* editada no Brasil em 1967.

Freire inicia sua obra, mostrando situações injustas, violência dos opressores e medo da liberdade dos oprimidos, provocada por uma pedagogia das classes dominantes, e pelos opositores de uma educação libertadora. O autor afirma que:

A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação. (Freire, 1967, p.11).

Ele propõe uma pedagogia, estruturada na prática de liberdade, um conhecer solidário, direcionado pelo diálogo, pela esperança e amor. Freire em sua proposta de alfabetização, visualiza uma amplitude humana, que transforme o oprimido em um cidadão reflexivo, autor

de sua vida, que possa **biografar-se, existir-se, historicizar-se**, escrevendo sua história e fazendo história. O significado da proposta de alfabetização de Paulo Freire, se analisarmos isoladamente, e ignorarmos o contexto, nos parece limitado. Ele subdivide sua proposta metodológica em três movimentos:

Primeiro: o movimento interno que unifica os elementos do método e os excede em amplitude de humanismo pedagógico. **Segundo:** esse movimento reproduz e manifesta o processo histórico em que o homem se reconhece **Terceiro:** os rumos possíveis desse processo são possíveis projetos e, por conseguinte, a conscientização não é apenas conhecimento ou reconhecimento, mas opção, decisão, compromisso. (Freire, 1967, p. 13)

A partir desses três movimentos, chamados por Freire de relances, entendemos que alfabetizar é conscientizar, por meio da unidade que visualizamos na linha axial da proposta, melhor dizendo, iniciando com uma pesquisa prévia, investigando no meio cultural do alfabetizando, palavras faladas mais utilizadas por eles. Para a escolha das palavras, é importante considerar as mais ricas de possibilidades fonêmicas e cargas semânticas e, da mesma forma, as palavras que saem do universo do alfabetizando são referências para a dialogicidade, transfiguradas pela crítica, e passam a ser transformadoras do mundo.

Definidas como palavras geradoras elas se tornam início e referência para alfabetizar, pela combinação de seus elementos básicos, com significações constituídas ou reconstituídas por meio da dialogicidade, e a partir de situações existenciais codificadas em quadros. Representando situações de experiência vivida pelo alfabetizando, do ambiente em que vive, e passando para os objetos relacionados ao contexto investigado elas se tornam facilitadoras da aprendizagem. Nessa perspectiva:

A descodificação é a análise e conseqüentemente reconstituição da situação vivida: reflexo, reflexão e abertura de possibilidades concretas de ultrapassagem. Mediada pela objetivação, a imediatez da experiência lucidifica-se, interiormente, em reflexão de si mesma e crítica animadora de novos projetos existenciais. O que antes era fechamento, pouco a pouco se vai abrindo: a consciência passa a escutar os apelos que convocam sempre mais além de seus limites: faz-se a crítica. (Freire, 1967, p.14 -15).

Essas experiências no círculo de cultura proporcionam encontros e reencontros com companheiros de seu universo comum, seu círculo de cultura, surgindo a comunicação e o diálogo crítico, que recria, e revê o mundo como realmente é. Nesta proposta “não há professor. Há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao

mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo. ” (Freire, 1967, p. 15).

Um coordenador “sabe que não exerce as funções de “professor” e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa, “a de coordenar, jamais influir ou impor” (Freire,1980, p.5). O primeiro passo da proposta, investigar o contexto que o alfabetizando vive, estabelecer as palavras geradoras no levantamento do vocabulário popular, cabe ao coordenador que irá registrar fielmente os vocabulários, selecionar as palavras básicas mais relevantes e significativas, carregada das experiências vividas pelos alfabetizandos.

A dialogicidade permeará todo processo. Alfabetização e conscientização jamais se separam, uma vez que “[...] todo, aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando” (Freire,1980, p.5), com a codificação e a decodificação, da palavra geradora

[...] O alfabetizando já sabe que a língua também é cultura, que o homem é sujeito: sente-se desafiado a desvelar os segredos de sua constituição, a partir da construção de suas palavras — também construção do seu mundo. (Freire, 1967, p. 15).

Dessa forma, o alfabetizando se redescobrirá como homem sujeito de seu processo histórico da cultura local o que gera um sentimento de pertencimento. Passando a criar novas palavras para expressar seus pensamentos, registrar memórias, totalmente contrário a mecanismos e novas composições vocabular. “Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana. ” (Freire, 1967, p. 17).

O coordenador quando dialoga, instiga, registra, busca e seleciona a palavra e os temas geradores, ouve a “leitura de mundo” e dos seres que nele habitam. Freire afirma que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Nascemos aprendendo, independente do contexto, inicia-se a alfabetização de mundo.

A realidade vivida pelo oprimido, a quem desde o início se exige muito para viver, é ampla e sólida. Reconhecida com criticidade ela conscientiza a realidade do contexto, proporcionando possíveis mudanças que são a base sólida para a construção de conhecimento o que vai inserindo o ser no processo histórico como agente de mudança de sua realidade, libertando a si e aos opressores, como diz Freire: “A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a.” (Freire,1980, p. 43). Assim o autor propõe que:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, nas práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (Freire, 1967, p. 57)

Retirando-se o poder de oprimir restaura-se a humanidade. Para que se desenvolva uma metodologia libertadora a relação educador-educando, é preciso que a concepção da educação ‘**bancária**’, seja entendida. Que se mostre o quanto o professor, dentro desse processo, deposita de forma mecânica, repetitiva, sonora o conhecimento. Freire alerta para o fato de que “O educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação”. (Freire, 1967, p. 80). Na educação bancária o educador não estimula o educando a encontrar suas próprias respostas.

O saber acontecerá, com uma “Educação Libertadora, Problematicadora” inquieta, que inventa e reinventa, impaciente, com urgência diária, constante, respaldada pelo esperar que humaniza, onde educador-educando e educando-educador comunicam, convivem, simpatizam-se. Contrário ao esperar e receber conteúdos prontos e acabados da “Educação Bancária” na proposta de Freire

A educação libertadora, problematicadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. (Freire, 1967, p. 80)

Para uma “Alfabetização Emancipatória”, o caminho é a educação problematicadora, estabelecida pelo diálogo; pela ação-reflexão. No círculo de cultura, espaço onde educador-educando e educando-educador, ensinam e aprendem, aprendem e ensinam pelo diálogo, se produzem conhecimentos, experiências, saberes, que reinterpretam a leitura de mundo e histórias de vida, como afirma Freire:

O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores, investigando palavras geradora para os alfabetizandos e temas geradores. (Freire, 1967, p. 108).

Nesta primeira etapa, o ponto de partida desta metodologia é a dialogicidade investigativa e conscientizadora: para a alfabetização, o ponto de partida é a “palavra

geradora” e para a pós-alfabetização o “tema gerador” ou temática significativas. Para análise da prática do método, é fundamental citarmos as fases que orientam na descoberta **da palavra geradora**.

Conhecer o contexto e seus costumes por meio da investigação permite encontrar a palavra geradora. A partir daí se pode desenvolver uma proposição para a EJA, não só pela busca da palavra, mas pelo trabalho que assinalamos como pertencendo a uma das fases concebidas por Freire. Para um procedimento metodológico facilitador Freire estabelece em uma obra posterior chamada *Educação como prática da liberdade* (1980), cinco fases, sendo elas:

A Primeira fase – “Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará.” (Freire, 1980, p.112). Este levantamento é feito em encontros informais, que registram as expressões e vocábulos, carregados de um sentido existencial e consequentemente emocional. Trata-se de uma fase muito rica, não é restrita a busca de palavras. A dialogicidade que surge e permeia este momento proporciona solidariedade, ética, estabelece vínculos afetivos, humaniza.

A Segunda fase – é constituída pela seleção e escolha das palavras do universo vocabular pesquisado, o que segundo Freire deve obedecer a alguns

critérios: “a – o da riqueza fonêmica; b – o das dificuldades fonéticas (palavras escolhidas devem responder às dificuldades fonéticas da língua, colocadas numa sequência que vá gradativamente das menores às maiores dificuldades); c – o de teor pragmático da palavra, que implica numa maior pluralidade de engajamento da palavra numa dada realidade social, cultural, política etc. (Freire,1980, p.113).

A Terceira fase – exige certo cuidado e consiste na reelaboração de situações e condições típicas vividas pelos alfabetizandos e funcionam como desafios aos grupos:

São situações-problemas, codificadas, guardando em si elementos que serão decodificados pelos grupos, com a elaboração do coordenador. O debate em torno delas irá, como o que faz com as que dão o conceito antropológico de cultura, levando os grupos a se conscientizarem para que concomitante se alfabetizem. São situações locais que abrem perspectivas, porém, para a análise de problemas nacionais e regionais. Nelas vão se colocando os vocábulos geradores, na gradação da referida, de suas dificuldades fonéticas. Uma palavra geradora tanto pode englobar a situação toda, quanto pode referir-se a um dos elementos da situação. (Freire,1980, p.114).

A Quarta fase – funciona como uma forma de sistematização pedagógica e “consiste na elaboração de fichas-roteiro, que auxiliem os coordenadores de debates no seu trabalho. Estas fichas-roteiro devem ser meros subsídios para coordenadores, jamais uma prescrição

rígida a que devam obedecer e seguir.” (Freire,1980, p.114).

A Quinta fase – seria uma continuidade da anterior na qual é realizada “a feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores.” (Freire,1980, p.115). A atitude dialogal é a que realmente deve prevalecer. Em sua Pedagogia *do Oprimido* Freire nos lembra que uma relação eu-tu, é uma relação de dois sujeitos, educador – educando, educando educador, e são ações para uma educação realmente libertadora.

Deduz-se que as fases são estruturadas pela dialogicidade, explorando o contexto das palavras geradoras que fazem parte da vida dos educandos, as fichas são o material concreto, instrumento que facilita e valida a alfabetização e tanto quanto as outras fases é uma proposição que pode vir a contribuir efetivamente para as atividades da EJA.

Além da ‘**palavra geradora**’ uma outra ação consiste em encontrar o **tema gerador** e/ou as temáticas significativas que fazem parte ou compõem o universo do educando. A forma como se desenvolve esta metodologia se revela de fundamental importância na criação de uma educação emancipatória para a EJA. Nos estudos de Freire encontramos uma nova delimitação em forma de etapas que se tornam vitais no auxílio da construção dessa metodologia. Vejamos:

Primeira etapa - delimitar a área em que se vai trabalhar, conhecida por meio de fontes secundárias. (Freire, 1967, p. 143). É importante que os investigadores possuam um número significativo de jovens e adultos. Uma conversa informal deve explicar como se desenrola a investigação e deve servir como um convite para que participem como auxiliares, voluntários; “é normal que os investigadores cheguem na área da investigação movendo-se em um marco conceitual valorativo que estará presente na sua percepção do observado” (Freire, 1967, p. 144). O que não significa que se deve transformar ou impor qualquer marco. A investigação é conduzida como um que fazer cultural educativo, que conduz a um caminhar dinâmico, diferenciado para a EJA, podendo ser adotado para trabalhar todos os temas e disciplinas escolhidas.

Os diálogos informais no círculo cultural, “realizam a “descodificação” dos códigos vivos pela observação dos fatos, pela conversação informal com os habitantes da área, e pelo registro do fato encontrado. Registrar dados que aparentemente não são tão importantes revelam as expressões do povo, o comportamento no culto, a linguagem, as pronúncias e o como constroem suas reflexões, seus pensamentos e seu olhar crítico a respeito do universo em que estão inseridos. Tal ação favorece a produção de texto, quando do registro das observações no caderno de notas, tanto quanto a educação humanista evidenciada na ética

necessária a esta ação que nunca deverá ser invasiva e, na solidariedade que acompanha o diálogo.

A dialogicidade que se faz presente na busca dos temas geradores torna-se o fio condutor de toda formulação de uma metodologia que sugere, exige mesmo reuniões de avaliação, em que se possa descodificar e expor “a cisão que fez cada um de sua realidade” o que nos remete, dialogicamente, ao todo “cindido” que se retotaliza (sic) e se oferece aos investigadores para sua análise” (Freire, 1967, p. 147).

Segunda etapa – Após a investigação, de posse dos dados recolhidos, se faz necessário e à apreensão do conjunto de contradições. A equipe deve a partir desse momento, “escolher algumas contradições, com que serão elaboradas as codificações que vão servir de investigação temática.” (Freire, 1967, p. 150). O momento de identificar contradições, leva o educador-educando a conhecer o chão do educando e este a entender melhor o chão que pisa, tornando-se consciente do sujeito que representa a partir do conhecimento de seu espaço e de seus direitos.

Terceira etapa – Passa-se da investigação do tema gerador a temática dos diálogos descodificadores.

Na medida em que operacionalizam estes círculos, com a decodificação do material elaborado na etapa anterior, vão sendo gravadas as discussões que serão, na que segue, analisadas pela equipe interdisciplinar, nas reuniões de análise deste material, devem estar presentes os auxiliares de investigação, representantes do povo, e alguns participantes dos “círculos de investigação”. (Freire, 1967, p. 156).

O universo do ser humano vai sendo dinamizado e permitindo ao homem dominar a realidade a partir das relações que ele estabelece com ela. Assim, o homem torna-se o criador de sua própria história.

A EJA atende pessoas cujo direito à educação escolar não foi materializado. São pessoas pertencentes às classes populares com um histórico advindo de frações empobrecidas, da classe trabalhadora e de um contexto complexo.

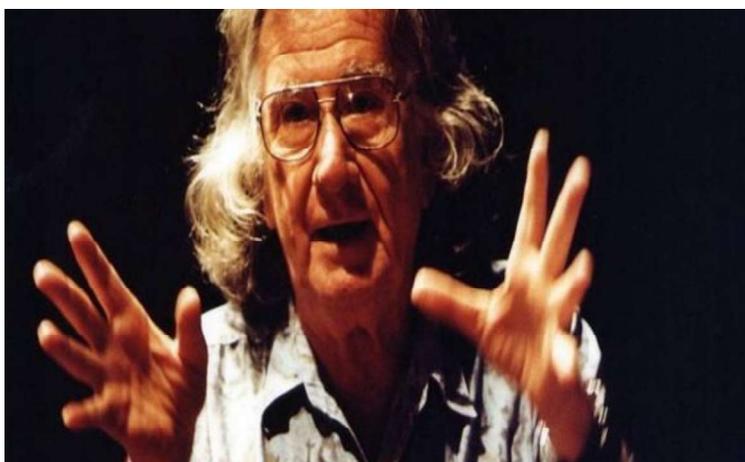
Buscando uma proposta de alfabetização e pós-alfabetização, em que os estudantes sejam prioridade em todos os diversos aspectos da educação, encontramos na proposta de Freire, uma metodologia que fomenta a esses sujeitos, conscientização e emancipação, tecendo sobre o universo um olhar poético que permite e aceita uma ideologia em que o oprimido se liberta da opressão e liberta igualmente seu opressor.

Em 2012, foi sancionada a Lei federal 12.612, que declarou Paulo Freire o Patrono da

Educação Brasileira. É importante lembrar que, mesmo no exílio, Freire continuou seu movimento de resistência, destacando a importância do reconhecimento da indissociabilidade entre educação, democracia e liberdade.

A contribuição de Freire na criação de um projeto de educação emancipatória que se opusesse a 'educação bancária' cujo instrumental estava vinculado à interesses opressores, representa, sem dúvida, um ponto de partida para o desenvolvimento de outra visão ligada a alfabetização de jovens e adultos. Sua proposta metodológica respaldada pela dialogicidade e valores éticos solidários, pode ser adotada na construção de uma reforma que privilegie a educação, promova o conhecimento e abra novas portas e possibilidades a essa parte da população brasileira negligenciada por olhares esquivos e avessos ao desenvolvimento humano. Um ser pensante e comprometido com processos de humanização não se deixa dominar facilmente e não abraça ideologias caóticas, e repressoras, que menosprezam o valor dos conhecimentos plurais na criação de uma sociedade democrática e justa.

1.2 Augusto Boal, *O Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*, contexto e concepção



Augusto Boal

Augusto Pinto Boal, nasceu no Rio de Janeiro em 16 de março de 1931. Era filho de imigrantes portugueses José Augusto Boal, padeiro de ofício e Albertina Pinto, dona de casa. Boal formou-se em engenharia química e doutorou-se na mesma área pela Universidade de Columbia, em Nova York. Paralelo ao seu doutorado, estudou dramaturgia e sua incursão no cenário teatral Americano foi determinante para as experiências realizadas junto ao Teatro de

Arena”.¹⁶

Em 1964, Boal dirigiu o espetáculo histórico “Show Opinião”, apresentado no Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes, como forma de resistência à política do Regime Militar. Com o objetivo de combater a censura e autoritarismo Boal produz na 1ª Feira Paulista de Opinião, um espetáculo sobre o Brasil da época.

No final de 1968, é decretado o “Ato Institucional nº 5 – AI-5¹⁷ quando ocorre o fechamento do Congresso Nacional, e o endurecimento absoluto do regime militar.

De 1969 a 1970, Boal, com o Teatro de Arena, excursionou por países latino-americanos e pelos Estados Unidos. Em 1971 foi preso e torturado exilando-se na Argentina, país de sua esposa, a psicanalista Cecília Thumim, lá permanecendo até o início da abertura política no Brasil.

À luz dessa contextualização é possível avançar nas reflexões e compreender [...] que a história do Teatro do Oprimido, especialmente no início da sua sistematização, está estreitamente ligada à educação de Jovens e adultos na América Latina, sabe-se que suas primeiras experiências ocorreram no âmbito do governo revolucionário no Peru, dentro do Programa de Alfabetização Integral (ALFIN), que utilizava o método Paulo Freire e vale ressaltar que os que primeiro participaram deste projeto foram pessoas adultas em processo de educação popular. (Viana, 2011, p. 66)

A obra “*Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*” foi editada primeiramente em espanhol, quando Boal se encontrava exilado em Buenos Aires, no ano anterior a sua publicação no Brasil, em 1975. Esta informação revela o quanto nossos desafios são os mesmos, fazemos parte de uma América Latina, marcada por golpes militares e movimentos pela construção da democracia. Sua obra

reúne ensaios que foram escritos com diferentes propósitos, desde 1962, em São Paulo, até fins de 1973, em Buenos Aires, relatando experiências realizadas no Brasil, na Argentina, no Peru, na Venezuela e em vários outros países latino-americanos. (Boal, 1975, p. 11).

Boal inicia a obra, defendendo que o teatro é necessariamente político. Ele lembra que nos primórdios do nascimento da arte teatral o povo cantava livremente ao ar livre: “o povo

¹⁶ O teatro de Arena- Companhia teatral que revolucionou a forma de pensar teatro no Brasil, foi, dos anos 50 aos 70, palco de experimentações e de celebrados espetáculos de nomes como: José Renato, **Augusto Boal** e Gianfrancesco Guarnieri.

¹⁷ O AI-5: *Ato institucional nº 5*, decretado no dia 16 de dezembro de 1968, foi o quinto de dezessete grandes decretos emitidos pela ditadura militar nos anos que se seguiram ao golpe de estado de 1964 no Brasil.

era o criador e o destinatário do espetáculo teatral, que se chamava de início “canto ditirâmico¹⁸”. Era uma festa em que todos podiam livremente participar” (Boal, 1975, p. 11). Na essência e estrutura do *Teatro do Oprimido* de Boal - o ator é também o público. Esta dinâmica direciona a empatia, e a crítica, pois o ator se coloca no lugar do outro e busca o reconhecer-se por meio de um novo olhar. É um teatro que se contrapõe às divisões estabelecidas pelo teatro clássico em relação a arte dramática, ao ator e ao público, em que alguns ficam no palco e os demais sentados, receptivos, passíveis.

As técnicas da proposta teatral de Boal evoluíram, melhor dizendo, não pararam de crescer desde 1974, quando criadas. A proposta tem como característica atender necessidades, não esquecendo o apoio dedicado às lutas dos oprimidos. Conscientes de que a arte conta e escreve a história, entendemos os objetivos da metodologia de Boal ao propor uma reflexão crítica sobre o momento histórico vivido.

Boal cria de forma esquemática o que seria uma *Árvore do Teatro do oprimido*.



“Árvore do Teatro do Oprimido” ou “Árvore Estética”, extraída de Boal (2008, p.17) e adaptada conforme Boal (2009).

Plantada no solo fértil da filosofia, da história, da política e da participação, com o auxílio da palavra, do som e da imagem por meio dos jogos lúdicos e do teatro conseguimos

¹⁸ Ditirâmico - Poesia lírica que transparece entusiasmo excessivo. [Figurado] Louvor, exaltação exagerada.

chegar à multiplicação de ações sociais fundamentais na construção de um novo homem e de um novo saber. São elementos diversos e técnicas isoladas, independentes, mas que guardam estreita relação entre si. A estrutura da árvore, servindo-se dos jogos, como base, nos ajuda a entender o porquê dos frutos que a metodologia proposta pelo TO produz. As diversas técnicas do TO podem ser aplicadas em vários e diferentes contextos. Desde a questão política, pedagógica, psicoterápica, de lutas sociais, da cidade ao campo, dos pequenos e corriqueiros problemas sociais aos grandes problemas econômicos, não se afastando, porém, da proposta inicial: apoio do teatro às lutas dos oprimidos. Assim, ao utilizar-se as técnicas propostas, provoca-se uma desmecanização do corpo e da mente, proporcionando criatividade, bem-estar e conscientização, fomentando uma educação libertadora.

Para Boal o teatro traz felicidade. Para entendemos o quanto o teatro é amplo e insere todas as artes, o autor esclarece:

A estética do Oprimido, busca desenvolver, aos que a praticam, a sua capacidade de perceber o mundo através de todas as artes e não apenas do teatro, centralizando esse processo na palavra (todos devem escrever poemas e narrativas); no som (invenção dos novos instrumentos e de novos sons); na imagem (pintura, escultura e fotografia). Cada folha dessa Árvore faz dela parte indissolúvel até alcançar as Raízes e a terra. (Boal, 1975, p.13)

Se o destino de toda árvore é crescer, florescer, produzir frutos. “No tronco da Árvore surgem, primeiro, os jogos, porque reúnem duas características essenciais da vida em sociedade; possuem regras, como a sociedade possui leis, que são necessárias para que se realizem”. (Boal, 1975, p.14). Os jogos do TO no tronco, associados a imagem, som e palavra, proporcionam uma estrutura que permitirá aos estudantes da EJA uma alfabetização sólida, com raízes firmes.

Por meio da arte, reafirmamos, conhecemos a história, formamos a visão do homem, seus desafios, superação, do mundo, sua transformação. Boal defende a assertiva de Brecht ao dizer: “Num estudo sobre teatro popular, Brecht afirma que o artista popular deve abandonar as salas centrais e dirigir-se aos bairros.” (Boal, 1975, p.118). Ir aos bairros é encontrar o povo, conhecê-lo é encontrar o oprimido, e propor e transformar uma realidade por meio do teatro, por meio de sua metodologia.

O relato do Programa de alfabetização (ALFIN)¹⁹, realizado no Peru em colaboração

¹⁹ ALFIN – Programa de Alfabetização Integral, dirigido por Alonso Lizaraburu, e com a participação dos diversos setores, de Estela Liñares, Luís Garrido Lecca, Ramón Vicha e Jesus Ruiz Durand, entre outros, em agosto de 1973, nas cidades de Lima e Chaclacayo – Peru. Em toda parte, ensinar um adulto a ler e escrever é um problema delicado e difícil. No Peru, talvez seja mais difícil ainda, considerando-se o enorme número de

com educadores peruanos declara que “É importante compreender que todos os idiomas são linguagem, mas nem todas as linguagens são idiomáticas! Existem muitas linguagens além de todas as línguas faladas e escritas” (Boal, 1975, p.128), razão pela qual Boal vai servir-se da linguagem do teatro como meio para a alfabetização. Na realidade do Peru com o enorme número de línguas e dialetos, o programa de alfabetização foi elaborado utilizando-se todas as linguagens disponíveis.

Isso era perfeitamente compreendido e considerado pelo projeto ALFIN, considerava os seguintes pontos essenciais: 1. Alfabetizar na língua materna e em castelhano, sem forçar o abandono daquela em benefício desta; 2. Alfabetizar em todas as linguagens possíveis, especialmente artísticas, como o teatro, a fotografia, os títeres, o cinema, o jornalismo etc. (Boal, 1975, p.128).

Considerando as características específicas dos grupos sociais formaram-se alfabetizadores que viviam nas mesmas regiões que alfabetizariam. As regiões escolhidas para o trabalho foram: 1. *Barriadas* ou *Pueblo jóvenes, cantegril, villamiseria...*; nossas favelas; 2. Regiões rurais; 3. Regiões mineiras; 4. Regiões onde as línguas maternas não eram castelhanas.

Boal relata sua participação no programa na área do teatro, em que esse foi considerado como linguagem e, no qual, qualquer pessoa, com ou sem pendores artísticos podia participar. Por meio de exemplos práticos, desenvolvidos no programa, usando uma linguagem própria a arte teatral, foi possível provar que o teatro pode estar a serviço dos oprimidos, auxiliando-os a se expressarem e a se alfabetizarem.

Primeiro relato, “um exemplo do que fez Estela Liñares, orientadora do setor de fotografias do ALFIN. Qual seria a velha maneira de se utilizar a fotografia num plano de alfabetização? Sem dúvida, seria fotografar coisas, ruas, pessoas, panoramas, comércios etc., mostrar essas fotos aos alfabetizando e discuti-las. Quem tiraria as fotos? Os alfabetizadores, capacitadores ou instrutores. Mas quando se trata de entregar ao povo os meios de produção, deve-se nesse caso, a máquina fotográfica. Assim se fez no ALFIN. Entregava-se uma máquina às pessoas do grupo que se estava alfabetizando, ensinava-se todos a utilizá-la e se faziam propostas: Nós vamos fazer perguntas a vocês. Nossas perguntas vão ser feitas em castelhano, e vocês vão nos responder. Mas vocês não podem responder em castelhano: vocês têm que “falar” em fotografia. Nós vamos perguntar coisas

línguas e dialetos que falam os seus habitantes. Segundo estudos recentes, calcula-se que existem pelo menos quarenta e um dialetos das duas principais línguas indígenas, o quéchua e o yamará. Investigações feitas na província de Loreto, ao norte do país, chegaram a constatar a existência de quarenta e cinco línguas distintas nessa região. Quarenta e cinco línguas e não apenas dialetos. E isso numa província que é, talvez, a menos povoada do país. (Boal, 1975, p.128).

na língua castelhana, que é uma linguagem. E vocês vão nos responder em fotografia, que também é uma linguagem. As perguntas que se faziam eram muito simples e as respostas, isto é, as fotos, eram depois discutidas pelo grupo. (Boal, 1975, p.130-131).

A linguagem fotográfica revelou-se extremamente útil e as respostas encontradas potencializaram o ato de ensinar e o de aprender. Quando se perguntou “onde você vive?” Os alfabetizandos trouxeram diferentes respostas:

1. Uma foto mostrando o interior de uma palhoça;
2. Margem do Rio Rímac;
3. Parte do mesmo rio, onde os pelicanos costumam comer o lixo que se acumula;
4. Foto da rua principal da favela onde morava;
5. Criança com o rosto ensanguentado, com parte do nariz roído;

Ao apresentarem as fotos-respostas, os alfabetizandos explicavam o que representava o momento registrado. Na foto da criança com o rosto ensanguentado, o homem que fotografou explicou que onde morava, quem protegia as crianças, enquanto os pais trabalhavam, eram os cachorros. Após uma epidemia de sarna nos cães, a prefeitura teve que eliminá-los. A criança desprotegida foi atacada por um rato. A utilização da técnica da fotografia favorece, o encontro de símbolos válidos para toda a comunidade e o grupo social. Numa outra experiência teatral em Lima a pergunta foi “o que é exploração”?

Muitas fotos-respostas mostravam o dono do armazém, ou o homem que vinha cobrar o aluguel, ou um balcão de uma venda, ou uma repartição pública etc. Um menino respondeu a essa pergunta com uma foto que mostrava um prego na parede. Para ele, esse prego era o símbolo perfeito da exploração. Quase ninguém entendeu o porquê. Em Lima, os meninos começam a trabalhar para ajudar na economia doméstica quando chegam à idade de cinco ou seis anos: começam como engraxates. É lógico que nas favelas onde vivem não existem sapatos para engraxar, e por isso essas crianças devem ir ao centro de Lima exercer o ofício. Levam consigo uma caixa dentro da qual colocam todos os apetrechos necessários à sua profissão. Mas evidentemente não podem ficar carregando todas as manhãs e todas as noites suas pesadas caixas, do trabalho à casa e da casa ao trabalho. Por isso são obrigados a alugar um prego na parede de um bar, e o proprietário lhes cobra o aluguel de três soles²⁰ por noite e por prego. (Boal, 1975, p.132-133).

A fotografia é uma arte produzida pelo ato de manejar uma câmera fotográfica, o que

²⁰ Moeda peruana na época.

é relativamente fácil. Se aplicarmos esta atividade hoje veremos que se tornou ainda mais fácil, pois é raro o jovem que não saiba fazê-lo usando um celular. Pode-se manejar uma câmera, mas não se pode manejar o homem.

A produção do teatro é constituída pela presença do homem e de seu corpo. Boal afirma “que a primeira palavra do vocabulário teatral é o corpo humano, principal fonte de som e movimento.” (Boal, 1975, p.134). Para trabalharmos a linguagem teatral, devemos conhecer nosso corpo, tornando-o mais expressivo.

Na proposta do teatro do oprimido em transformar o “espectador” em ator, esse deixa de ser objeto e passa a ser sujeito. Torna-se protagonista de sua história.

O plano geral da conversão do espectador em ator pode ser sistematizado no seguinte esquema geral de quatro etapas e quatro graus:

Primeira etapa: Conhecimento do corpo. Sequência de exercícios em que se começa a conhecer o próprio corpo, suas limitações e suas possibilidades, suas deformações sociais e as possibilidades de recuperação.

Segunda etapa: Tornar o corpo expressivo. Sequência de jogos em que cada pessoa começa a se expressar unicamente através do corpo, abandonando outras formas de expressão mais usuais e cotidianas.

Terceira etapa: Teatro como linguagem. Aqui se começa a praticar o teatro como linguagem viva e presente, e não como produto acabado que mostra imagens do passado.

Quarta etapa: Teatro como discurso. Formas simples em que o espectador-ator apresenta o espetáculo segundo a necessidade de discutir certos temas ou de ensaiar certas ações. As formas podem ser: 1. Teatro Jornal; 2. Teatro Invisível; 3. Teatro Fotonovela; 4. Quebra de repressão; 5. Teatro Mito; 6. Teatro Julgamento; 7. Rituais e máscaras.

Os quatro graus são os seguintes:

Primeiro grau: Dramaturgia simultânea: os espectadores “escrevem” simultaneamente aos atores que representam;

Segundo grau: Teatro Imagem; os espectadores intervêm diretamente, “falando” através de imagens feitas com os corpos dos demais atores ou participantes;

Terceiro grau: Teatro Debate: os espectadores intervêm diretamente na ação dramática, substituem os atores e representam, atuam! (Boal, 1975, p.134-135).

A metodologia do Teatro do Oprimido evolui por meio de jogos teatrais, que inicia com o conhecimento do corpo, proporcionando evidenciar o sujeito, e educando-o como protagonista. “Se uma pessoa é capaz de “desmontar” suas próprias estruturas musculares, será certamente capaz de “montar” estruturas musculares próprias de outras profissões e de outros status sociais, estará mais capacitado para interpretar personagens diferentes de si mesmo.” (Boal, 1975, p.137).

A quarta etapa, portanto, alinhava as formas teatrais que podemos usar com jovens e

adultos, reconhecendo seu espaço, respeitando o sujeito, e transformando-o de espectador a ator: de oprimido a ator de sua história. O relato de Boal é significativo sobre o uso de técnicas usadas em seu projeto teatral aplicado a alfabetização:

O **Teatro Jornal** foi desenvolvido inicialmente pelo grupo Núcleo do Teatro de Arena de São Paulo, do qual fui diretor artístico desde 1956 até 1971, quando tive que abandonar o Brasil por motivo de força maior. Consiste em diversas técnicas simples que permitem a transformação de notícias de jornal ou de qualquer outro material não dramático em cenas teatrais. Exemplos:

Leitura simples – a notícia é lida destacando-se do contexto do jornal, da diagramação, que a torna falsa ou tendenciosa – isolada do resto do jornal, readquire sua verdade objetiva;

Leitura cruzada – duas notícias são lidas de forma cruzada, uma lançando nova luz sobre a outra e dando-lhe uma nova dimensão;

Leitura complementar – à notícia do jornal acrescentam-se dados e informações geralmente omitidos pelos jornais das classes dominantes;

Leitura com ritmo – a notícia é cantada em vez de lida, usando-se o ritmo mais indicado para se transmitir o conteúdo que se deseja: samba, tango, canto gregoriano, bolero, de tal forma que o ritmo funcione como verdadeiro filtro crítico da notícia, revelando seu verdadeiro conteúdo, oculto nas páginas dos jornais;

Ação paralela – paralelamente à leitura da notícia, os atores mimetizam ações físicas, mostrando em que contexto o fato descrito ocorreu verdadeiramente; ouve-se a notícia e, ao mesmo tempo, veem-se imagens que a complementam;

Improvisação – a notícia é improvisada cenicamente, explorando-se todas as suas variantes e possibilidades;

Histórico – a notícia é representada juntamente com outras cenas ou dados, que mostrem o mesmo fato em outros momentos históricos, ou em outros países, ou em outros sistemas sociais;

Reforço – a notícia é lida, ou cantada, ou bailada, com a ajuda de slides, jingles, canções ou material de publicidade;

Concreção da abstração – concretiza-se cenicamente o que a notícia às vezes esconde em sua informação puramente abstrata; mostra-se concretamente a tortura, a fome, o desemprego etc., mostrando-se imagens gráficas, reais ou simbólicas;

Texto fora do contexto – uma notícia é representada fora do contexto em que sai publicada: por exemplo, um ator representa o discurso sobre austeridade pronunciado por um ministro da Economia enquanto devora um enorme jantar; a verdade do discurso fica assim desmistificada: quer austeridade para o povo, mas não para si mesmo. (Boal, 1975, p.155-156).

Augusto Boal conclui sua obra: *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas* ainda no exílio, na Argentina. “Seu método ampliou-se na Europa, onde viveu primeiro em Portugal, fixando-se depois em Paris, tendo escolhido a França para a fundação do *Centre du Théâtre de l’Opprimé-Augusto Boal* (Centro de Teatro do Oprimido de Pais), em 1979. (Viana, 2011, p.66). Na França, lecionou na *Université de la Sorbonne-Nouvelle*- Paris VIII.

No período que viveu na Europa, destacamos “o **Teatro Fórum**, se aplica ao estudo de situações sociais bem claras e definidas” (Boal, 1999, p. 29), uma metodologia extremamente pedagógica que pode ser adequada a EJA para a alfabetização.

Estrutura do TEATRO-FORUM

a. Nesta técnica é essencial “fazer a plateia participar de uma ação dramática com pleno conhecimento de causa”. Para encorajá-la a participar, é preciso, primeiro, que o tema proposto seja do seu interesse;(Boal, 1999, p. 27), o Teatro Fórum é trabalhado por meio de oficinas a um público homogêneo o objetivo do mesmo é melhor alcançado, o que não significa que não podemos aplicá-lo em uma plateia heterogênea, o que não pode acontecer é um tema fictício, o tema deve ser real, que refere a uma situação conhecida por todos e em locais igualmente reconhecível.

b. “O Teatro-Fórum é **um tipo de luta ou jogo**, e, como tal, tem suas regras. Elas podem ser modificadas, mas sempre existirão, para que todos participem e uma discussão profunda e fecunda possa nascer” (Boal, 1999, p. 28). É importante evitar um teatro desordenado, que Boal denomina de fórum selvagem, fazendo de qualquer jeito, substituindo atores e falas quando bem entender e abordar tema não definido.

c. As regras do Teatro Fórum foram descobertas e não inventadas – são necessárias para que produza o efeito desejado: o aprendizado dos mecanismos pelos quais uma opressão se produz ” (Boal,1999, p. 28). O objetivo do Teatro Fórum não é o mesmo do teatro didático, ele consiste em descobrir como a opressão se produz, estudando situações sociais estratégias para evitá-la e o ensaio dessas práticas. O texto deve ser escrito, organizado apresentando um erro que o tema a ser debatido seja nítido e gerador para conscientização e mudança de comportamento das pessoas presentes.

d. Dramaturgia: O texto deve caracterizar claramente a natureza de cada personagem, identificá-lo com precisão, para que o espectador-ator reconheça a ideologia de cada um. (Boal, 1999, p. 28). Os estilos de teatro são diversos e com ótimos objetivos, quanto ao Teatro Fórum, sua contribuição e objetivo é a oportunidade de conscientização de situações sociais bem claras e definidas associadas a opressões interiorizadas, por ele conscientizamos e podemos mudar realidades.

e. É muito importante deixar claro que no texto ou dramaturgia do Teatro Fórum “devem conter uma ou mais falha política ou social que após apresentada na sessão de fórum será analisada. “Estes erros devem ser expressos claramente, e cuidadosamente ensaiados, em situações bem definidas. Isto acontece porque o Teatro-Fórum não é teatro-propaganda, não é o velho teatro didático; ao contrário, é pedagógico” (Boal, 1999, p. 29). Todos aprendem juntos, atores e plateia. Durante a apresentação da peça – o erro, a falha, direcionada, deve estimular os espectadores-atores a encontrarem soluções, e reverterem a opressão. Para, direcionando a plateia, encontrar novos caminhos, resgatando a essência do indivíduo e conseqüentemente a dignidade.

f. A peça pode ser realista, simbolista, expressionista, de qualquer gênero, estilo ou forma, ou formato, exceto surrealista ou irracional – porque o objetivo é discutir sobre situações concretas, usando-se para isso a linguagem teatral. ” (Boal, 1999, p. 29).

g. Encenação: “Os atores devem ter uma expressão corporal que exprima com clareza às ideologias, o trabalho, a função social, a profissão etc. dos seus personagens, através dos seus movimentos e gestos” (Boal, 1999, p. 29). A encenação cumprirá seu objetivo conforme o desempenho em cena dos personagens, daí a necessidade de trabalhar, explorar os gestos e movimentos por meio dos jogos teatrais. Ao ser encenado o tema abordado deve ser significativo, para que os espectadores-atores ao entrarem em cena possam apenas falar.

h. “Cada personagem deve ser representado visualmente, de maneira a ser reconhecido independente do seu discurso falado, e o figurino deve conter elementos essenciais ao personagem” (Boal, 1999 p. 30). O figurino é tão importante quanto os gestos do corpo e a expressão dos atores contribuirá para melhor compreensão da plateia quando os espectadores-atores substituírem os atores em cena.

Em 1986, após 15 anos de exílio, Boal retorna ao Brasil definitivamente e continuou a dirigir espetáculos e a aprimorar seu método. Viana conta que em seu retorno Boal

[...] foi convidado por Darcy Ribeiro, então Secretário da Educação do Estado do Rio de Janeiro, a assumir a direção da Fábrica de Teatro Popular”. A finalidade desta escolha era tornar a linguagem teatral acessível a todos, como estímulo do diálogo e a transformação da realidade social. Naquele mesmo ano, já na nova função, Boal fundou o Centro de Teatro do Oprimido, o CTO, que ainda hoje difunde o seu método nos âmbitos nacional e internacional. (Viana, 2011, p. 66).

A Fábrica de Teatro foi criada por Boal, durante o governo de Leonel Brizola, utilizando as técnicas do Teatro Fórum para discutir questões comunitárias. No mesmo período, elegeu-se vereador na capital fluminense, e criou o Teatro Legislativo.



Teatro Legislativo²¹

²¹Disponível em:

<https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=f3SdF4NN&id=BEDFD354F558DDEB0030C1A>

Boal recebeu vários prêmios e homenagens. Em 2008, o teatrólogo concorreu ao Prêmio Nobel da Paz, da mesma forma que anteriormente acontecera com Paulo Freire. As contribuições de Boal por meio da metodologia criada e aplicada com as técnicas do Teatro do Oprimido ganharam importância ímpar, não apenas dentro da área da dramaturgia, mas como um importante acesso ao desenvolvimento de uma consciência social, ampla, solidária e responsável além de ser facilitadora da alfabetização e aprendizagem, como foi o caso de seu trabalho desenvolvido no Peru.

Em 25 de março de 2009, Augusto Boal, foi nomeado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) Embaixador Mundial do Teatro, e o grande pesquisador, diretor e dramaturgo foi assim reconhecido pelo legado deixado por suas obras. No mesmo ano, em 2 de maio, Boal falece no Rio de Janeiro.

1.3 – Diálogo entre Paulo Freire e Augusto Boal: De educador social a educador criador

As elaborações de Paulo Freire e de Augusto Boal dialogam entre si. O trabalho de resistência social e política empreendido pelos dois educadores, com objetivos bastante claros de promover não apenas uma consciência social, e criar uma forma de alfabetização acessível a todos que transformasse o sujeito em autor de sua própria história, tornou-se fundamental quando pensamos na criação de EJA emancipadora.

É extremamente relevante considerar que foram dois exilados políticos da ditadura cívico militar brasileira, regime instaurado em 1 de abril de 1964, e que formalmente durou até 15 de março de 1985. Ambos permaneceram preocupados e comprometidos com as diferenças sociais, educativas e culturais do país, continuando na busca de soluções e metodologias que pudessem eliminar a diferença entre as classes sociais brasileiras permitindo a todos o livre acesso à educação e criando elementos facilitadores para isso, como foi o caso das obras dos dois autores que, acima de tudo, dedicaram-se a tentar criar movimentos para a construção permanente da democracia.

Com a finalidade de expor resultados da análise orientada por eixos de análise e

3FA7FDF733DA33F2A&thid=OIP.f3SdF4NNOyduC33-fADsfwHaFG&mediaur=<https%3a%2f%2fth.bing.com%2fth%2fid%2fR.7f749d17834d3b276e0b7dfe7c00ec7f%3frik%3dKj%252bjPXPff%252fjwQ%26riu%3dhttp%253a%252f%252fwww.spescoladeteatro.org.br%252fwp-content%252fuploads%252f2012%252f10%252fBoal2.jpg%26ehk%3dRI%252brehum%252f5We7kMq6yoYcp9ALFzsDcWN8JWw6wV52YA%253d%26risl%3d%26pid%3dImgRaw%26r%3d0&exp=491&expw=712&q=Teatro+Legislativo+BOAL&simid=60798817077710628&FORM=IRPRST&ck=592044EB58EC8BE3F773ACCE17C7FCD8&selectedIndex=2&ajaxhist=0&ajaxserp=0> Acesso em: 01 set. 2023.

objetivos do presente trabalho, criamos o Quadro 3, com os fragmentos ilustrativos que aproximam as obras dos dois autores e suas contribuições para a criação de uma metodologia aplicada à alfabetização de jovens e adultos. Vejamos o quadro:

Quadro 3. Fragmentos ilustrativos de diálogo possível entre obras e intenções

<i>Pedagogia do oprimido</i>	<i>Teatro do oprimido e outras poéticas políticas</i>	Diálogo possível
Paulo Freire - 1967	Augusto Boal - 1975	
E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos — libertar-se a si e aos opressores. (Freire, 1967, p. 41)	Os que pretendem separar o teatro da política pretendem conduzir-nos ao erro – essa é uma atitude política. (Boal, 1975, p.11)	Revela as situações injustas dos oprimidos e a tarefa histórica na criação de uma educação humanizadora. Defende a liberdade dos oprimidos, e o fato de que a educação e o teatro são necessariamente atos políticos.
[..] uma nova pedagogia enraizada na vida dessas subculturas, a partir delas e com elas, será um contínuo retomar reflexivo de seus próprios caminhos de libertação; não será simples reflexo, senão reflexiva criação e recriação, um ir adiante nesses caminhos: “método”, “ prática de liberdade ” que, por ser tal, está intrinsecamente incapacitada para o exercício da dominação. (Freire, 1967, p.12)	O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É uma ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras. (Boal, 1975, p.16)	Optam por metodologia, que desenvolva um conhecimento solidário, conduzido pelo diálogo, ancorado na esperança. As metodologias propostas pela PO e pelo TO, proporcionam jogos que envolvem, imagem, som e palavras que não só desmecanizam o corpo, e a mente, mas promovem criatividade, bem-estar e conscientização.
A concepção “ bancária ” ... No momento mesmo em que se funda	A aprendizagem feita à base de historietas ... em que se	Os autores refletem sobre a educação colonizadora, estruturada e repassada

<p>num conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma, por isto mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo de libertar o pensamento pela ação dos homens uns com outros na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais e mais humano. (Freire, 1967, p. 91)</p>	<p>explicam as diferenças entre um cofre caseiro e um banco etc. mostram os assuntos e temas escolhidos entre os valores de uma sociedade capitalista competitiva. Os pequenos e indefesos espectadores são expostos a esse mundo competitivo, organizado, coerente e coercitivo! Assim nos educam. Por osmoses! (Boal, 1975, p.125)</p>	<p>mecanicamente, fora do contexto e descompromissada com a humanização, criando oprimidos e futuros opressores. Independentemente da idade se “Ivo viu a uva”, não importa se Ivo conhece a uva, se come a uva, quem a plantou, de onde ela vem e para que serve.</p>
<p>Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas da situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer ‘bancária’ ou de pregar no deserto. (Freire, 1967, p.120).</p>	<p>O que a Poética do Oprimido propõe é a própria ação! O espectador não delega poderes ao personagem para que atue nem para que pense em seu lugar, ao contrário, ele mesmo assume um papel protagonista, transforma a ação dramática inicialmente proposta, ensaia soluções possíveis, debate projetos modificadores: em resumo, o espectador ensaia, preparando-se para a ação real. (Boal, 1975, p.130).</p>	<p>Propõem uma metodologia que conduza homens e mulheres, a conhecer o espaço, a sociedade, em que estão inseridos e que possam aprender a escrever e a se tornarem autores de sua história, não se permitindo sofrer a opressão e consequentemente, libertando o opressor.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A análise comparativa das obras de Freire e Boal nos leva a entender a preferência dos autores pelo uso da palavra **oprimido**. Os contextos, apesar das obras terem uma década de decalagem entre elas, revelam-se os mesmos, marcados por relações de poder, pela desigualdade crescente do país e pela opressão a todo e qualquer pensamento reflexivo que pudesse vir a questionar a política do momento. O objetivo comum dos autores era que o povo começasse a entender que a tarefa humanista é um ato político. A transformação do cenário sociopolítico e econômico de um país só se configura na luta e adoção de uma educação libertadora, que promova um olhar crítico, reflexivo, engajado. Para tanto, Freire e Boal buscaram as ferramentas de que dispunham: o conhecimento da educação e da arte criando uma metodologia e uma nova pedagogia, que permitisse aos participantes se tornarem

atores e autores de suas próprias histórias na construção de uma história única sem opressores e sem oprimidos.

Dentro das técnicas propostas por Freire sobre os **Temas geradores** e a proposta de Boal com seu **Teatro Jornal** há uma espécie de adequação, útil e necessária na criação de um novo e emancipador processo educacional.

Nessa perspectiva, quando analisamos a Pedagogia do Oprimido e o Teatro do Oprimido, observamos as afinidades.

A proximidade de ambos é percebida na luta pelo oprimido, na proposta e no trabalho realizado, propondo libertação por meio do conhecimento, alicerçado no respeito ao conhecer o contexto no qual vivem esses Jovens e Adultos. Nas palavras de Freire

O método Paulo Freire não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as existências lógicas do discurso abstrato; simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra. (Freire, 1967, p.17)

Poder **existenciar-se** criticamente é tomar posse, conhecer o que é seu por direito, usufruir dele, é enxergar o mundo como ele realmente é, poder ir e vir, ter consciência das atribuições a serem cumpridas. “Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana.” (Freire, 1967, p.17).

Quando analisamos determinados momentos históricos, percebemos que o opressor permanece, entendemos quando Freire nos alerta sobre o que acontece quando o oprimido não é libertado: o ciclo de opressão permanece e a luta pela libertação continua e torna-se dolorosa, “por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos que é a libertação de todos”. (Freire, 1967, p. 48). Freire afirma sempre que a leitura do mundo precede a leitura das palavras. Quem lê o mundo desenvolve o pensamento crítico sobre ele e não se deixa mais enganar, pois se apossa da sua história. É nesse sentido que a alfabetização do homem atinge parâmetros impensados, pois não se trata de ensinar o homem a ler, mas ensiná-lo a pensar, a refletir e a tomar decisões. Assim, um processo de alfabetização não consiste em apenas ensinar um homem a ler.

No projeto de TO encontramos os mesmos pilares desenvolvidos pela PO de Freire. Vejamos:

A sinergia criada pelo Teatro do Oprimido aumenta o seu poder transformador na medida em que se expande e que entrelaça diferentes grupos de oprimidos: é preciso conhecer não apenas as suas próprias, mas também as opressões alheias. A solidariedade entre semelhantes é parte medular do Teatro do Oprimido. (Boal, 1975, p.14)

Sua metodologia encontra-se ancorada na defesa de que as pessoas necessitam de liberdade criativa. Os jogos teatrais de Boal ensinam que há regras para viver, sem regras não há jogos e, nas palavras do autor, sem liberdade não há vida. É a liberdade que ensina e que proporciona cidadania. É por meio de um olhar atento sobre a vida do dia a dia que se constrói a cidadania para todo um povo.

As técnicas do TO apontam para a transformação social. Nelas o objetivo não é interpretar a realidade, mas transformá-las. Freire e Boal oferecem possibilidades de desenvolver educação com jovens e adultos por meio de ações educativas culturais transformadoras, recusando projetos de intervenção marcados por intromissão, colonização, restrição e hierarquização dos conhecimentos. Isso porque os referidos autores não abandonam o compromisso com a denúncia das diferentes formas de opressão e o anúncio de projetos educacionais e culturais humanizadores, reconhecendo e valorizando a relação indissociável entre educação e culturas.

SEÇÃO 2- PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: resultados e reflexões

Nesta seção, apresentaremos resultados da pesquisa bibliográfica, destacando a análise das soluções registradas nas obras selecionadas, contradições, comparação de objetivos e contribuições para a composição de respostas para as questões que orientam esta pesquisa. A pesquisa bibliográfica, como afirma Lima e Mito:

Tem por objetivo relacionar as ideias expressas na obra com o problema para o qual se busca resposta. Implica na interpretação das ideias do autor, acompanhada de uma inter-relação destas com o propósito do pesquisador. Requer um exercício de associação de ideias, transferência de situações, comparação de propósitos, liberdade de pensar e capacidade de criar. O critério norteador nesse momento é o propósito do pesquisador. (Lima; Mito, 2007, p. 41).

Para expor e analisar os resultados da referida pesquisa, optamos por organizar esta seção em três subseções. A primeira apresenta o caminho investigativo percorrido pela arte-educadora Júlia Brito Fagundes e a segunda o caminho assumido por Márcio Silveira dos Santos. Essas duas subseções apresentam, também, resultados da busca de resposta para a indagação sobre possível diálogo entre Freire e Boal, como aplicação prática na construção de uma metodologia que privilegiasse a Educação de Jovens e Adultos Emancipatória, objetivos desta pesquisa bibliográfica. A terceira subseção apresenta e analisa o entrecruzamento dos resultados das análises das obras selecionadas.

2.1. Em busca de diálogos e contribuições de Freire e Boal para a EJA.

Júlia Brito Fagundes, professora de Arte²², é autora da dissertação: *Do oprimido ao controle ambiental: o ensino-aprendizagem de arte no Curso Técnico em Controle Ambiental integrado à EJA.*²³

A autora inicia a dissertação citando um fragmento do texto elaborado por Freire:

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda [...] sou professor a favor da

²² Seu trabalho foi desenvolvido no Curso Técnico em Controle Ambiental no CED – Centro Educacional Irmã Regina, a primeira escola do campo da Secretaria de Educação do Distrito Federal -SEEDF a implementar um curso técnico na modalidade integrada à EJA.

esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, [...] Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar. (Freire, 2015, p. 100)

A citação de Freire, registrada na página 05 da referida dissertação, associada aos jogos teatrais do Teatro do Oprimido como orientador de atividades aplicadas nas aulas de arte evidencia elementos dos possíveis diálogos entre Freire e Boal com contribuições para EJA emancipatória. Essas contribuições são ancoradas, especialmente, na relação entre educador-educando, educando-educador; ator-expectador, expectador-ator, marcada pela ausência de hierarquias e pela constituição do sujeito democrático.

A autora optou pela abordagem qualitativa e desenvolveu uma pesquisa-ação, objetivando o uso de práticas teatrais, articuladas e integradas à formação técnico-profissional na disciplina de arte, pertencente ao currículo do curso técnico, na modalidade integrada à EJA. Seu trabalho, numa perspectiva integrada, vinculou à prática da disciplina ao mundo do trabalho do Curso profissional, fortalecendo a integração curricular à especificidade da Educação de Jovens e Adultos.

Por meio de atividades práticas articuladas à poética do Teatro do Oprimido foi proposta a criação de um Diário de Bordo Coletivo. A autora quis dar continuidade ao processo formativo de construção do PIL – Projeto de Intervenção Local, realizado no Curso de Especialização em Diversidade e Cidadania e EJA, ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - FE-UnB - e voltado para a formação de professores das escolas públicas do Distrito Federal.

O trabalho foi desenvolvido em três turmas de aulas de Arte. A pesquisadora iniciou esse trabalho com o uso da técnica do Diário de Bordo Coletivo, que consistia na criação de um caderno de uso coletivo. Após as atividades realizadas em sala de aula, um dos educandos levava o caderno para casa e registrava o que todos vivenciaram e aprenderam, gerando um feedback útil. Os registros das aulas ministradas, com o desenvolvimento dos jogos teatrais do Teatro do Oprimido promovia reflexão e dialogicidade na roda de conversa por meio do debate.

Para entender e analisar o contexto, no qual exerce a docência, e pesquisar a própria prática, Fagundes recorreu às elaborações de Freire, indagando e conhecendo o contexto do educando. “Na perspectiva de Freire, a indagação, a busca e a pesquisa fazem parte da natureza

da prática docente. ” (Fagundes, 2018, p.12). Investigando e transformando sua prática, a educadora busca uma ação educativa orientada para a reconstrução social.

É na prática docente de reconstrução social que norteio minhas ações e que a intencionalidade pedagógica dessas ações está centrada. Tal prática pauta-se nas ideias de Paulo Freire, que ensina que “não há prática docente sem curiosidade, sem incompletude, sem seres capazes de intervir na realidade, sem seres capazes de serem fazedores da história e ao mesmo tempo sendo feitos por ela” (Freire, 2008, p. 28). Essa é uma referência fundamental para as práticas que busco desenvolver. (Fagundes, 2018, p.18).

A postura crítica e reflexiva freiriana esteve presente em todas as atividades elaboradas no período da pesquisa-ação proposta por Fagundes. Como afirma Freire: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. ” (Freire, 1996, p. 43).

Paralelo ao Diário de Bordo utilizado pelos alunos, Fagundes criou seu Diário de Campo, onde registrava suas ações e os relatos e reflexões dos estudantes do Curso Técnico em Controle Ambiental, integrado à EJA. Em sua postura educativa a autora defende que: “Entender que a escuta é, muitas vezes, mais importante do que a fala no trabalho docente é uma aprendizagem que destaco deste processo de pesquisa. ” (Fagundes, 2018, p. 103).

Em sua primeira aula com as turmas, para conhecer e trabalhar a concepção da sala de aula como espaço dialógico e para observar a reação e a postura dos alunos, Fagundes os recebeu com a sala organizada totalmente diferente da forma tradicional, com carteiras e cadeiras desalinhadas, com as pernas para cima, de lado. As reações foram as mais diversas: alguns se assustaram, outros se sentaram em cima da mesa, outros ficaram em pé... Quando todos chegaram, ela os convidou a fazerem uma roda de conversa sobre as impressões da sala e de como a encontraram. Após o debate, solicitou que um educando levasse para casa o Diário de Bordo Coletivo e registrasse seu sentimento em relação a aula e ao tema abordado. Um dos educandos relatou:

Observei que podemos ser quem somos [...] aproveitando o espaço e tudo o que há. Sabendo seus direitos e deveres e respeitando sempre o espaço do colega que está ao seu lado. Isso nos faz ser pessoas mais iguais e sem preconceito com aquilo que nos proporciona o que há de melhor para o nosso dia a dia. (DB²⁴, 2018, p. 2).

²⁴ DB – Diário de Bordo Coletivo.

A fala do educando e as atividades vivenciadas por meio dos jogos teatrais do TO, acompanhadas pelas discussões, articulações coletivas e reflexões sobre os temas identificados no contexto escolar, confirmam e direcionam uma dialogicidade²⁵ conscientizadora, quando o educando pode expor e explicar o registrado no Diário de Bordo. O debate gerado provoca reflexão na comunidade escolar, com implicações nas práticas pedagógicas. Entendemos que esse processo é resultado de um planejamento inserido no Projeto de Intervenção Local. Fagundes justifica sua escolha:

Por esse motivo, o planejamento das aulas da nossa disciplina foi inspirado no formato de oficina. Boal (2015) propõe a organização dos jogos em cinco categorias: sentir tudo que se toca, escutar tudo o que se ouve, ativando os vários sentidos, ver tudo o que olha e memória dos sentidos. Boal (1975) também sistematizou o plano geral da conversão do espectador em ator em quatro etapas: Conhecimento o Corpo, tornar o Corpo, Expressivo, O Teatro como Linguagem (em três graus: Dramaturgia Simultânea, Teatro-Imagem e Teatro-Debate) e, finalmente, Teatro como Discurso. Então, a partir dessas propostas de Boal, ao longo do desenvolvimento da proposta pedagógica do PIL, chegamos até a seguinte adaptação em blocos para a divisão dos exercícios e jogos desenvolvidos ao longo do semestre. (Fagundes, 2018, p. 85).

As elaborações de Boal e Freire aplicadas à análise da dissertação revelam que a **autora** se serve da metodologia de ambos, ao propor oficinas organizadas a partir de categorias: sentir, escutar, olhar; conhecimento do corpo pela expressão, linguagem, discurso. “A investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. ” (Freire, 1967, p.121). Entende-se que uma investigação para ser consistente, não contraditória, deve deixar claro a flexibilidade de planejamento com que é conduzida, inclusive quando se opta por usar as categorias sugeridas por Boal. Tais categorias foram subdivididas em blocos e usadas no contexto escolar, e na comunidade rural em que a escola está inserida. São os seguintes os blocos que pertencem a subdivisão proposta por Boal:

²⁵ *Dialogicidade - Para Freire, é compreendido como o momento em que os seres humanos se encontram para conhecer e refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem como seres conscientes e comunicativos que são. A proposta de uma educação humanista-libertadora em Freire tem no diálogo/dialogicidade uma das categorias centrais de um projeto pedagógico crítico, mas propositivo e esperançoso em relação a nosso futuro. Diálogo como processo dialético problematizador. Ou seja, através do diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação. Nessa perspectiva, o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora.*

- **Bloco 1:** Jogos de iniciação – nesse primeiro bloco, nossas práticas estavam voltadas à aproximação dos participantes com os princípios básicos da linguagem teatral, isto é, desenvolvemos uma sequência de exercícios e jogos teatrais dedicados ao conhecimento do próprio corpo, bem como suas limitações e possibilidades, e à ampliação da interação entre todos que participaram. Aqui os jogos foram desenvolvidos a partir das suas raízes: imagem, palavra e som. Não houve delimitação de número de aulas para cada bloco, a passagem para o segundo bloco dependeu do ritmo de cada turma.

- **Bloco 2:** Jogos de imagem – as formas de percepção não verbal foram estimuladas em detrimento da palavra. Os jogos desenvolvidos nesse bloco foram orientados para a discussão de situações de opressão escolhidas pelo grupo, por meio de imagens corporais. Aqui, buscamos nos expressar com os ouvidos e olhos abertos, mais do que a boca.

- **Bloco 3:** Do Teatro-Imagem ao Teatro-Debate – nesse último bloco podíamos criar uma cena nova a partir de alguma situação cotidiana de opressão ou ampliar alguma cena ou jogo desenvolvido no bloco anterior. Esperamos o desenvolvimento dos três blocos de jogos e exercícios.

No entanto, era possível que numa determinada turma, por fatores diversos, a proposta do terceiro bloco não fosse realizada. Essa sistematização em blocos foi extremamente importante para que o planejamento pudesse ter flexibilidade de enfrentar eventuais problemas de mudança de calendário e ritmo de cada turma. Portanto, considerando que a primeira aula, relatada anteriormente, fez parte do bloco dos jogos de iniciação, dou seguimento ao relato analítico das práticas do primeiro bloco com os seguintes trechos do nosso diário de bordo, referentes à segunda aula. (Fagundes, 2018, p. 86).

A sequência dos blocos planejados, aplicada, os detalhes descritos e os relatos da condução das aulas permitiram identificar diferentes processos de comunicação. Identificar o contexto e conhecer o educando-educador; educador-educando; expectador-ator, ator-expectador, e verificar que estavam inseridos na dialogicidade proposta por Freire e nas técnicas de Boal, permitindo reconhecer que é possível uma educação emancipatória. Essa afirmativa se ancora, por exemplo, quando a referida autora socializa os depoimentos dos estudantes que participaram das aulas. No Diário de Bordo encontramos depoimentos, relatados pela pesquisadora:

Conhecer nossos colegas e saber que temos limites e que temos que respeitar o limite do outro”, aprendemos que cada pessoa tem uma forma de interpretar uma cena ou um acontecimento e temos que ouvir a opinião de todos”; “ter consciência que vale mostrar sua própria identidade”, “na vida ou no teatro, nem tudo o que se representa tem o mesmo entendimento”; “mostrou que a gente não precisa ficar sendo só plateia e que podemos atuar e participar na nossa vida, no nosso cotidiano”. (Fagundes, 2018, p. 92).

Os registros dos depoimentos dos estudantes revelam o quanto as aulas ministradas proporcionaram conscientização, ética, vínculos afetivos e geraram empatia entre os colegas

na sala de aula e no seio da comunidade escolar. Freire nos lembra o quanto é importante que os educadores “sejam capazes de conhecer as condições estruturais em que o pensar e a linguagem do povo, dialeticamente, se constituem”. (Freire, 1967, p. 121).

Ao longo desta pesquisa-ação, realizada no Curso Técnico em Controle Ambiental no CED Irmã Regina, a dialogicidade freiriana esteve presente, embora parcialmente, no desenvolvimento das atividades estruturadas nos jogos teatrais do TO, nas quais a proximidade de propósitos relativos à conscientização, à denúncia das situações opressoras e aos anúncios de relações humanizadoras evidenciavam diálogos possíveis entre Freire e Boal.

As práticas foram registradas e analisadas a partir do Diário de Bordo Coletivo que acompanhou toda pesquisa-ação. Nos registros as aproximações entre Freire e Boal estão bastantes claras nas histórias, memórias, criatividade e mudanças em relação aos desafios encontrados na comunidade e na escola.

Na análise da proposta da educadora pensamos que talvez pudessem ser incluídas mais sugestões de Freire no que se refere ao desenvolvimento das atividades, utilizando por exemplo as sequências das proposições dos temas geradores ou temáticas significativas, como a autora Fagundes fez em relação à metodologia de Boal. Mas, entendemos que a incorporação do fazer pedagógico em Freire e Boal é um processo formativo, como afirma a pesquisadora:

Sigo alimentando a esperança de construir nossas práticas pedagógicas de forma integrada ao mundo do trabalho e da vida. Não me refiro aqui à esperança no sentido de esperar, mas na esperança freireana de “esperançar”, o que demanda a busca de intervenção nos espaços escolares e comunitários da escola. (Fagundes, 2018, p. 105)

O esperançar é vivido por Fagundes e impulsiona-nos o quefazer constante em prol dos educandos da EJA. Nesse processo de busca evidenciado na análise, é importante destacarmos, também, que a autora ao adotar o Diário de Bordo Coletivo do Estudante e o “Diário de Campo”, o diálogo, a relação entre ensino e pesquisa, as escolhas epistemológicas de Freire como fundamento do trabalho estão presentes na sua obra.

A adoção das técnicas de Boal não é acompanhada pelas formulações de Freire com a mesma intensidade no ensino-aprendizagem, das aulas de artes das três turmas pesquisadas. Entretanto, os resultados da pesquisa-ação de cunho investigativo, desenvolvida pela professora Fagundes, revelam possíveis diálogos entre Freire e Boal.

No decorrer da análise, não encontramos contradição, as concepções e metodologias adotadas se completam a favor do oprimido, mesmo transcendendo o tempo e o espaço, 1967 e 1974, educação e teatro, instigando olhares fomentadores de EJA libertadora.

2.2 - O teatro jornal como recurso pedagógico na Educação de Jovens e Adultos

Márcio Silveira dos Santos, professor da Escola Municipal Arthur Ostermann, no bairro Feitoria, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul é autor do artigo: **Ensino de teatro na educação de jovens e adultos: o teatro-jornal como recurso pedagógico**²⁶. Seu artigo é uma reflexão acerca de um trabalho desenvolvido, durante um trimestre, nas aulas de teatro, em duas turmas da EJA, na escola em que trabalha.

O autor, antes da exposição da pesquisa, informa sobre a ampliação de ofertas de cursos superiores, presenciais ou à distância, e a exigência da escolarização e certificação para inserção no mercado de trabalho, provocando a retomada dos estudos pela população jovem e adulta, recorrendo a EJA. Ele retoma e analisa, de forma sucinta, a história da educação de jovens e adultos, no Brasil, destacando movimentos educacionais comprometidos com educação emancipatória e a perseguição a esses movimentos pela ditadura militar, instaurada no ano de 1964. Márcio afirma que:

A ditadura Militar tentou acabar com iniciativas de educação e cultura popular, como os Centros Populares de Cultura (CPC) e o Movimento de Educação de Base (MEB), entre outros, criando o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), por meio do decreto nº 62.455, de 1968, que foi extinto em 1985. (Santos, 2020, p.117)

Mas, a resistência continuou por meio dos movimentos populares, fomentando os fundamentos e as práticas da Educação Popular, embora tendo lideranças mortas, presas e torturadas. Para refletirmos sobre educação popular e contexto de produção da educação, recorreremos a Brandão em sua obra *O que é Educação Popular* (1983).

A educação popular é a negação da negação. Não é um método conscientizador”, mas é um trabalho sobre a cultura que faz da consciência de classe um indicador de direções. É a negação de uma educação dirigida “aos setores menos favorecidos da sociedade” ser uma forma compensatória de tornar legítima e reciclada a necessidade política de preservar pessoas,

²⁶ Artigo publicado na revista Moringa/ Artes do Espetáculo V. 11 N. 1 jan-jun/2020.

família, grupos, comunidades e movimentos populares fora do alcance de uma verdadeira educação. Ela procura ser, portanto, não a afirmação da possibilidade de emergência de uma nova educação “para o povo” – o que importaria a reprodução legítima de “duas educações” paralelas, condição da desigualdade consagrada – mas a da necessidade da utopia de transformação e todo projeto educativo a partir do ponto de vista e do trabalho de classe das classes populares. (Brandão, 1983, p. 54)

No início do século XX, período da expansão industrial, o país carente de mão de obra especializada, e paralelo a esta realidade mescla

Entre nós, ideias liberais francesas com realizações sociais norte-americanas, que tinham as suas bases em dois princípios que se completavam. O primeiro: a educação escolar era não só um direito de todos os cidadãos, mas o meio mais imediato, justo e realizável de construção das bases de uma sociedade democrática. O segundo: modificações fundamentais nas formas e na qualidade da participação de inúmeros brasileiros, tanto na cultura quanto na vida econômica e política do país, eram uma condição fundamental para a melhoria dos indicadores de nossa situação de atraso e pobreza. A educação estendida a todos através de uma mesma escola – pública, laica e gratuita – é um instrumento indispensável em tudo isto. (Brandão, 1983, p. 22-23).

A Educação de base irá sofrer uma transformação, propondo-se como uma Educação libertadora e posteriormente Educação Popular, e no início da década de 60, temos a experiência realizada por Freire (1963) com seu método de alfabetização em Angicos- RN, pela Universidade de Pernambuco.

Segundo Santos, a abertura política em 1988, na promulgação da nova Constituição Brasileira facilitou o surgimento da LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, em 1996. Nessa constituição é contemplada uma seção para a modalidade de ensino EJA, “prevendo garantias de oferta na educação básica em 1998, promulgada a Resolução CEB Nº 2, DE 7 DE ABRIL DE - Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.

Os princípios éticos de autonomia, da responsabilidade e do respeito ao bem comum; os princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais. (Resolução CEB nº 2, 1998, p. 01).

Com as primícias estabelecidas na Resolução CEB Nº 2, Santos ao adotar a técnica do Teatro Jornal de Boal justifica sua prática e pesquisa a partir da citação de Brunel que afirma:

Os problemas sociais e econômicos agravados no decorrer dos anos se verificam na sala de aula, quando observamos as angústias e as inquietudes desses jovens em relação à realidade atual brasileira e ao seu futuro. (Brunel, *apud* Santos, 2020, p. 125).

A preocupação do arte-educador encontra reforço não apenas em Boal e sua proposta pedagógica por meio do teatro, mas igualmente em Freire, quando Santos cita:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência e a constante convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida de neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos. (Freire, 1996, p. 30-31).

Nessa ponderação de Freire visualizamos elementos para reconhecer afinidades entre os autores e o compromisso com a análise crítica da realidade, a denúncia de situações opressoras e o anúncio de outras formas de relacionar com o outro. Além disso, Boal consegue contemplar, tematizar, provocar reflexões e proposições acerca das diferentes expressões da opressão e do oprimido. Veja-se:

O teatro do oprimido não é um teatro de classe. Não é, por exemplo, o teatro proletário. Esse tem como temática os problemas de uma classe em sua totalidade: os problemas proletários. Mas no interior mesmo da classe proletária podem existir (e evidentemente existem) opressões. Pode acontecer que essas opressões sejam o resultado da universalização dos valores da classe dominante ("As ideias dominantes numa sociedade são as ideias da classe dominante" – Marx). Seja como for, é evidente que na classe operária podem existir (e existem) opressões de homens contra mulheres, de adultos contra jovens etc. O teatro do oprimido será o teatro também desses oprimidos em particular, e não apenas dos proletários em geral. Da mesma forma que o teatro do oprimido não é um teatro de classe, igualmente não é um teatro de sexo (feminista, por exemplo), ou nacional, ou de raça etc., porque também nesses conjuntos existem opressões. Portanto, a melhor definição para o teatro do oprimido seria a de que se trata do teatro das classes oprimidas e de todos os oprimidos, mesmo no interior dessas classes. (Boal, 1980, p. 25).

Quando conhecemos e entendemos os objetivos do trabalho, os jogos teatrais do TO, a reflexão e oportunidade que Boal nos oferece com o fomento da criatividade, vivência dos jogos que consolidam nas apresentações, rodas de conversas e debates, a ação educativa se

aproxima da intencionalidade da educação Freiriana: conscientizando, transformando, contexto/comunidade e pessoas, vivenciando o esperar e cidadania.

Nesse contexto, Santos nos apresenta a técnica do Teatro-Jornal, aplicado às turmas de aulas de Teatro EJA. A técnica consiste em utilizar notícias da mídia impressa para improvisações teatrais, seguidas de debates e reflexões sobre os temas vigentes na comunidade em que os estudantes estão inseridos ou em outros contextos maiores. Os principais objetivos da prática do Teatro-jornal são investigar e discutir os problemas sociais, como nos ensina Boal:

[...] consistia na investigação de técnicas, nove ao todo, onde era possível transformar qualquer notícia de jornal em cena de teatro. Não tinha o objetivo de realizar um espetáculo acabado e bem-sucedido, mas de instrumento de discussão dos problemas que afetam a sociedade. (Boal, 1979, p. 42).

Santos serve-se da técnica sugerida por Boal por entender que as notícias encaradas como verdades absolutas dentro de um sistema cultural econômico e social pré-estabelecido necessitam de um constante questionamento. Esse questionar o que foi estabelecido sem critério, no mais das vezes, provoca o ato de debater sugerido por Santos, a partir de sua interpretação da proposta de Freire:

Partindo desse ato de “debater” Freiriano e do “questionar os fatos” de Boal, no processo das aulas de teatro, utilizamos as notícias de jornais, transpostas para cena, como forma de propiciar um momento em que o sujeito Ensino de teatro na educação de jovens e adultos possa exercer outras formas de reflexão. Sabedor de uma visão de que os fatos viram história, o aluno pode desenvolver uma postura crítica dialética, através das improvisações, discussões e montagens de cenas que dialoga com vários pontos de vista. (Santos, 2020, p.128-129).

O autor relata a técnica do Teatro-Jornal aplicada, utilizando a educação Freiriana, analisando e conhecendo a comunidade:

Iniciei o ensino de teatro, na EJA, aplicando uma das técnicas do Teatro do Oprimido chamada de Teatro-Jornal. Nos anos 1960, Augusto Boal desenvolveu um teatro popular que chamou de “Teatro do Oprimido” – um teatro voltado para a discussão das necessidades do povo. Trata-se, até os dias atuais, de uma forma de praticar/vivenciar alguns caminhos pelos quais o cidadão pode reassumir sua função de protagonista no teatro e na sociedade. (Santos, 2020, p. 126).

Nessa atividade, realizada com a técnica do Teatro-Jornal e o debate freiriano, encontramos um diálogo consistente entre Freire e Boal. Freire considera o contexto do alfabetizando. A técnica do Teatro Jornal de Boal divulgando as notícias atuais da imprensa local da cidade “São Leopoldo” questiona as informações, buscando o desenvolvimento da consciência crítica do educando.

O artigo apresenta resultados de uma pesquisa etnográfica, baseada nas relações cotidianas. Coloca a cultura como centro, trazendo a lógica das relações sociais, revelando a questão cultural oculta dos oprimidos pelo diálogo. A metodologia político-pedagógico-teatral propõe uma aprendizagem ampla, consciente e cidadã, gerando uma reapropriação cultural. Santos, relata o trabalho feito com os estudantes por meio da técnica do Teatro Jornal:

Após apresentarem, realizamos um debate para que eu pudesse mais uma vez ouvir as impressões dos que apresentaram e dos que formavam a plateia. Notadamente angustiadas, três alunas passaram a comentar espaçadamente que a situação da peça era réplica de suas vidas. (Santos, 2020, p.136).

As três estudantes, haviam participado enquanto autoras e público. Segundo Santos: “O processo de reflexão a respeito da condição humana destas alunas, que viviam no limite entre a realidade e a ficção, foi transformado em ação”. (Santos, 2020, p.137). O TO possibilita às pessoas e aos personagens se confundirem, proporciona, literalmente, reapropriação cultural no aspecto físico e artístico, gerando a possibilidade de partir da própria autorreflexão criar condições favoráveis a um processo emancipatório.

2.3 - Entrecruzando resultados

Os resultados das análises das obras dos educadores supracitados demonstraram a proximidade entre Freire e Boal. Permitiram visualizar probabilidades de novas formulações político pedagógicas culturais, ampliando a visão sobre intervenções transformadoras a favor do **oprimido**. Há inúmeras interlocuções nos possíveis diálogos e nas contribuições dos dois autores. Não há contradições nas proposições envolvendo elaborações de Paulo Freire e de Augusto Boal para a Educação - Cultura de Jovens e Adultos. Se considerarmos a importância das duas propostas teóricas e metodológicas, podemos afirmar que, vistas sob dois ângulos e servindo-se de diferentes técnicas e filiações ao campo do método, chegam a um mesmo resultado, vinculado à denúncia das opressões e anúncio de possibilidades de conscientização e superação das mesmas.

Ao analisar o resultado das propostas desenvolvidas pelos dois pesquisadores arte-educadores observo que tanto um como o outro utilizaram, embora de formas diferentes, uma proposta de educação fundamentada no pensamento de Freire desenvolvido em sua *Pedagogia do Oprimido* e na proposta de Boal encontrada em seu *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*.

Julia Fagundes centrou seu trabalho na ideia de que um processo de consciência e de diálogo desenvolvido por meio da técnica de Boal e da criação de um Diário de bordo Coletivo, que privilegia a palavra e conduziria o educando a uma reflexão sistematizada sobre seu próprio processo de vida e realidade social. Já Márcio Santos pelo uso da técnica do Teatro Jornal chega a uma conclusão semelhante à de Julia Fagundes: define em que ponto o uso de um discurso pode ser enganoso, mas ao mesmo tempo, se questionado pode permitir uma transformação da realidade vivida, por meio de uma ação consciente. Ambos buscaram diferentes propostas para um mesmo objetivo e encontraram um resultado positivo, de acordo com os relatos de seus trabalhos: uma metodologia muito clara, bem aplicada, que confirma a potência da articulação.

É a partir das considerações dos autores Fagundes e Santos, cujas obras analisei, que, também, posso afirmar que é possível dialogicidade entre os discursos e propostas metodológicas de Freire e Boal. Se, todavia, não há uma aproximação formal de técnicas pedagógicas, um centra-se na educação, outro na arte do teatro, esse fato não anula o diálogo que se pode estabelecer entre eles.

Os mesmos valores éticos e solidários são encontrados na obra de ambos, cuja preocupação e desejo de intervir na realidade do estudante e na formação do cidadão é uma prática constante e uma busca permanente.

Por meio das ações executadas pelos dois educadores, que são referências específicas no presente trabalho, podemos afirmar que a adoção da metodologia desenvolvida por Boal em sua obra *O Teatro do Oprimido*, bem como pela proposta de Freire com sua *Pedagogia do Oprimido* são possíveis de serem aplicadas no desenvolvimento da EJA. E a análise das proposições contidas nas obras de Boal e Freire, que realizamos, nos confirma a possibilidade de sua aplicação.

Assim, os objetivos estabelecidos para a pesquisa foram alcançados. As contribuições de Freire e Boal para a EJA e os possíveis diálogos entre esses autores foram evidenciados, a dialogicidade de Freire e as técnicas e jogos teatrais, criadas por Boal, **contribuem** para o desenvolvimento e a reflexão crítica dos educandos - educadores, educadores-educandos, e

são capazes de promover a Educação emancipadora necessária para jovens e adultos se tornarem agentes e protagonistas do mundo em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSIÇÕES: Eliminando fronteiras – encurtando distâncias

A cada espaço sagrado seu mistério. Se o espaço da educação e da escola pode ser considerado sagrado, também é sagrado o espaço do teatro cuja palavra em sua etimologia significava exatamente isso *Theos* = **deus**; *athrum*= **espaço**, portanto espaço de Deus, ou seja, espaço onde se congregam as energias divinas, um espaço de potencialidades a serem descobertas e compartilhadas. É importante lembrar que o teatro nos primórdios de seu nascimento tinha uma função essencialmente pedagógica.²⁷

É essa função pedagógica e didática que a proposta de Augusto Boal pretende recuperar. Por outro lado, se o verdadeiro teatro reside na invenção do diálogo é lá que tudo começa. Dialogar; comunicar; criar pontes; encurtar distâncias; eliminar fronteiras. Quais? As que foram criadas por estruturas opressoras que impedem o ser humano de educar-se na totalidade, compreendendo o mundo e inserindo-se nele como sujeito agente, como participe de sua própria história. São os elementos que encontramos nas propostas de Paulo Freire e Augusto Boal, propostas que dialogam entre si e que por diferentes caminhos se unem num mesmo objetivo: criar uma via de acesso à educação e à cultura eliminando a figura sempre constante encontrada e defendida por um sistema que cria e impõe sua visão de mundo sem a escuta dos oprimidos. Um sistema vertical que cria uma hierarquia de dominação, de opressores e oprimidos. Uma hierarquia que se torna arquétipo da tragédia humana, onde o homem não pode expressar-se segundo suas próprias aspirações e necessidades.

Quando Freire analisa o contexto em que o brasileiro é alfabetizado e educado o que ele encontra é exatamente uma política de dominação. Em sua *Pedagogia do Oprimido* ele propõe o fim desta situação. Suas contribuições para a criação de olhar humano e solidário e de uma nova política educacional em que a alfabetização emancipadora de Jovens e Adultos se torne possível, são inegáveis. Parafraseando um adágio antigo que diz que ‘Deus fez o mundo redondo para que mesmo aqueles que andam em direções opostas se encontrem’ o encontro entre Freire e Boal não podia deixar de acontecer. Pensamos que um possível encontro físico tenha se dado quando do recebimento do título de Doutor *Honoris Causa* oferecido pela University of Nebraska, Estados Unidos, em que ambos foram homenageados. Mas, um encontro de ideias, de propostas, e de desejos marcados pelo sentido do dever, da vocação, da paixão, e do respeito pelo outro, sem dúvida é inegável.

²⁷ Este parágrafo é resultante da conversa tida com a profa. Dra. Irley Machado em um de nossos encontros de seu grupo de pesquisa.

Cada um serviu-se das ferramentas que possuía e acionou o “duende criador”²⁸, esta força que se manifesta, não se sabe vinda de onde, mas que nos faz avançar, construir, permitir a construção do outro, desenvolver o olhar, abrir a alma e ofertar o próprio conhecimento colocando-o a serviço de uma causa maior.

Como professora pesquisadora, conhecemos o contexto escolar, os desafios encontrados pelos educandos e educadores da EJA em relação à metodologia. Percebe-se que a escola não acolhe a diferença, não gera o interesse capaz de manter o educando, culminado na retirada de condição do estudante continuar frequentando a escola. Além da não formação dos professores para uma metodologia potencialmente emancipatória que reflete sobremaneira nos educandos-educadores. O tipo de uso, majoritário, das novas tecnologias não tem ajudado no processo de estimular o aprendizado necessário para a autoria e autonomia do educador-educando. Vivemos um momento de retrocesso democrático e apatia que não sabemos quando ou como vai parar. Instalou-se uma espécie de atrofia do conhecimento necessário para auxiliar a superação da barbárie. A verticalidade como é conduzida a educação contribui para gerar uma hierarquia difícil de superar, em que papéis se constituem e se transformam sempre em oprimidos e opressores.

Apenas ensinar a ler, decifrar sinais gráficos não é alfabetizar. A leitura vai além. Alfabetizar é desenvolver a **leitura de mundo** do educando, **sua realidade, seus conhecimentos, seus desejos.**

Esta pesquisa centrou-se na análise das obras de Paulo Freire e Augusto Boal, *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 1967) e *O teatro do oprimido e outras poéticas políticas* (1975), e na pesquisa bibliográfica, buscando possíveis diálogos entre ambos e contribuições para uma Educação de Jovens e Adultos formadora de um pensamento emancipador, crítico e autônomo.

Nas obras de Figueiredo e Santos, que buscaram nos referidos autores referências metodológicas, encontramos resultados nas quais as proposições de Freire e Boal contribuíram de forma eficaz para uma educação emancipatória.

Com base nos resultados desta pesquisa bibliográfica e da análise das obras mencionadas de Freire e de Boal, propomos Diálogos com Professores da EJA sobre ações educativas em desenvolvimento, a educação freiriana, que parte contexto de vida do educando,

²⁸ Federico García Lorca definia o duende como sendo o espírito oculto da dolorosa Espanha. Para ele o duende é o poder misterioso que todos sentem e nenhum filósofo explica. O ato de criar arte se não tiver duende não será criação.

a partir da palavra geradora e do tema gerador, associada ao projeto desenvolvido por Augusto Boal, por meio da proposta metodológica do Teatro do Oprimido.

A proposta metodológica do Teatro do Oprimido e a educação freiriana tornam-se elementos facilitadores da relação educador-educando, educando-educador, expectador-ator, ator-expectador. Isso porque a metodologia teatral de Boal parte de algo mais profundo, parte do corpo do educando, de sua sensibilidade, de sua abertura para o jogo e de um registro afetivo. Não há como separar o desenvolvimento cognitivo do afetivo, separados geram lacunas. E a educação freiriana, com base na palavra geradora e no tema gerador, na realidade problematizada, associada ao Teatro do Oprimido, pode impactar, também, a formação com os profissionais que atuam na EJA.

Daí a proposição de que esse Diálogo com Professores da EJA crie espaços formativos que proporcionem formação com os educadores-educandos, a partir da leitura de mundo do estudante e do professor e, por meio da busca da palavra geradora ou tema gerador, investigar, buscando conhecer o contexto, a realidade do estudante e dos profissionais da EJA. Sensibilizando-os a participarem, vivenciarem os jogos teatrais, revelando e compreendendo sua realidade, suas necessidades. Investigando e vivenciando a aplicação das proposições de Paulo Freire e Augusto Boal na criação de uma metodologia inovadora para a alfabetização e pós-alfabetização, anunciando a esperança na criação de uma nova realidade na alfabetização integral do ser.

Pensamos que a proposta de Diálogos com Professores da EJA, um processo formativo sobre as contribuições de Freire e Boal, pode se dar a partir dos seguintes atos:

- a) Escuta e análise coletiva das experiências dos profissionais na EJA.
- b) Levantamento sobre os conhecimentos que esses profissionais possuem sobre educação freiriana e Teatro do Oprimido de Boal.
- c) Situar as metodologias de Freire e Boal dentro do contexto histórico em que foram criadas, discutindo com os participantes sobre importância e causa de suas criações, com base em referências bibliográficas sobre a temática.
- d) Roda de conversa sobre as obras de Freire e de Boal e possibilidades de fomentar Ações educativas transformadoras na EJA.
- e) De forma concomitante, aplicar os exercícios teatrais propostos por Boal, por meio de oficinas de jogos e técnicas. Um dos exercícios de Boal sugere a criação de uma técnica chamada “teatro jornal” que leva o participante a refletir e descrever sua realidade social e quais as possibilidades de: a partir de um processo de conscientização de suas dificuldades e qualidades propor as mudanças necessárias.

- f) Dentro da questão de identificação de grupos começar-se-á a pesquisar, no contexto da atualidade e realidade dos participantes, quais são as palavras geradoras e os temas geradores, conforme proposto por Freire. Desenvolver formação com os profissionais a partir dessas palavras ou temas.
- g) União de técnicas. A união das técnicas é de fundamental importância para a criação de uma metodologia aplicada possível de vir a ser usada pelos participantes em suas aulas de alfabetização de jovens e adultos. Quando pensamos, por exemplo, no uso de uma técnica sugerida por Boal conhecida como teatro jornal, imediatamente nos vem à mente a ideia de Freire com a palavra geradora: Quando se busca a partir do teatro jornal as palavras impressas, torna-se fácil associá-las as palavras que compõem nosso dia a dia, assim a partir de um pensamento crítico reflexivo construímos nosso universo que se amplia e que nos ensina e não só a ler palavras, mas a interpretá-las dentro de um contexto maior.

Por fim, os resultados que observamos com o estudo que finalizamos, em parte, nos leva a continuar refletindo sobre a importância das formulações de Freire e Boal. Para continuar essa trajetória investigativa, cito um dos últimos registros de Freire e fragmentos da obra de Boal.

Conheça a carta do educador

[...] Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com ²⁹adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos.

Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros.³⁰

³⁰ Os textos de Paulo Freire eram escritos à mão e depois digitados no computador pela secretária Lilian Contrera. Com ajuda dela, Freire costumava revisá-los na tela, trocando parágrafos de lugar, substituindo palavras e esclarecendo raciocínios, se preciso. Sua última "carta" não foi revisada. Segundo Contrera, ainda não está

São Paulo, domingo, 11 de maio de 1997.

Veja-se o pensamento de Boal.

[...] para mim, o importante é que [o espetáculo] seja feito com muita verdade, muita sinceridade, muita cor, que pode até exagerar um pouco, mas que fique claro, bem claro, que somos belos porque somos nós, e nenhuma cultura imposta é mais bela do que a nossa. É preciso que fique claro que nós somos Caliban ³¹. (Boal, 20171979, p.15).

definido de que forma esses originais serão editados: se isoladamente ou em conjunto com outros textos ainda inéditos. "É certo que serão publicados, para levar ao público mais essas palavras de humanidade do professor", diz Contrera.

³¹ Boal faz referência ao personagem Caliban da *Tempestade* de Shakespeare, selvagem nativo da ilha que é invadida pelos nobres.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido** e outras poéticas políticas. 1ª Edição, Editora 34, 2019.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Edição revista e ampliada, 2ª Edição, BCD União de Editoras S.A,1999.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade** – Lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRANDÃO E ASSUMPTÃO Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Editora Sulina, Porto Alegre, 1983.

BRASIL. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 jun. 2022.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu**. São Paulo: Editora Scipione, 1999.

DI PIERRO, VÓVIO E ANDRADE Maria Clara, Cláudia Lemos e Eliane Ribeiro. **Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil: lições da prática**. Brasília: UNESCO, 2008.212 p.BR/2008/PI/H/271. Alfabetização de Adultos—Brasil 2. Educação de Adultos—Brasil I. UNESCO ISBN: 978-85-7562-112-9 CDD 372

FAGUNDES, J. B. **Do oprimido ao controle ambiental: o ensino-aprendizagem de arte no curso técnico em controle ambiental integrado à EJA do CED Irmã Regina**. Brasília, Universidade de Brasília- Instituto de Artes, Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES), 2018.

FERNANDES, Ismael Lorena e FERREIRA, Alves Camila. **O movimento escola sem partido: ascensão e discurso, humanidades em diálogo**. V. 10 (2021) Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2021.159234> . Acesso em: 10 jun. 2022.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Edição comemorativa dos 20 anos de publicação. ARTMED Editora S.A,1999, Reimpressão 2007.

FLORES, Paulo. **Programa do espetáculo Caliban - A Tempestade de Augusto Boal** Encenação coletiva de Teatro de Rua da Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz ; Porto Alegre, 2017. https://issuu.com/terreira.oinois/docs/caliban#google_vignette . Acesso em: 20 abr. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 23ª edição. São Paulo: Paz e Terra. 2002 - (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 51ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 77ª Edição, Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2021.

GARCÍA LORCA, Federico. **Obras Completas**. Madrid: Aguilar. 1957.

IBGE educa jovem -Conheça o Brasil – População EDUCAÇÃO - 2022

<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>

LIBÂNIO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. *Cadernos de Pesquisa*. FCC. São Paulo, v. 46, n. 159, p. 38-62, jan/mar.2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/cp/v46n159/1980-5314-cp-46-159-00038.pdf>. > Acesso em 26 de maio de 2021.

LIMA E MIOTO, Telma Cristiane Sasso de e Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. Katál*. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007.

GIL, Gilberto Passos, Album REFAZENDA, 11 faixas. 1975. <https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/discografia/refazenda.html>

MUSIAL E ARAÚJO Gilvanice Barbosa da Silva e Jurandir de Almeida, Jovens e Adultos Políticas Públicas de/para a Educação de Jovens e Adultos: **Portal de Periódicos**. CAPES; DOSSIÊ – Educação de Jovens e Adultos: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.82090>

Revistas Pedagógicas do CAED/ Secretaria de Estado de Educação com reflexões sobre as ações de intervenção pedagógica necessárias para cada aluno, Programa de Intervenção Pedagógica nas Redes Municipais de Ensino, 2012; programa-de-intervencao-pedagogica PDF (acervodenoticias.educacao.mg.gov.br)

RODRIGUES, Maria Emília de Castro. Construção das políticas de educação de jovens e adultos em Goiás. 28 p. In: Reunião Anual da ANPED, 2005. Caxambu. **Anais** da 28ª Reunião da ANPED, 2005. Caxambu, 2005.

RUMMERT Sônia Maria e VENTURA Jaqueline Pereira. Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil: a permanente (re) construção da subalternidade – considerações sobre os Programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola. *Educar*, Curitiba, n. 29, p. 29-45, Editora, UFPR, 2007.

SANTOS, Márcio Silveira dos. Ensino de teatro na educação de jovens e adultos: o teatro- jornal como recurso pedagógico. Artigo 2020; **Revista MORINGA** Arte do [S. l.], v. 11, n. 1, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.2177-8841.2020v11n1.53474. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/53474>. Acesso em: 30 abr. 2020.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez. 2001.

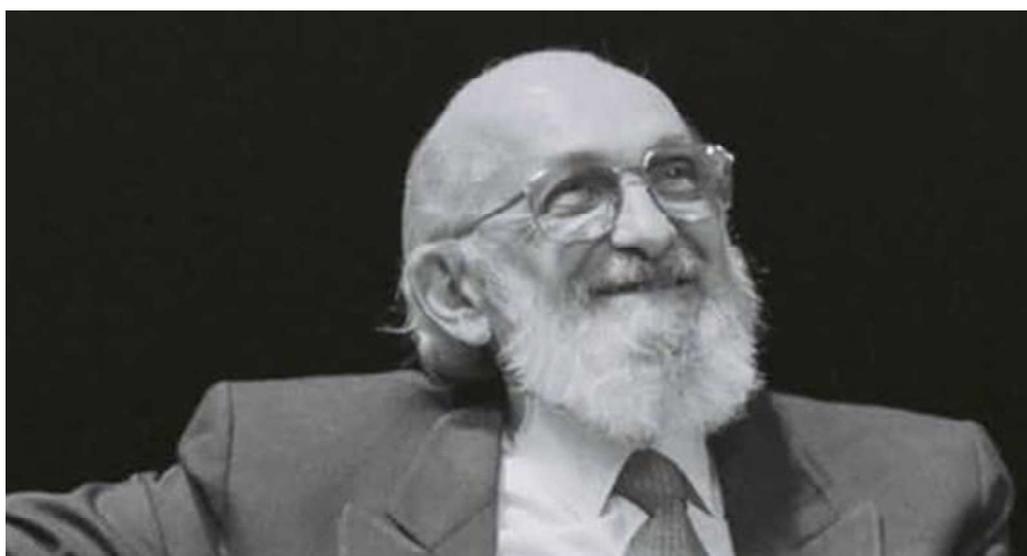
TEIXEIRA, Elenaldo Celso. O papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade. *Cadernos da AATR – BA*, Bahia, p. 1-11, 2002. Disponível: http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a_pdf/03_aatr_pp_papel.pdf. Acesso em: 30 abr. 2020.

VIANA, V. R. **Teatro do oprimido – implicações metodológicas para a educação de adultos**. Belo Horizonte; UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS Faculdade de Educação.2011

ZÂNQUETA, de Souza Tiago; NOVAIS, Santana Gercina. Colonialismo e colonialidade na educação: da denúncia ao anúncio da resistência propositiva popular. **Revista Debates em Educação**; Maceió, vol. 13/Nº 31/ j9an/abr. 2021.

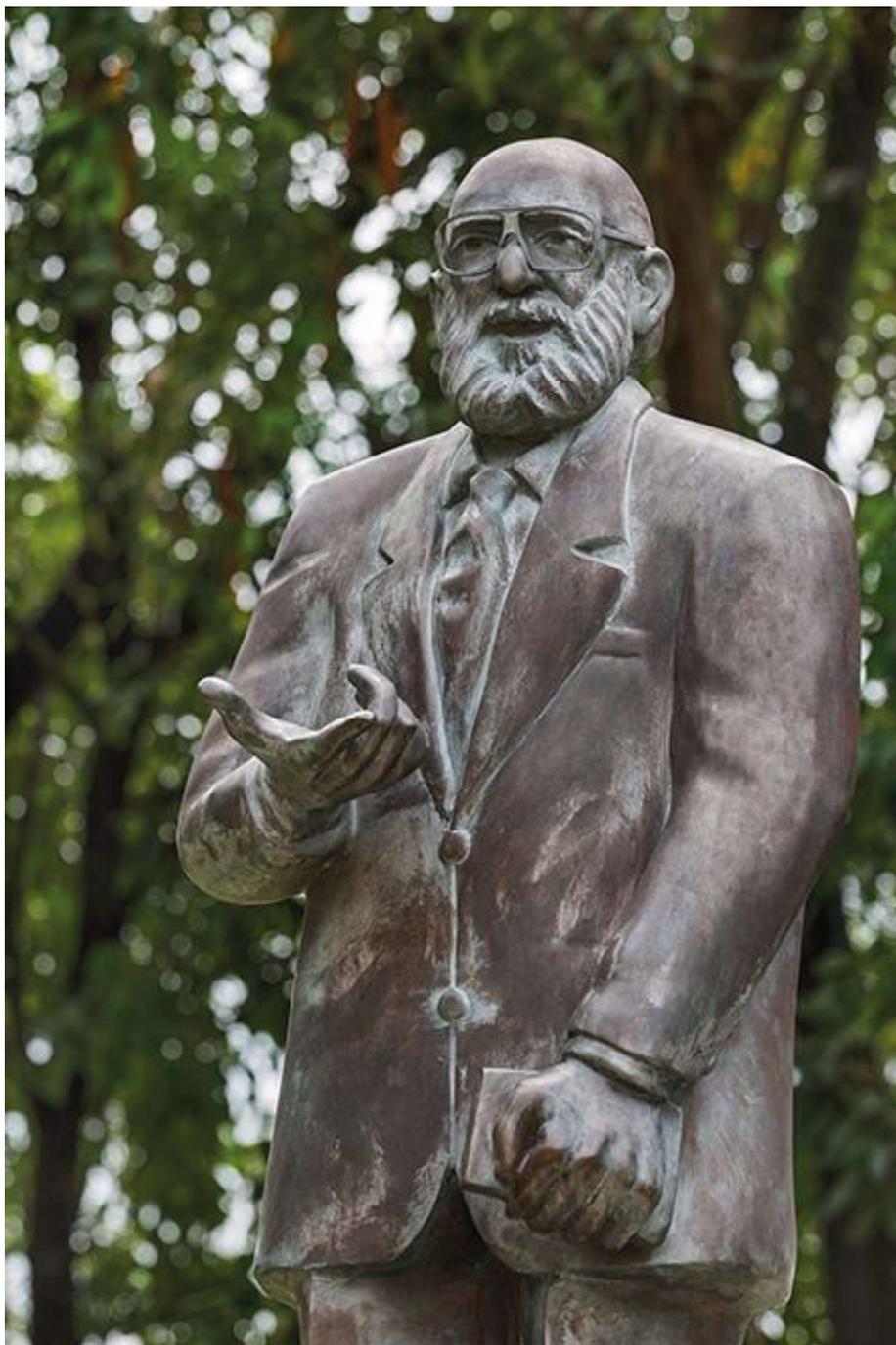
ALBUM DE IMAGENS

*Paulo Freire e Augusto Boal não estão mais fisicamente entre nós,
mas, o legado de ambos permanece vivo!*



Fonte: Carta Capital (<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/por-que-trabalho-e-legado-de-paulo-freire-sao-alvos-de-tanta-desinformacao/>)

“Não se pode falar de educação sem amor”
Paulo Freire



Fonte: Publicação Facebook Professor Paulo Freire
(<https://www.facebook.com/ProfessorPauloFreire/photos/a.423533984367655/3240154982705527/>)

Abelardo Germano da Hora (1924-2014), pernambucano de São Lourenço da Mata, foi escultor, desenhista, gravador e professor. Abelardo atuou na linha de frente, junto com Paulo Freire e outros nomes importantes, na criação do Movimento de Cultura Popular (MCP). Compartilhava com Freire o amor pela educação e pela valorização da cultura.



Fonte: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. (<https://mst.org.br/2021/04/01/especial-centenario-paulo-freire/>)

Luísa Erundina Paulo Freire e Frei Betto participando do Ato Contra a Censura nas Escolas (1989), em São Paulo. Fonte: Memorial da Educação Municipal da Cidade de São Paulo.



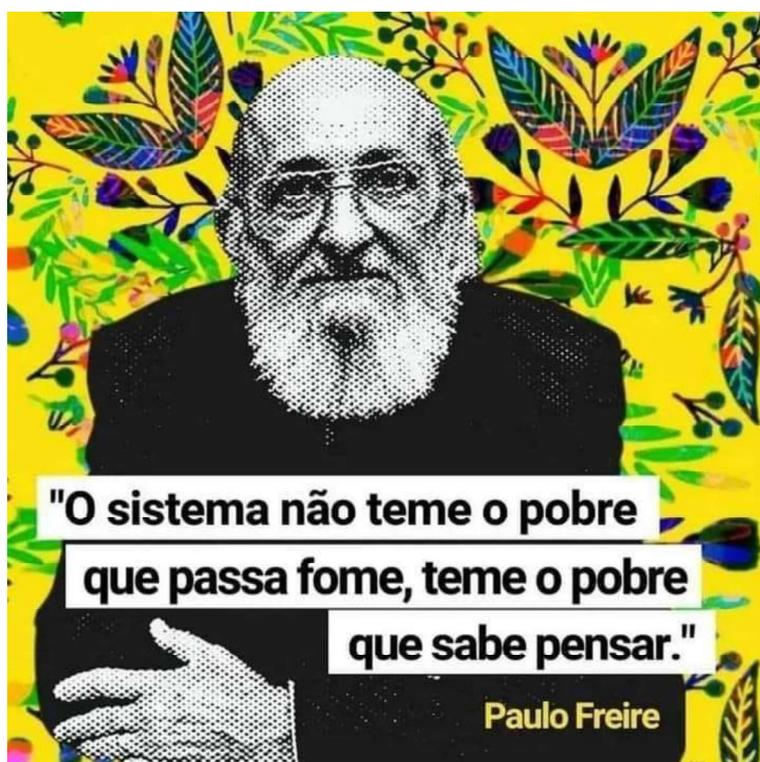
Fonte: Publicação Facebook Professor Paulo Freire (https://www.facebook.com/ProfessorPauloFreire/photos/a.1393136880740689/2114959938558376/?type=3&locale=hi_IN)

Na fotografia, Darcy Ribeiro beija a cabeça de Paulo Freire.

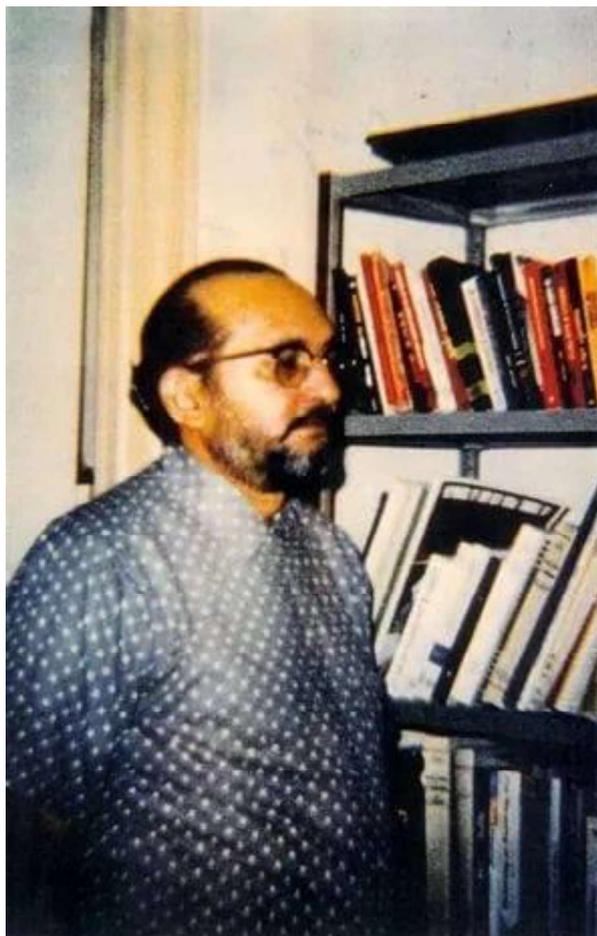


Fonte: Repórter Brasil. (<https://reporterbrasil.org.br/2019/03/criticada-pelo-governo-metodologia-paulo-freire-revolucionou-povoado-no-sertao/>)

Estudantes de Angicos, Rio Grande do Norte, sendo alfabetizados por Paulo Freire, em 1963. Freire conseguiu alfabetizar 300 trabalhadores em 40 horas. O evento, conhecido como "A experiência de Angicos" considerado o processo de alfabetização mais efetivo da história da pedagogia e aprendizagem humana.

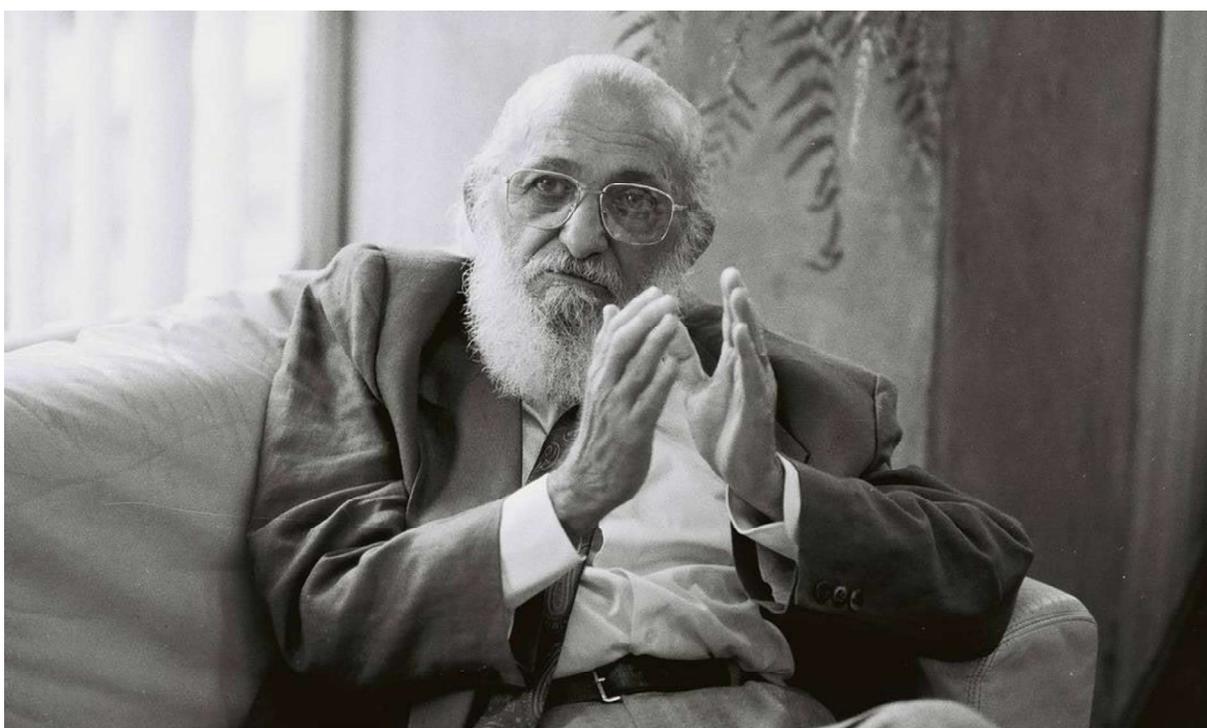


Fonte: Publicação Facebook Bao Nam. (<https://www.facebook.com/mpb.historia/photos/a.2062477367165057/5478205805592179/?type=3>)



Fonte: Acervo Paulo Freire. (<https://acervo.paulofreire.org/items/dc2768eb-86b0-473c-9f50-10b5b7b89d52>)

Paulo Freire professor visitante em Harvard.



Fonte: Centro Paula Souza. (<https://www.cps.sp.gov.br/escolas-tecnicas-promovem-atividades-durante-a-semana-paulo-freire/>)

Augusto Boal ³²



Fonte: Bacante (<https://www.bacante.org/critica/chapetuba-futebol-clube/>)

Chapetuba F. C. – Oduvaldo Viana Filho
Teatro de Arena – 1959 –
Direção: Augusto Boal

³² Imagens de algumas produções de Augusto Boal, antes de seu exílio. Fotos arquivo particular da profa. Dra. Irley Machado.



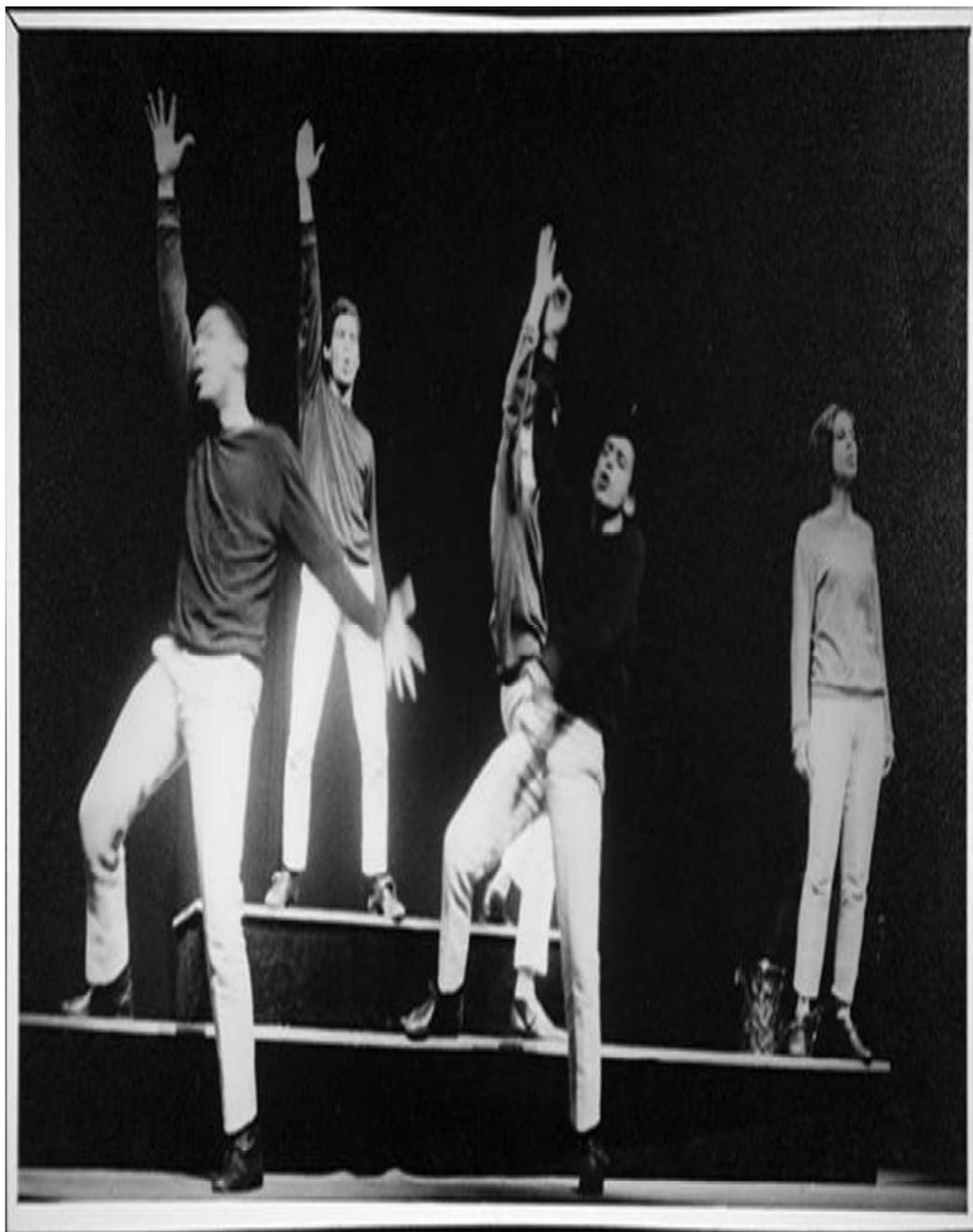
Fonte: Astro em Revista (<https://astroemrevista.blogspot.com/2012/04/riva-nimitz-os-olhos-mais-expressivos.html>)

A Farsa da esposa perfeita – 1959 – Teatro de Arena
Direção: Augusto Boal



Fonte: Projeto Klaus Werner (<https://projatoklauswerner.org/portfolio/o-melhor-juiz-o-rei/>)

O Melhor Juiz, o Rei - Lope de Vega –
Tradução: Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal
Teatro de Arena: 1961 - Direção: Augusto Boal



Fonte: Instituto Augusto Boal (<https://acervoaugustoboal.com.br/arena-canta-bahia-17>)

Arena Canta Bahia - Teatro Brasileiro de Comédia - 1965
Produção Teatro de Arena - Direção: Augusto Boal



Fonte: Instituto Augusto Boal (<http://acervoaugustoboal.com.br/la-moschetta>)

La Moschetta- Angelo Beolco – Tradução Mário da Silva
Teatro de Arena – 1967
Direção Augusto Boal



Fonte: Blog da BBM (<https://blog.bbm.usp.br/2018/arena-conta-tiradentes-um-capitulo-do-teatro-politico-brasileiro/>)

Arena conta Tiradentes - Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri
Teatro de Arena- 1967
Direção: Augusto Boal



Fonte:

https://www.google.com/url?sa=i&url=http%3A%2F%2Faugustoboal.com.br%2Fespeciais%2Fprimeira-feira-paulista-de-opinio%2F&psig=AOvVaw08thYRtJx3a6crnqQ_B2iY&ust=1704982089587000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBIQjRxqFwoTCKD3v7b_0oMDFQAAAAAdAAAAABAI

1ª. Feira Paulista de Opinião – 1968 – Teatro Ruth Escobar
Lauro César Muniz, Bráulio Pedroso, Gianfrancesco Guarnieri, Jorge Andrade,
Plínio Marcos e Augusto Boal. Produção Teatro de Arena.
Direção: Augusto Boal



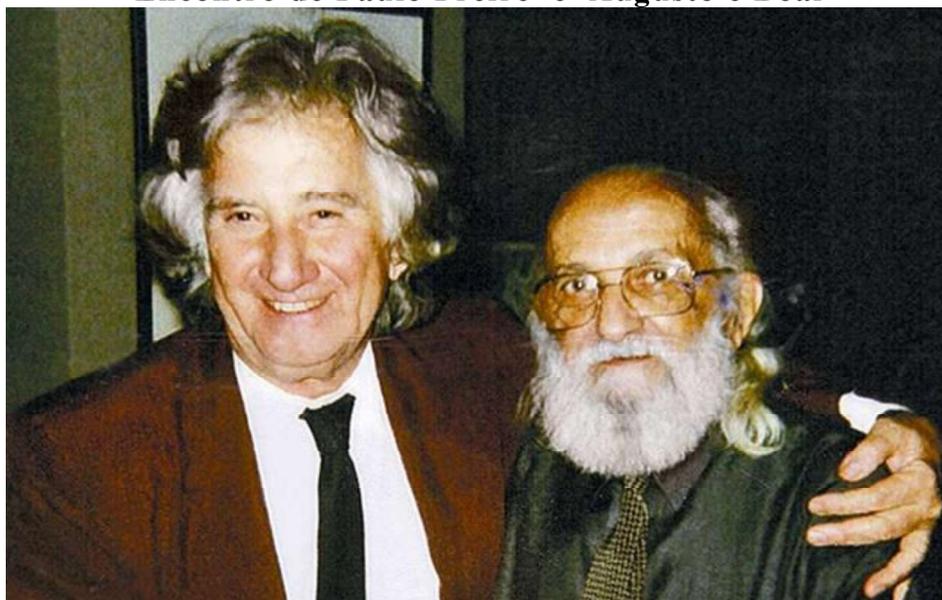
Fonte: Esquerda Diário (<https://www.esquerdadiario.com.br/Show-Opinioao-os-artistas-respondem-ao-golpe>)

Atores da 1ª Feira Paulista de Opinião – 1968 – Teatro Ruth Escobar
Lauro César Muniz, Bráulio Pedroso, Gianfrancesco Guarnieri, Jorge Andrade,
Plínio Marcos e Augusto Boal. Produção Teatro de Arena.

Direção: Augusto Boal

Destaque para a foto de Nara Leão

Encontro de Paulo Freire e Augusto e Boal



Fonte: Revista Brasileira de Educação Básica (<http://rbeducacaobasica.com.br/2021/09/13/paulo-freire-e-augusto-boal-o-dialogo-da-praxis/>)



Fonte: Instituto Augusto Boal (<https://acervoaugustoboal.com.br/augusto-boal-e-paulo-freire>)

Augusto Boal e Paulo Freire³³ em ocasião de evento de recebimento do título de Doutor Honoris Causa pela University of Nebraska, Estados Unidos.

³³ SÉRIE: Augusto Boal | AUTORIA: Não identificado
DATA: 1996 | ANO: 1996 | LOCAL: Nebraska (Estados Unidos)
TIPO DOCUMENTAL: Fotografia | CARACTERÍSTICAS: Papel; Cor
DESCRIÇÃO: Fotografias
ASSUNTOS: Pedagogia, Homenagens, Fotografia, Evento social, Augusto Boal

APÊNDICE 1 - Eixos de análise estabelecidas pelo método indutivo.

Objetivo Geral	Objeto de investigação		
<p>Elege como objetivo geral, identificar contribuições de Boal e Freire para a alfabetização de Jovens e Adultos - EJA, evidenciando diálogos possíveis entre as elaborações de Augusto Boal, especialmente em relação às obras “TEATRO DO OPRIMIDO e outras poéticas políticas(1975)”, e de Paulo Freire, PEDAGOGIA DO OPRIMIDO (1967), verificando possíveis diálogos entre esses autores e contribuições dos mesmos para a Educação de Jovens e Adultos emancipatória.</p>	<p>O Teatro do Oprimido como metodologia pedagógica, que pode fazer o diferencial na Educação de Jovens e Adultos- EJA, potencializado pelo diálogo com as formulações registradas nas obras de Freire.</p>		
<p>Objetivo específico 1</p> <p>Identificar os diálogos possíveis, valores éticos e solidários na dialogicidade de Freire e arte proposta por Boal, ao promover intervenção na realidade do estudante da EJA e formação de cidadãos.</p> <p>Examinar o pensamento de Augusto Boal relacionando-o ao de Paulo Freire, verificando justamente, a proximidade e afastamentos entre estes dois pensadores.</p>	<p>Eixo de análise 1</p> <p>Os valores éticos, solidários e conscientizadores propostos nos jogos teatrais de Boal.</p> <p>Dialogicidade, conscientização, intervenção na realidade dos estudantes, proposto por Freire, formando cidadãos.</p>		
<p>Objetivo específico 2</p> <p>Verificar a possibilidade da adoção das técnicas do Teatro do Oprimido e das formulações de Freire no desenvolvimento da EJA.</p> <p>Analisar as obras “TEATRO DO OPRIMIDO e outras poéticas (1975)”, “PEDAGOGIA DO OPRIMIDO (1967)”, verificando concepções e proposições que podem ser incorporadas na EJA.</p> <p>A Potencialidade dos jogos propostos pelo teatrólogo Augusto Boal, como metodologia pedagógica para alfabetização e politização dos Jovens e Adultos.</p>	<p>Eixo de análise 2</p>	<p>Os jogos teatrais, técnicas, ações pedagógicas de Boal e atividades voltadas para alfabetização nas propostas, e reflexões realizadas por Freire.</p>	

<p>Objetivo específico 3</p>	<p>Elaborar diretrizes para a EJA, incorporando jogos do teatro do oprimido e reflexões de Freire , construindo um produto educacional, material didático e instrucional constituído de diretrizes para elaboração de PPPs</p>	<p>Eixo de análise 3</p>	<p>Contemplar no PPP - Projeto Político Pedagógico - para a EJA, orientações teóricas e metodológicas para o desenvolvimento da Educação de Jovens e Adultos -EJA, utilizando os jogos teatrais de Boal e reflexões propostas por Freire. nos prováveis Diálogos encontrados</p>	
-------------------------------------	--	---------------------------------	--	--

Fonte: Elaboração da Autora (2023)

APÊNDICE 2 – Instrumento para a leitura da obra selecionada.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA 1

OBJETIVOS DA PESQUISA:

Analisar as obras de Paulo Freire (1967) e de Augusto Boal (1975), verificando possíveis diálogos entre esses autores e contribuições para a Educação de Jovens e Adultos emancipatória.

- Identificar os diálogos possíveis, valores éticos, solidários, na dialogicidade de Freire e arte proposta por Boal, ao promover intervenção na realidade do estudante da EJA e formação de cidadãos letrados e capazes.
- Refletir sobre as ações do homem em atividades distintas, na sala de aula, fomentando valores éticos e política social, com base nas ações e propostas pedagógicas de Freire.
- Elaborar diretrizes, inserido no projeto político pedagógico para EJA, incorporando jogos do teatro do oprimido, reflexões de Freire nos prováveis Diálogos encontrados.

QUESTÕES ORIENTADORAS DA PESQUISA

Quais são os diálogos possíveis entre as obras de Boal e Freire e as contribuições para a Educação de Jovens e Adultos emancipatória?

Como utilizar as técnicas do Teatro do Oprimido e as formulações de Freire no desenvolvimento da EJA?

FICHA PARA LEITURA E ANOTAÇÕES DAS OBRAS SELECIONADAS³⁴

Título da obra/referência completa da Obra	DO OPRIMIDO AO CONTROLE AMBIENTAL: O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ARTE NO CURSO TÉCNICO EM CONTROLE AMBIENTAL INTEGRADO À EJA DO CED IRMÃ REGINA
Nome do Autor	FAGUNDES, Júlia Brito

³⁴ Este instrumento foi elaborado por Gercina Santana Novais, utilizando orientações de Vasconcelos (1986) citadas por Lima e Miotto (2007), para Leitura das obras.

Localização	BDTD – Biblioteca Digital e Teses e Dissertações / https://bdt.d.ibict.br/vufind/ Período: 2017 a 2021		
TEMA	Teorias e conceitos relativos às especificidades do nosso contexto, propondo um planejamento de trabalho pedagógico para a disciplina Arte, inserida no percurso de formação do técnico em Controle Ambiental,		
Objetivos	Contribuições da obra para o estudo, tendo em vista as questões e objetivos da pesquisa.		
Ampliar meu entendimento sobre o papel das artes no âmbito do Curso Técnico em Controle Ambiental, articulando-o às especificidades do contexto de Educação do Campo, EJA e EP na modalidade integrada, por meio do aprofundamento dos conceitos de Educação Estética e Teatro do Oprimido.	Conceitos-chave Teatro do Oprimido. Educação Profissional. Educação de Jovens e Adultos.		Questionamentos/encaminhamentos/ como poderá ser utilizada no texto final.
	Referencial teórico BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. _____. 200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. _____. Jogos para atores e não atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. _____. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Gramond, 2009. _____. Jogos para atores e não-atores. São Paulo: SESC e Adultos – PROEJA e dá outras providências. Presidência da República Casa Civil. _____. Ministério da Educação. Programa	Reflexões Quais os limites e potencialidades da atual proposta curricular e das práticas pedagógicas da disciplina Arte na formação de futuros técnicos em Controle Ambiental, na modalidade integrada à EJA, no CED 20 Irmã Regina? A partir das reflexões tecidas nesta pesquisa, pretendo, junto a elas, continuar descobrindo práticas pedagógicas relevantes para o nosso contexto,	Capacidade reflexiva, educandos conscientes, colaborando com a construção do plano de curso da escola. Possibilitando aos educandos entender a realidade por meio de uma leitura crítica. Sobrepondo a formação conservadora.
Conceitos-chave Pertinência ao objeto de estudo proposto: Quais os limites e potencialidades da atual proposta curricular e das práticas pedagógicas da disciplina Arte na formação de futuros técnicos em Controle Ambiental, na modalidade integrada à EJA			

			<p>Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos – PROEJA: _____, Pedagogia do Oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.</p> <p>_____, Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 51 ed. Rio de Janeiro.</p>			
--	--	--	---	--	--	--

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA 2

FICHA PARA LEITURA E ANOTAÇÕES SOBRE AS OBRAS SELECIONADAS: LEITURA REFLEXIVA OU CRÍTICA E LEITURA INTERPRETATIVA³⁵

OBJETIVOS DA PESQUISA:

Analisar as obras de Paulo Freire (1967) e de Augusto Boal (1975 e 2009), verificando possíveis diálogos entre esses autores e contribuições para a Educação de Jovens e Adultos emancipatória.

- Identificar os diálogos possíveis, valores éticos, solidários, na dialogicidade de Freire e arte proposta por Boal, ao promover intervenção na realidade do estudante da EJA e formação de cidadãos letrados e capazes.
- Refletir sobre as ações do homem em atividades distintas, na sala de aula, fomentando valores éticos e política social, com base nas ações e propostas pedagógicas de Freire.
- Elaborar diretrizes, inserido no projeto político pedagógico para EJA, incorporando jogos do teatro do oprimido, reflexões de Freire nos prováveis Diálogos encontrados.

QUESTÕES ORIENTADORAS DA PESQUISA

Quais são os diálogos possíveis entre as obras de Boal e Freire e as contribuições para a Educação de Jovens e Adultos emancipatória? Como utilizar as técnicas do Teatro do Oprimido e as formulações de Freire no desenvolvimento da EJA?

Leitura reflexiva ou crítica (investigação das soluções)				Leitura interpretativa		
Título da obra	Quais são as informações apresentadas	O porquê das informações?	Quais são os fundamentos das informações	Interpretação das ideias do autor da obra.	Apresentação dos dados obtidos - Definição de categorias conceituais	Síntese integrativa/

³⁵ O Modelo da Ficha foi elaborado por Gercina Santana Novais, com base nas elaborações de Salvador(1986), citado por Lima e Miotto (2007).

<p>DO OPRIMIDO AO CONTROLE AMBIENTAL: O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ARTE NO CURSO TÉCNICO EM CONTROLE AMBIENTAL INTEGRADO À EJA DO CED IRMÃ REGINA</p>	<p>pelo autor da obra?</p> <p>Modalidade de ensino surge para oferecer ao estudante a possibilidade de cursar, de forma articulada, a formação propedêutica e a educação para o mundo do trabalho, com o intuito de que o estudante possa fazer, simultaneamente, o Ensino Médio, ou a Educação de Jovens e Adultos, e um curso técnico, recebendo, ao final, duas habilitações (DISTRITO FEDERAL, 2014a).</p> <p>PROEJA, que teve como finalidade oferecer educação técnica de nível médio a</p>	<p>Tal prática pauta-se nas ideias de Paulo Freire, que ensina que “não há prática docente sem curiosidade, sem incompletude, sem seres capazes de intervir na realidade, sem seres capazes de serem fazedores da história e ao mesmo tempo sendo feitos por ela” (FREIRE, 2008, p. 28). Essa é uma referência fundamental para as práticas que busco desenvolver.</p>	<p>apresentadas pelo autor?</p> <p>Com a revisão de literatura realizada nesta pesquisa, a maioria dos cursos técnicos integrados à EJA foi implementado nos Institutos Federais, no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Entretanto, apesar de já completar mais de uma década desde a promulgação do Decreto no .840/2006, são escassos os estudos e trabalhos acadêmicos relativos ao ensino de Arte no contexto da Educação Profissional na modalidade integrada</p> <p>1. Referencial teórico. Conceitos-chave.</p> <p>3. Fontes. o papel das artes no contexto da Educação Profissional na modalidade integrada à EJA. Mais Especificamente,</p>	<p>1.análise crítica das soluções apresentadas para o problema da pesquisa</p> <p>Articular as propostas de jogos do Teatro do Oprimido aos temas e situações-problema centralizados na disciplina de PI. Estruturalmente, a disciplina de PI é assim definida em nosso plano de curso</p> <p>-Identificação de lacunas ou inconsistências.</p> <p>-Correlação entre estas ideias e os objetivos da pesquisa bibliográfica.</p> <p>1. Comparação dos objetivos.</p> <p>2.Utilização da base teórica da pesquisa para analisar as soluções.</p> <p>3.Elaboração de ideias que podem auxiliar a solução de questões do estudo.</p> <p>Estabelecem uma possibilidade de educação alternativa para a classe trabalhadora ao regulamentar a integração da Educação Básica com a Educação Profissional na modalidade EJA.</p>	<p>-Ilustração, para ancorar as afirmações do pesquisador, com base contido nas obras analisadas.</p>	<p>- Reflexão e proposição de solução, baseada na nas obras analisadas.</p> <p>Nesse processo são utilizadas publicações não utilizadas na análise explicativa, mas que ajudam a compreender o objeto de estudo</p>
---	--	--	--	--	---	---

	um público marcado pela exclusão		<p>ressalto a prática docente articulada à Educação Profissional integrada à EJA, através de reflexões e provocações que envolvem a poética teatral do Teatro do Oprimido e as contribuições do TO e da Educação Estética para o ensino-aprendizagem na disciplina Arte, dentro do curso técnico em Controle 29 Ambiental integrado à EJA.</p> <p>No capítulo 3, as aulas e vivências são Apresentadas e Analisadas a partir da perspectiva</p> <p>4. Dados e análises</p> <p>.</p>			
--	----------------------------------	--	---	--	--	--

OBJETIVOS DA PESQUISA:

Analisar as obras de Paulo Freire (1967) e de Augusto Boal (1975 e 2009), verificando possíveis diálogos entre esses autores e contribuições para a Educação de Jovens e Adultos emancipatória.

- Identificar os diálogos possíveis, valores éticos, solidários, na dialogicidade de Freire e arte proposta por Boal, ao promover intervenção na realidade do estudante da EJA e formação de cidadãos letrados e capazes.
- Refletir sobre as ações do homem em atividades distintas, na sala de aula, fomentando valores éticos e política social, com base nas ações e propostas pedagógicas de Freire.
- Elaborar diretrizes, inserido no projeto político pedagógico para EJA, incorporando jogos do teatro do oprimido, reflexões de Freire nos prováveis Diálogos encontrados.

QUESTÕES ORIENTADORAS DA PESQUISA

Quais são os diálogos possíveis entre as obras de Boal e Freire e as contribuições para a Educação de Jovens e Adultos emancipatória?

Como utilizar as técnicas do Teatro do Oprimido e as formulações de Freire no desenvolvimento da EJA?

FICHA PARA LEITURA E ANOTAÇÕES DAS OBRAS SELECIONADAS

Título da obra/referência completa da Obra.	ENSINO DE TEATRO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O TEATRO-JORNAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO		
Nome do Autor	DOS SANTOS , Márcio Silveira		
Localização	ome&mn=68/ www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_ph		
TEMA	Teatro do Oprimido na EJA		
Objetivos	Conceitos-chave	Referencial teórico	Contribuições da obra para o estudo, tendo em vista as questões e objetivos da pesquisa

Refletir acerca de um trabalho que desenvolveu, durante um trimestre, nas aulas de teatro, em duas turmas da EJA – Educação de Jovens e Adultos –, na Escola Municipal Arthur Ostermann, no bairro Feitoria, do município de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.	Conceitos-chave	Pertinência ao objeto de estudo proposto	Como bases teóricas, foram utilizadas as teorias do Teatro do Oprimido (1975), de Augusto Boal, e a Pedagogia do Oprimido (1970), de Paulo Freire.	Reflexões	Questionamentos/encaaminhamentos/como poderá ser utilizada no texto final
E do trabalho que desenvolvido em duas turmas, durante um trimestre, nas aulas de teatro, em duas turmas da EJA – Educação de Jovens e Adultos	Educação de Jovens e Adultos; Teatro do Oprimido; Teatro-Jornal.	Metodologia do Teatro do oprimido com turmas da Educação de Jovens e Adultos	Como bases teóricas, foram utilizadas as teorias do Teatro do Oprimido (1975), de Augusto Boal, e a Pedagogia do Oprimido (1970), de Paulo Freire.	Trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil e no município que será abordado; Ampliação de ofertas de cursos superiores presenciais ou à distância, os sistemas de emprego passaram a exigir maior escolarização e especialidades para empregar pessoas no mercado do trabalho, gerando um interesse maior na retomada dos estudos EJA	Atividades com jogos teatrais e criação de cenas utilizando a metodologia do Teatro-Jornal como recurso pedagógico. Com a evolução da autonomia dos alunos, surgiu a necessidade de discutir nas cenas teatrais, com mais dedicação, sobre os fatos vigentes na sociedade do contexto local da comunidade onde se localizava a escola.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA 2

FICHA PARA LEITURA E ANOTAÇÕES SOBRE AS OBRAS SELECIONADAS: LEITURA REFLEXIVA OU CRÍTICA E LEITURA INTERPRETATIVA³⁶

³⁶ Ficha elaborada com base nas elaborações de Salvador (1986) e Lima e Miotto (2007).

OBJETIVOS DA PESQUISA:

Analisar as obras de Paulo Freire (1967) e de Augusto Boal (1975 e 2009), verificando possíveis diálogos entre esses autores e contribuições para a Educação de Jovens e Adultos emancipatória.

- Identificar os diálogos possíveis, valores éticos, solidários, na dialogicidade de Freire e arte proposta por Boal, ao promover intervenção na realidade do estudante da EJA e formação de cidadãos letrados e capazes.
- Refletir sobre as ações do homem em atividades distintas, na sala de aula, fomentando valores éticos e política social, com base nas ações e propostas pedagógicas de Freire.
- Elaborar diretrizes, inserido no projeto político pedagógico para EJA, incorporando jogos do teatro do oprimido, reflexões de Freire nos prováveis Diálogos encontrados.

QUESTÕES ORIENTADORAS DA PESQUISA

Quais são os diálogos possíveis entre as obras de Boal e Freire e as contribuições para a Educação de Jovens e Adultos emancipatória?

Como utilizar as técnicas do Teatro do Oprimido e as formulações de Freire no desenvolvimento da EJA?

Leitura reflexiva ou crítica (investigação das soluções)		Leitura interpretativa				
Título da obra ENSINO DE TEATRO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O TEATRO-JORNAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO	Quais são as informações apresentadas pelo autor da obra? Ampliação da oferta de ensino superior presencial e a distância e a, aumento de escolarização para serem empregados procura da EJA para inserção no ensino superior.	O porquê das informações? Relacionar a realidade do aluno, através das aulas de teatro, com as determinações sociais mais amplas que atuam sobre a sua vivência no dia-a-dia. Através de uma prática embasada na relação dialógica, com o propósito de uma emancipação dos alunos envolvidos no processo pedagógico, busquei a construção e afirmação de novos	Quais são os fundamentos das informações apresentadas pelo autor? 1.Referencial teórico. Teatro do Oprimido (1975), de Augusto Boal, e a Pedagogia do Oprimido (1970), de Paulo Freire. 2.Conceitos-chave.	Interpretação das ideias do autor da obra: 1.análise crítica das soluções apresentadas para o problema da pesquisa -Identificação de lacunas ou inconsistências. Hoje, com as práticas desenvolvidas, é	Apresentação dos dados obtidos: - Definição de categorias conceituais Segundo a LDB, a EJA (Educação de Jovens e Adultos) visa proporcionar acesso à formação educacional destes, a partir dos 15 anos. Tendo por objetivo cumprir de maneira satisfatória	Síntese integrativa/ - Reflexão e proposição de solução, baseada na nas obras analisadas. Nesse processo são utilizados publicações não utilizadas na análise explicativa, mas que ajudam a compreender o objeto de estudo

<p>conhecimentos adquiridos. A teoria crítica se aproximou dos propósitos das atividades, na medida em que ela afirma haver a necessidade de uma motivação política no tocante às questões sobre desigualdades e dominação que, em consequência, permeiam seus trabalhos.</p>	<p>Educação de Jovens e Adultos; Teatro do Oprimido; Teatro-Jornal. 3.Fontes. Busquei neste espaço social uma proposta de autonomia, não só do aluno, mas principalmente do homem em sua realidade (FREIRE, 1970, 1993 4.Dados e análises Nos últimos anos, houve um intenso movimento de jovens e adultos retornando à sala de aula. Quem não teve oportunidade de estudar na idade apropriada, ou que por algum motivo abandonou a escola antes de terminar a Educação Básica, está procurando as instituições de ensino para completar seus estudos. Aqueles que não sabem ler e escrever pretendem ser alfabetizados.</p>	<p>possível verificar que certas dificuldades no trato relacional da escola com alunos da EJA podem ser resolvidas quando o sistema de ensino, e por extensão também o professor, passa a conhecer efetivamente as especificidades da realidade e do contexto comunitário em que vive o aluno, e procura aplicar da melhor forma possível esse conhecimento como eixo condutor de suas propostas para as atividades de ensino e aprendizagens no ambiente escolar. -Correlação entre estas ideias e os objetivos da pesquisa bibliográfica. 1. Comparação dos objetivos. 2.Utilização da base teórica da pesquisa para analisar as soluções.</p>	<p>preparação dos jovens e adultos para o exercício da cidadania, bem como a qualificação profissional junto ao mercado de trabalho e à sociedade. Sendo assim, e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, para a concretização de uma prática administrativa e pedagógica voltada de fato para o cidadão, é necessário que o processo de ensino-aprendizagem na EJA tenha coerência com as Diretrizes curriculares Nacionais, como: os princípios éticos de autonomia, da responsabilidade e do respeito ao bem comum; os princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; os</p>	<p>Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver</p>
---	--	---	---	--

			<p>3.Elaboração de ideias que podem auxiliar a solução de questões do estudo. Na EJA, há um ambiente diversificado, as práticas de ensino com o teatro se transformam numa via que, além de trazer novas propostas de aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo, pode também esboçar novas diretrizes para as relações criadas e vividas no ambiente escolar, e que ecoam na vida cotidiana de cada um. Foi a partir desses fatores que procurei, durante neste contexto escolar, uma proposta de abordagem dialética dentro do eixo pedagógico do teatro e educação.</p>	<p>princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais. (Resolução CEB nº 2, 1998, p. 01)</p> <p>-Ilustração, para ancorar as afirmações do pesquisador, com base contido nas obras analisadas. A inclusão da linguagem artística do teatro em 2006, o currículo da EJA, do Município de São Leopoldo, colaborou na expansão de um trabalho voltado para os princípios de sensibilidade, criatividade e diversidade; para que com as práticas teatrais se pudesse fortalecer o potencial criativo dos alunos e alunas. Proporcionando,</p>	<p>com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferir aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 1996, p. 30-31)</p> <p>O teatro do oprimido não é um teatro de classe. Não é, por exemplo, o teatro proletário. Esse tem como temática os problemas de uma classe em sua totalidade: os problemas proletários. Mas no interior mesmo da classe proletária podem existir (e evidentemente existem) opressões. Pode acontecer que essas opressões sejam o resultado da universalização dos valores da classe dominante ("As ideias dominantes numa sociedade são as ideias da classe dominante" – Marx). Seja como for, é evidente que na</p>
--	--	--	---	--	--

<p>classe operária podem existir (e existem) opressões de homens contra mulheres, de adultos contra jovens, etc. O teatro do oprimido será o teatro também desses oprimidos em particular, e não apenas dos proletários em geral. Da mesma forma que o teatro do oprimido não é um teatro de classe, igualmente não é um teatro de sexo (feminista, por exemplo), ou nacional, ou de raça, etc., porque também nesses conjuntos existem opressões. Portanto, a melhor definição para o teatro do oprimido seria a de que se trata do teatro das classes oprimidas e de todos os oprimidos, mesmo no interior dessas classes.(BOAL, 1980, p. 25)</p>						
---	--	--	--	--	--	--